Plantando Igrejas



Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas

Ronaldo Lidório

A clara diferença entre a evangelização e o plantio de igrejas é o propósito. No primeiro tencionamos apresentar Cristo a um indivíduo que poderá guardar para si o evangelho ou anunciá-lo a outros. No segundo, apresentaremos Cristo a indivíduos em uma área definida de relacionamentos que se fortalecerão em uma comunidade a qual deve ser capaz de prover ensino da Palavra, ambiente para a oração e comunhão, e levá-los a apresentar Jesus a outros.

Igrejas plantam igrejas.

Lidório sustenta ainda que herdamos da Reforma "a clara preocupação com a Palavra e a convicção de que, somente por meio dela a Igreja de Cristo se enraizará entre um povo ou uma cidade". E cita Calvino: "... onde quer que vejamos a Palavra de Deus pregada e ouvida em toda a sua pureza... não há dúvida de que existe ali uma Igreja de Deus".



Ronaldo Lidório é pastor presbiteriano e membro da APMT e AMEM. Atuou como plantador de igrejas em Gana, na África, durante nove anos e no presente lidera uma equipe missionária entre diversas etnias indígenas na Amazônia brasileira. É doutor em Antropologia Cultural e autor de vários livros. Consultor da World Evangelical Alliance e outras organizações em projetos de evangelização e plantio de igrejas em áreas resistentes. Casado com Rossana e pai de dois filhos, Vivianne e Ronaldo Junior.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
www.cep.org.br

9 788576 222095

PLANTANDO IGREJAS

Teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas

Ronaldo Lidório

"Santa Lectura"

Plantando Igrejas © 2007 Editora Cultura Cristã. Publicado em português
© Ronaldo Lidório. Todos os direitos são reservados.

1ª edição – 2007 – 3.000 exemplares

Revisão
Solano Portela
Wendell Lessa
Madalena Torres

Editoração
Carlos R. Oliveira

Capa
Lela Design

Conselho Editorial
Cláudio Marra (*Presidente*), Ageu Cirilo de Magalhães Jr., Alex Barbosa Vieira, André Luiz Ramos, Fernando Hamilton Costa, Francisco Solano Portela Neto, Mauro Fernando Meister, Valdeci da Silva Santos e Francisco Baptista de Mello.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

266 Lidório, Ronaldo

L715p Plantando igrejas – teologia bíblica, princípios e estratégias de plantio de igrejas / Ronaldo Lidório. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2007.

112 p.; 16x23cm

ISBN: 978-85-7622-209-5

1. Missões 2. Plantação de igrejas 3. Crescimento

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Jr., 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Caixa Postal 15.136 – CEP 01599-970 – São Paulo – SP
Fone: (11)3207-7099 – Fax:(11)3209-1255
Ligue grátis: 0800-0141963 – www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: **Haveraldo Ferreira Vargas**
Editor: **Cláudio Antônio Batista Marra**

AGRADECIMENTOS

Ao querido Solano Portela, por sua bondosa e útil revisão do texto bem como encorajamento para sua publicação.

A Richard Hibberts e Dick Sgoggins, pela contribuição dada nas reflexões missiológicas sobre o assunto.

Ao querido Haveraldo Vargas, pelo constante encorajamento ao longo dos anos.

DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos plantadores de igrejas que seguem a Jesus e o fazem conhecido nos lugares mais improváveis da terra, confiados na promessa de que não estarão sós. Minha oração é que estas páginas lhes encorajem na caminhada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 – TEOLOGIA BÍBLICA DE PLANTIO DE IGREJAS
Reconciliando Missiologia e Teologia 17
Orientação teológica para o plantio de igrejas 19
Uma breve retrospectiva histórica e metodológica 22

CAPÍTULO 2 – TEOLOGIA BÍBLICA DA CONTEXTUALIZAÇÃO
A relevância da contextualização no plantio de igrejas 26
Os perigos impositivo, pragmático e sociológico nos pressupostos de contextualização 28
Teologia e contextualização 30
Pressupostos bíblicos para a contextualização 33
Modelos bíblicos de contextualização da mensagem 34
Critérios bíblicos para a contextualização 37

CAPÍTULO 3 – A IGREJA E SUA MISSÃO NO PLANTIO DE IGREJAS
Igreja – o conceito neotestamentário 44
Igreja – o processo de envio 49
A *Missio Dei* e a missão da igreja 53

CAPÍTULO 4 – ESTRATÉGIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS – PARTE 1
O modelo paulino de desenvolvimento de estratégias 58
Realidades que limitam o desenvolvimento de estratégias saudáveis para o plantio e crescimento de igrejas 61

CAPÍTULO 5 – ESTRATÉGIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS – PARTE 2
Estratégia 1: Pesquisa e compreensão da sociedade local 75
Estratégia 2: Abundante evangelização 79

Estratégia 3: Comunicação de um evangelho cristocêntrico 80
Estratégia 4: Oração 83
Estratégia 5: Organização de igrejas locais 85
Estratégia 6: Discipulado e treinamento de líderes locais 87
Estratégia 7: Envolvimento social que promova ações sociais 88
Estratégia 8: Desenvolvimento do perfil do plantador de igrejas 90

Capítulo 6 – O Espírito Santo e o processo de plantio de igrejas
A relação entre a expansão do reino e o Espírito Santo 100
O Pentecostes e a proclamação 102

Conclusão – Crônica do semeador 105

Trabalhos Citados 107

Notas 109

INTRODUÇÃO



Neste livro desejo abordar o assunto do plantio de igrejas sob três prismas: a teologia do plantio de igrejas, os princípios e estratégias do plantio de igrejas em uma cosmovisão bíblica, e por fim as possibilidades de um movimento de plantio de igrejas.

Bosch[1] entende que a igreja no final do século 1º passou a ter uma clara compreensão da necessidade da *ekklesia* – igreja local – para o enraizamento do evangelho nas cidades, províncias e regiões mais distantes entre os gentios. Michael Green[2] destaca que houve uma mudança de percepção quanto à missão evangelística da igreja logo no fim do século 1º ao perceberem que Jerusalém deveria ser o berço do evangelho e não o centro do evangelho. Nascia o sentimento de que a igreja de Cristo deveria se espalhar pelo mundo por meio de igrejas locais.

O apóstolo Paulo, mais do que qualquer outro, observou a necessidade de não apenas evangelizar as áreas distantes, mas plantar ali igrejas locais que vivam Cristo e falem do seu nome. Paulo usa as expressões plantar (1Co 3.6-9; 9.7,10,11), lançar alicerces (Rm 15.20, 1Co 3.10) e dar a luz (1Co 4.15) ao se referir ao plantio de igrejas. Bowers defende que Paulo, ao afirmar que proclamou o evangelho de Cristo de forma completa (Rm 15.19), se referia que igrejas haviam sido plantadas em toda aquela região. O'Brien, concordando com Bowers, expressa que "*proclamar o evangelho para Paulo não se resumia simplesmente à pregação inicial ou à colheita de alguns frutos. Incluía toda uma série de atividades ligadas ao amadurecimento e fortalecimento dos convertidos com o intuito de estabelecê-los em novas igrejas locais*".

Apesar de a missão da igreja, sua *vox clamantis*, não ter sido a ênfase da Reforma Protestante, certamente herdamos deste período a clara preocupação com a Palavra e a convicção de que, somente por meio dela, a igreja de Cristo se enraizará entre um povo ou uma cidade. João Calvino enfatizava que "... *onde*

quer que vejamos a Palavra de Deus pregada e ouvida em toda a sua pureza... não há dúvida de que existe ali uma igreja de Deus"[3].

O próprio termo para igreja no Novo Testamento — *ekklesia* — é composto pela preposição *ek* (para fora de) e a raiz *kaleo* (chamar) que literalmente poderia ser traduzido por "*chamada para fora de*", dando-nos a idéia de uma comunidade dinâmica, crescente, local, não enraizada em si mesma ou com uma missão puramente interna. Obviamente o termo também está ligado a "*agrupamento de indivíduos*" e, de certa forma, a "*instituição*"; porém, em todo Novo Testamento adquire o conceito de "*comunidade dos santos*" e com exceção de Mateus 16.18 e 18.17 está ausente dos evangelhos aparecendo, porém, 23 vezes em Atos e mais de 100 vezes em todo o Novo Testamento.

Creio que não há forma mais duradoura de se estabelecer o evangelho em um bairro, cidade, clã ou tribo a não ser por meio da plantação de uma igreja local, bíblica, viva, contextualizada e missionária.

De acordo com Van Rheenen, plantar igrejas é o ato de reproduzir comunidades de adoração que refletem o Reino de Deus no mundo mediante a proclamação do evangelho vivo. Donald MacGavran desenvolveu o estudo sobre crescimento de igrejas e logo depois Garrison o apresentou em forma de movimentos descritos como "*um rápido e exponencial movimento de crescimento de igrejas nativas, plantando igrejas dentro de um povo específico, área ou segmento*".

Devido à diversidade de termos e definições há algumas limitações no estudo do assunto.

Uma destas limitações é o estigma normalmente ligado ao conceito de plantio de igrejas. É a abordagem *pragmática*. Como é um assunto freqüentemente associado à metodologia e processo de campo – sob um ponto de vista pragmático – somos levados a entender e avaliar plantio de igrejas baseados mais nos resultados do que em seus fundamentos teológicos. Conseqüentemente o que é bíblico e teologicamente evidente se torna menos importante do que aquilo que é funcional e pragmaticamente efetivo.[4] Estou convencido de que todas as decisões missiológicas devem estar enraizadas em uma boa fundamentação bíblico-teológica se desejamos ser coerentes com a expressão do mandamento de Deus (At 2.42-47).

Uma segunda limitação é aceitar o plantio de igrejas como sendo nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas. Chamarei esta perspectiva de abordagem *sociológica*. Isto ocorre quando plantadores de igrejas tomam decisões baseadas puramente na avaliação e interpretação sociológica das necessidades humanas e não nas instruções das Escrituras. Neste caso, os assuntos culturais e carências humanas, em vez das Escrituras, determinam e flexibilizam a teologia a ser aplicada a certo grupo ou segmento. Vi-

cedon afirma que somente um profundo conhecimento bíblico da natureza da igreja (Ef 1.23) irá capacitar plantadores de igrejas a terem atitudes enraizadas na *Missio Dei* e não na demanda da sociedade.[5] A defesa de um evangelho integral não deve ser confundida com o esquecimento dos fundamentos da teologia bíblica. E esta deve ser nossa crescente preocupação por vivermos em um contexto pós-cristão, pós-moderno e hedônico.

Uma terceira limitação é a abordagem *eclesiológica*, a qual está ligada à nossa compreensão da própria natureza da igreja. Apesar de concordar com Bosch que "*não é a igreja de Deus que tem uma missão no mundo, mas o Deus da missão que tem uma igreja no mundo*" precisamos clarear o valor da igreja em termos de identidade. Quando Dietrich Bonhoeffer escreveu que "*a igreja é igreja apenas quando existe para outros*"[6], creio que ele está parcialmente certo. Apesar de a igreja exercer um papel prioritário em termos de atuação missionária, seu valor intrínseco, de extramissão proclamadora, precisa ser reconhecido, porque é o resultado do sacrifício de Jesus — e Jesus e a cruz são o centro do plano de Deus. Assim, apesar de a missão ser uma constante prioridade bíblica na vida da igreja não devemos definir esta igreja apenas a partir da proclamação do evangelho sob pena de nos tornarmos extremamente funcionalistas e utilitários. Adoração, doutrina, fidelidade, santidade, unidade e comunhão são também importantes aspectos que compõem a identidade da igreja. Assim sendo, a igreja não é um mecanismo primariamente desenhado para evangelizar pessoas, mas um instrumento para glorificar a Deus (Ef 3.10), e a evangelização é uma de suas funções e resultado de sua existência. A ausência desta compreensão mais ampla tem gerado igrejas que, com competência, espalham o evangelho, mesmo não vivenciando este evangelho em sua vida diária. Igrejas evidentemente missionárias, mas sem o caráter de Jesus. Bíblicas apenas em uma fatia da vida cristã.

Esta compreensão eclesiológica, porém, não diminui a responsabilidade da igreja perante o mandamento missionário de Cristo. Não podemos subestimar nossa vocação missionária de proclamar o evangelho a tempo e fora de tempo, enquanto é dia. A proclamação, apesar de não ser a única característica procurada por Deus em sua igreja, é possivelmente a mais urgente e vital para o mundo em trevas. A ausência deste sentimento na vida diária da igreja é sintoma de enfermidade crônica espiritual e bíblica. Tendo dito isto devemos compreender que Deus pode ser glorificado tanto em uma cruzada evangelística com um milhão de pessoas em Acra como em um culto doméstico em uma pequena igreja em Hayacucho (Rm 16.25-27).

A clara diferença entre a evangelização e o plantio de igrejas é o propósito. No primeiro, tencionamos apresentar Cristo a um indivíduo que poderá guardar

para si o evangelho ou anunciá-lo a outros. No segundo, apresentaremos Cristo a indivíduos em uma área definida de relacionamentos que se fortalecerão em uma comunidade, a qual deve ser capaz de prover ensino da Palavra, ambiente para a oração e comunhão, e levá-los a apresentar Jesus a outros. Igrejas plantam igrejas.

O apóstolo Paulo, além de todas as suas iniciativas evangelísticas pessoais, jamais deixou dúvida de que a estratégia para a evangelização de um povo, cidade ou bairro, seria plenamente atingida apenas por meio do plantio de igrejas locais bíblicas, vivas, auto-sustentáveis, autogovernáveis e missionárias.

A igreja plantada mais rapidamente em todo o Novo Testamento foi plantada por Paulo em Tessalônica. Ali o apóstolo pregava a Palavra aos sábados nas sinagogas e durante a semana na praça, e o fez durante 3 semanas, nascendo então uma igreja local. Em 1 Tessalonicenses 1.5 Paulo nos diz que o *nosso evangelho não chegou até vós tão somente em palavra (*logia, *palavra humana) mas sobretudo em poder (*dinamis, *poder de Deus), no Espírito Santo e em plena convicção (*pleroforia, *convicção de que lidamos com a verdade).*

Assim, percebemos que a igreja nascera em Tessalônica pelo poder de Deus, pelo Espírito Santo e pela plena convicção. O poder de Deus manifesta o próprio Deus e sua vontade. Sem o poder de Deus não haveria transformação de vida e da sociedade. Sem o poder de Deus a Palavra não seria compreendida. Sem o poder de Deus todo o esforço para plantar igrejas seria reduzido a formulações estratégicas de ajuntamento e convencimento. O Espírito Santo é o segundo elemento relatado por Paulo na plantação da igreja em Tessalônica. Sua função é clara na conversão dos perdidos, em conduzir o homem à convicção de que é pecador e está perdido, e em despertar neste homem a sede pelo evangelho e atraí-lo a Jesus. Sem o Espírito podemos compreender que somos pecadores, mas somente o Espírito nos dá convicção de que estamos perdidos, e necessitamos de Deus. Sem a ação do Espírito Santo a evangelização não passaria de proposta humana, explicações espirituais, palavras lançadas ao vento, sem público, sem conversões, sem atração a Cristo. A clara convicção é o terceiro elemento citado por Paulo ao plantar da igreja em Tessalônica. Trata da certeza de que lidamos com a verdade. É a verdade de Deus. O plantio de igrejas é um processo profundamente associado à verdade de Deus, à sua Palavra. Não necessitamos, ou podemos, utilizar expediente puramente humano para que igrejas sejam plantadas. O marketing, as estratégias, os métodos de comunicação e ajuntamento, a sociologia e antropologia são coadjuvantes no ato de plantar igrejas. Devemos nos ater à Palavra — sua exposição; a Cristo — proclamá-lo; ao testemunho — evidenciar nossa experiência com Deus.

Paulo certamente utilizou da *logia*, das palavras, no plantio da igreja nesta

cidade. Ele nos ensina, porém, que não foi tão somente com palavras, mas com palavras cheias do poder de Deus, usadas pelo Espírito Santo, na certeza de que se lida com a verdade do Senhor, que nasceu ali uma igreja local.

capítulo 1

TEOLOGIA BÍBLICA DE PLANTIO DE IGREJAS

Meu desejo neste primeiro capítulo é descrever alguns critérios teológicos para o plantio de igrejas e refletir sobre o processo bíblico de proclamação e contextualização na transmissão da mensagem. Inicialmente pensemos sobre a necessidade de conciliarmos Teologia e Missiologia para este estudo.

Reconciliando Missiologia e Teologia

Missiologia e Teologia não devem ser tratadas como áreas separadas de estudo, mas como disciplinas complementares. A Teologia não apenas coopera com a igreja ao fazê-la entender o sentido da missão e a base para o plantio de igrejas como também provê o entendimento bíblico motivacional para o evangelismo. A Missiologia, por outro lado, dirige teólogos para o plano redentivo de Deus e os ajuda a ler as Escrituras sob o pressuposto de que há um propósito para a existência da igreja. Isto os capacita a desenvolver um ensino bíblico que vá além das paredes do templo e salas de aula, uma vez que a igreja "*deve ser enraizada tanto na pessoa quanto na missão de Deus*".[1]

Hesselgrave, confirmando a infeliz ausência de fundamento teológico em estudos sobre plantio de igrejas, declara que "*o compromisso evangélico com a autoridade das Escrituras é vazio de significado se não permitimos que os ensinos bíblicos moldem a nossa missiologia*".[2]

Van Engen enfatiza que teologia de missões necessita ser um campo multidisciplinar que lê as Escrituras com olhos missiológicos e "*se fundamenta nesta leitura, continuamente reexaminada, reavaliando e redirecionando o envolvimento da igreja na* Missio Dei, *no mundo de Deus*".[3]

Paul Hiebert nos explica que muito comumente nós escolhemos alguns poucos temas bíblicos, e destes nós construímos uma teologia simplista em vez de

olharmos para os profundos motivos que jorram de toda a Escritura, expondo assim que um trabalho missionário sem um sólido fundamento teológico se divorcia da mente de Deus. Não podemos ceder aos atalhos teológicos na proclamação do evangelho.

Por outro lado, não raramente a Missiologia é varrida para fora dos centros acadêmicos e de preparo teológico em diversas partes do mundo, ou tratada como de menor valor. Este terrível engano freqüentemente produz pastores sem sonhos, missionários despreparados e teólogos cujo conhecimento poderia ser grandemente usado para as necessidades diárias de uma igreja que está com as mãos no arado, mas por vezes não sabe para onde seguir. O divórcio entre Teologia e Missiologia é uma das principais fontes geradoras de sincretismo e liberalismo no processo de plantio de igrejas.

Teólogos reformadores da igreja como Lutero, Calvino e Zwínglio teologizavam em sintonia com as gritantes necessidades diárias de uma igreja que crescia e precisava de direção bíblica. Zwínglio chegou a afirmar que a Genebra de Calvino era "*a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde a época dos apóstolos*".[4] Lutero, ao traduzir a Bíblia para a língua do povo, perseguia a missão de levar o culto a todos os homens. O conhecimento teológico estava a serviço de Deus e à disposição da igreja, não paralela a ela.

Creio que enfrentamos três perigos quando a Teologia e Missiologia não são percebidas como parceiras:

1. Usar Deus como um instrumento para realizar nossos propósitos no plantio e crescimento de igrejas em lugar de servi-lo no cumprimento de seus planos na terra (1Co 3.11).
2. Oferecer soluções simplistas para problemas complexos em relação à comunicação do evangelho, contextualização e plantio de igrejas.
3. Utilizar a Teologia com finalidade puramente acadêmica e não aplicável à igreja, sua vida e dinâmica.

Quando Martin Kahler afirmou que a Missiologia é a mãe da Teologia ele defendia que a Teologia foi desenvolvida enquanto a mensagem de Cristo era anunciada, ou seja, foi formada enquanto plantadores de igrejas refletiam e trabalhavam na implementação do desejo de Deus em diferentes lugares e culturas (1Co 3.6). Por outro lado, plantar igrejas não é uma ação autojustificada, mas um instrumento usado por Deus para realizar seu alvo final (Hb 1.1-4).

De acordo com David Bosch, teologia nos primórdios do Novo Testamento era praticada no contexto da missão e em resposta a questões missiológicas, enquanto plantadores de igrejas espalhavam o evangelho e alimentavam a igreja existente. O apóstolo Paulo é um exemplo clássico deste modelo. Augustus Nicodemus o expõe como "*o mais impressionante teólogo do Cristianismo bem*

como seu maior missionário"[5] destacando, de forma bíblica e extremamente relevante, o perfil do apóstolo em seu ministério. Quando analisamos os ensinos de Paulo entendemos que seu ministério estava fundamentado em suas convicções teológicas inspirando-nos a refletir sobre Deus e sua ação no mundo (Rm 15). Missiologia e Teologia, indisputavelmente, devem caminhar de mãos dadas para a glória de Deus, a fidelidade às Escrituras e a evangelização dos perdidos.

Orientação teológica para o plantio de igrejas

Lesslie Newbigin influenciou tremendamente a missiologia mundial ao ensinar que a igreja apenas encontraria genuíno renovo em sua vida e testemunho mediante um novo encontro do evangelho com a cultura. Assim, para prover respostas para as perguntas missiológicas de hoje precisamos desenvolver a) uma análise sócio-cultural; b) uma reflexão teológica; c) uma visão para a igreja e sua missão.[6] Era o levantar da bandeira que conclamava a igreja a apresentar um evangelho relevante, na língua do povo, que responda às perguntas mais inquietantes da sociedade de hoje.

Torna-se necessário, portanto, reafirmarmos nossos critérios bíblicos para o plantio de igrejas. Dentre muitos, creio que três deles são extremamente relevantes.

1. *O plantio de igrejas não deve ser definido em termos de treinamento e habilidade, mas pelo poder e desejo de Deus de salvar vidas.*

Apesar de haver grande necessidade de treinamento de obreiros e utilização de suas habilidades, nós não devemos esperar o cumprimento da missão por meio de estratégias cuidadosamente desenhadas e recursos humanos bem preparados, apenas.

Nada, a não ser Deus, por meio de seu poder e ação, poderá habilitar espiritualmente a igreja a fim de concluir os planos do Senhor no mundo (Ef 2.1-10). Plantio de igrejas não é meramente um assunto de marketing, metodologia ou estratégia. É um assunto espiritual, definido pelo poder de Deus, liberado por intermédio do único e inimitável sacrifício de Cristo e implementado pela ação do Espírito Santo (Jo 14.15-18) que guia sua igreja a orar, crer e trabalhar.

Anderson expõe o plantio de igrejas como um alvo baseado em quatro áreas: a) a conversão dos perdidos; b) sua organização em igrejas locais; c) promoção e treinamento de líderes em cada comunidade; d) fomentação de independência espiritual e organizacional em cada comunidade.

Sendo, ao mesmo tempo, uma entidade humana e espiritual, a igreja necessita compreender sua identidade bíblica para que possa servir ao Senhor. Portanto, dentre inúmeros pontos teológicos, creio ser importante ensinar que:

* A igreja é a comunidade dos redimidos, foi originada por Deus e pertence a Deus (1Co 1.1,2).
* A igreja não é uma sociedade alienante. Aqueles que foram redimidos por Cristo continuam sendo homens e mulheres, pais e filhos, fazendeiros e comerciantes que respiram e levam o evangelho para onde estão (1Co 6.12-20).
* A igreja é uma comunidade sem fronteiras; portanto, missionária (Rm 15.18,19).
* A vida da igreja, acompanhada das Escrituras, é um grande testemunho para o mundo perdido. É necessário, portanto, que preguemos um evangelho que faça sentido tanto dentro como fora do templo (Jo 14.26; 16.13-15).
* A missão maior da Igreja é glorificar a Deus (1Co 6.20; Rm 16.25-27).

2. *O plantio de igrejas não deve ser definido em termos de resultados humanos, mas pela fidelidade às Sagradas Escrituras.*

Já enfatizamos que a fundamentação da comunicação do evangelho jamais deve ser definida por meio daquilo que funciona, mas pelo que é bíblico (1Ts 1.5). Em plantio de igrejas o que é bíblico não significa, necessariamente, grandes resultados em termos de rapidez e números.

Se observarmos os grandes movimentos de plantio de igrejas no mundo hoje, iremos descobrir alguns movimentos antibíblicos que aparecerão dentre os dez primeiros, se utilizarmos o critério de crescimento numérico e influência geográfica. A Igreja do Espírito Santo em Gana, por exemplo, é um movimento de plantio de igrejas que se desenvolve rapidamente no sul daquele país e agora envia obreiros para além fronteiras, também com grandes resultados. Há alguns anos, eu me lembro que seu fundador escreveu uma carta para todas as instituições cristãs no país convidando-as para o dia de inauguração daquele ministério e, ao fim, declarando ser, ele mesmo, a encarnação do Espírito Santo na terra. Hoje este é um grande e rápido movimento missionário espalhando influência em diversos países. Nem tudo o que funciona é bíblico.

Precisamos definir nosso compromisso. Somos comprometidos com Deus e sua Palavra e não com homens ou estratégias de crescimento incompatíveis com o Senhor. Não temos a permissão de Deus para manipularmos os homens ou criarmos atalhos na proclamação do evangelho.

Devemos, porém, cuidar para também não sermos tomados por um orgulho a-pragmático como se o número reduzido de convertidos no processo evange-

lístico com o qual estamos envolvidos fosse evidência de que, ao contrário de outros, somos bíblicos! Esta compreensão, também, é fruto de soberba e não raramente incoerência com os fundamentos práticos e bíblicos da evangelização e não raramente a observo em alguns contextos. Ocorrem quando falta amor pelos perdidos, disposição para a evangelização, consciência missionária e, paradoxalmente, má compreensão das Escrituras.

3. *O plantio de igrejas não deve ser uma ação definida pelo conhecimento do evangelho, mas por sua proclamação.*

O ponto mais relevante ao lidar com a *praxis* do plantio de igrejas não é quão capacitado você está para pregar o evangelho, mas quanto você o faz (Ef 1.13). Igrejas nascem onde a Palavra de Deus operou poderosamente, o que enfatiza a importância essencial da proclamação do evangelho no processo de plantar igrejas. Este não é um ponto negociável. Van Egen e Van Gelder avaliam isto ao ponderar que em um movimento missionário o alvo é fazer o evangelho conhecido em vez de gerar um contexto físico ou eclesiástico que possa abrigá-lo.[7]

Conversando com um recém-convertido no Peru, onde havia uma boa equipe missionária com o alvo de plantar igrejas, perguntei por que as pessoas não estavam vindo para Cristo, especialmente tendo em mente um número expressivo de missionários trabalhando durante um longo período. Ele rapidamente respondeu: "*Creio que é porque as pessoas não ouvem o evangelho*". Então percebi que, apesar da excelente liderança presente, bom sistema de comunicação por satélite, obrigatoriedade de relatórios trimestrais e uma ótima estrutura de cuidado pastoral, a equipe missionária, simplesmente, não falava de Jesus.

Não interessa o que mais um plantador de igrejas faça, ele precisa proclamar o evangelho. Trabalho social, ministério holístico e compreensão cultural jamais irão substituir a clara comunicação do evangelho[8] ou justificar a presença da igreja. O conteúdo do evangelho exposto em todo e qualquer ministério de plantio de igrejas deve incluir a) Deus como Ser Criador e Soberano (Ef 1.3-6); b) o pecado como fonte de separação entre o homem e Deus (Ef 2.5); c) Jesus, sua cruz e ressurreição como o plano histórico e central de Deus para redenção do homem (Hb 1.1-4); d) o Espírito Santo, *Parakletos*, como o cumprimento da promessa e encarregado de conduzir a igreja até o dia final.

Lembro-me bem de quando, recém-chegados à África em 1993, nosso líder de campo, o indiano P. M. John, nos informou de que havia procurado um plantador de igrejas para dar-nos um seminário a respeito do assunto, porém nenhum estava disponível. "*Todos estão ocupados plantando igrejas*", disse ele.

O valor mais profundo em um ministério de plantio de igrejas deve ser a pro-

clamação do evangelho. Isto significa que apenas uma igreja viva e apaixonada por Jesus irá testemunhar da dinâmica e poderosa Palavra de Deus (Jo 16.13-15). A visão de teólogos, missiólogos, pastores, igrejas e missionários trabalhando juntos na proclamação do evangelho nos dá alento e esperança para caminharmos mais. A unidade é nossa aliada.

Uma breve retrospectiva histórica e metodológica

Quando consideramos as abordagens históricas mais comuns nos últimos séculos no processo de plantio de igrejas, iremos notar que, após a Reforma Protestante no século 16, Gisbertus Voetius em sua *Política Ecclesiastica* descreveu os propósitos da igreja com incrível ênfase no evangelismo pessoal e treinamento de líderes. Logo depois, o pietismo passou a enfatizar a salvação individual em vez de movimentos de plantio de igrejas, apesar de vermos também neste período várias iniciativas transformadoras por meio de missionários protestantes como William Carey e William Ward, além de vários outros.

Ward, protestante que influenciou um vasto círculo de líderes em sua época, escreveu em seu jornal, em 1805, que "*ao plantarmos igrejas distintas pastores nativos devem ser escolhidos... e missionários devem preservar sua característica original, dedicando-se ao plantio de novas igrejas e supervisionando aquelas já plantadas*".[9] Com isto está clara a preocupação vocacional, funcional e estrutural quanto ao plantio de igrejas já no início do século 19.

Em meados do século 19, Henry Venn e Rufus Anderson direcionaram a igreja por intermédio de sua intencionalidade no plantio de igrejas, justificando que as mesmas deveriam, ao ser plantadas, ter três características básicas: serem autopropagáveis, autogovernáveis e auto-sustentadas. Era o desenvolvimento do conceito de plantio de igrejas autóctones.

Na segunda metade do século 19, o esforço missionário denominacional combinou o plantio de igrejas com o desenvolvimento social quando foram construídos um número expressivo de hospitais, escolas e orfanatos em todo o mundo, gerando também crescimento e enraizamento denominacional nos países nos quais o evangelho avançou.

Hibbert observa que, no início dos anos 80, havia três principais tendências quanto à ênfase no plantio de igrejas. McGravan e Winter enfatizavam evangelismo e crescimento de igrejas; John Stott e outros enfatizavam uma abordagem holística conhecida hoje como missão integral; Samuel Escobar, René Padilha e outros adotaram um foco mais direcionado na justiça social.

Encontramos hoje uma vasta proliferação de modelos de plantio e crescimen-

to de igrejas tais de como de Garrison, Vineyard, Willow Creek, Ralph Neighbor, Charles Brok, Brian Woodford e muitos outros. Observando os pontos que julgo positivos, quase todos possuem três ênfases semelhantes: a) plantio de igrejas de forma intencional e planejada; b) a rápida incorporação dos novos convertidos à vida diária da igreja; c) ênfase no treinamento de liderança local e comunidades autogovernáveis.

Um número expressivo de movimentos missionários, na história da expansão da igreja, perdeu-se em meio a esquisitices metodológicas. A razão primária, em boa parte dos casos, não foi infidelidade a Deus ou desejo intencional de liberar-se dos princípios básicos da fé cristã, tão demarcados nos primórdios, mas a ausência de salvaguardas bíblicas na fundamentação de suas atitudes e metodologias ao longo do processo de proclamação. Em outras palavras, a própria paixão pela proclamação da Palavra, se não revestida de fundamentação bíblica e teológica, funciona como um elemento fomentador de liberalismo ou insensatez.

Observando os diversos segmentos de plantação de igrejas no mundo atual, podemos perceber que o enraizamento dos problemas mais comuns em tais processos está ligado a alguns fatores, sobre os quais escrevo a seguir.

a) A dificuldade de se distinguir *igreja* e *templo*, perdendo o valor do discipulado e gerando mais investimento na estrutura do que em pessoas.

b) A demora na introdução dos convertidos na vida diária da igreja, diluindo o valor da comunhão e integração além de gerar crentes imaturos, sem funções, desafios ou envolvimento.

c) A despreocupação com os fundamentos teológicos e atração pelos mecanismos puramente pragmáticos.

d) A ausência de sensibilidade social e cultural, pregando um evangelho sem sentido para o contexto receptor. Uma mensagem alienada da realidade da vida.

e) A excessiva pressa no plantio de igrejas, gerando comunidades superficiais na Palavra e abrindo oportunidades reais para o sincretismo ou nominalismo.

f) O excessivo envolvimento com a estrutura da missão ou da igreja desgastando pessoas, recursos e tempo, e minimizando o que deveria ser o maior e mais amplo investimento: a proclamação do evangelho.

Simonton, em seu sermão "*Os meios necessários e próprios para plantar o Reino de Jesus Cristo no Brasil*",[10] em 1867, expõe cinco pontos necessários para a evangelização em uma perspectiva bíblica. Primeiramente ele nos diz que é necessário ter vida santa, pois "*na falta desta pregação os demais meios não hão de ser bem-sucedidos*". Em segundo lugar, ele defende a distribuição de literatura bíblica como livros, folhetos e a Bíblia, pois "*a imprensa é a arma poderosa para o bem*". Em terceiro lugar, a pregação individual, pois "*cada crente*

deve comunicar ao vizinho ou próximo aquilo que recebe". Em quarto lugar, ele menciona o chamado ministerial, a pregação por pessoas designadas e ordenadas para este encargo. Por fim, em quinto lugar, expõe a necessidade de se estabelecer escolas para os filhos dos membros das igrejas, uma iniciativa social e de investimento no rebanho.

A união entre Teologia e Missiologia, o estudo de Deus e a aplicação deste conhecimento para a sua glória na expansão do Reino são necessários para o estabelecimento de princípios e práticas no plantio de igrejas.

capítulo 2

TEOLOGIA BÍBLICA DA CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo abordo a contextualização sob uma perspectiva teológica, seus objetivos e limitações, sua relevância e perigos. Estudaremos sob o fundamento da conciliação entre a Teologia e a Missiologia, veremos a relevância da Antropologia Missionária e, por fim, alguns critérios bíblicos para a contextualização.

Hesselgrave afirma que contextualizar é tentar comunicar a mensagem, trabalho, Palavra e desejo de Deus de forma fiel à sua revelação e de maneira relevante e aplicável nos distintos contextos, sejam culturais ou existenciais. Ao dizer isso ele expõe um desafio à igreja de Cristo: comunicar o evangelho de forma teologicamente fiel e ao mesmo tempo humanamente inteligível e relevante. E este talvez seja o maior desafio de estudo e compreensão quando tratamos da teologia da contextualização.

Historicamente, a ausência de uma teologia bíblica de contextualização tem gerado duas conseqüências desastrosas no movimento missionário mundial: o sincretismo religioso e o nominalismo evangélico. A má ou fraca compreensão bíblica, assim, deixará perguntas humanas em aberto, incentivando a procura por respostas nas religiões tradicionais, gerando sincretismo. Deste modo, o indígena recém-convertido adora a Deus, prega a Palavra e a aplica em casa. Mas se não compreende os princípios bíblicos da busca e adoração a Deus poderá, em um momento de enfermidade na família, procurar um curandeiro que lhe proponha respostas. Este sincretismo compromete a comunicação da verdade de Deus e é, por um lado, conseqüência de uma precária comunicação da Palavra ou uma má contextualização que a faça compreensível. Esta má ou fraca compreensão bíblica poderá também gerar pessoas interessadas pelo evangelho, mas sem verdadeira conversão, que é o nominalismo cristão.

Creio que nenhum princípio universal poderá ser bem comunicado a um grupo ou segmento social distinto sem que seja contextualizado. Jesus, sem dúvida,

foi o modelo maior de contextualização da mensagem. Aos judeus falava dentro de um universo judeu mencionando cobradores de impostos, hipocrisia na adoração cúltica e pública e casamentos festivais. Fala de pescadores, plantadores e candeias que iluminam a casa. Narra sobre plantações, pão e trigo. Cita Jerusalém diversas vezes e invoca com freqüência os patriarcas. Uma mensagem compreensível e relevante para o universo de quem a ouve. Impactante em seu significado e que apela por transformação humana e social. Ao mesmo tempo fiel às Escrituras, revelação de Deus, teologicamente fundamentada.

Antes de desenvolvermos o assunto da contextualização de forma mais objetiva gostaria de expor introdutoriamente a relevância da contextualização na apresentação do evangelho com base em Mateus 24.14.

A RELEVÂNCIA DA CONTEXTUALIZAÇÃO NO PLANTIO DE IGREJAS

Neste cenário de Mateus 24, Jesus estava com seus discípulos, pouco antes de ser elevado aos céus, e respondia a estes sobre os sinais que antecederão a sua vinda. Após dissertar sobre evidências cosmológicas (guerras e rumores de guerras) e eclesiológicas (perseguição e falsos profetas), Jesus lança uma evidência puramente missiológica dizendo que "*será pregado o evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então virá o fim*" (Mt 24.14).[1]

A expressão grega para "*e será pregado*"[2] tem como raiz *kerygma*, uma proclamação audível e inteligível do evangelho paralelamente a *martyria*[3] que evoca um sentido mais pessoal, de testemunho de vida. Esta ação *kerygmática* aponta para o fato de que o evangelho será pregado de forma compreensível. O "*mundo*" aqui exposto no texto é a tradução de *oikoumene,* que significa "*mundo habitado*". A idéia textual, portanto, não é geográfica, territorial, mas demográfica, onde há pessoas, mostrando que este evangelho do reino será pregado *kerygmaticamente*, inteligivelmente, em todo o mundo habitado.

A forma de isso acontecer, segundo o texto, é por meio do testemunho a todas as nações. A raiz para "*testemunho*" aqui é *martyria* que nos ensina que esta ação proclamadora, *kerygmática*, do evangelho acontecerá por intermédio de uma igreja *martírica*, que tenha o caráter de Cristo. Ou seja, apenas os salvos pregarão este evangelho do reino. Finaliza a frase dizendo que o testemunho chegará a todas a nações, onde traduzimos o termo *ethnesin*, de *ethnia*, para nações, ou seja, grupos lingüística e culturalmente definidos.

Poderíamos parafrasear o verso 14 dizendo que "*o evangelho do reino será proclamado de forma inteligível e compreensível por todo o mundo habitado,*

por meio do testemunho martírico, de vida, da igreja, a todas as etnias definidas". A frase final nos diz que "*então virá o fim*" e "*fim*" (*telos*) aponta para a volta do Senhor Jesus, ligada comumente à sua *parousia*, ao seu retorno.

Gostaria de chamar sua atenção para o princípio bíblico da comunicação. Jesus nos ensina diversas vezes que a transmissão do conhecimento do evangelho não será uma ação realizada sem a participação comunicativa da igreja. Esta participação envolve duas ações principais: a vida e o testemunho da igreja, bem como a atitude de proclamar e expor o evangelho de Cristo.

Esta comunicação do evangelho, portanto, em uma perspectiva transcultural, necessita de um trabalho de "*tradução*" em duas áreas específicas: a língua e a cultura. As línguas dispõem de códigos diferentes para viabilizar a comunicação e o mesmo ocorre com a cultura. Quando se expõe a um Inuit, ou esquimó, que o sangue de Jesus nos torna brancos como a neve, ele rapidamente nos perguntaria qual categoria de branco, já que em sua visão culturalizada de quem convive com a neve e o gelo por milênios, há treze diferentes tipos de "*branco*". Ignorar tal extrato cultural culminará em uma pregação rasa, confusa ou distorcida da Palavra de Deus.

Alguns princípios textuais podem nos ajudar nesta introdução, pensando em Mateus 24.14. Percebemos que a transmissão de uma mensagem inteligível em sua própria língua e contexto, portanto contextualizada, é pressuposto para o cumprimento da grande comissão, já que a nós cabe não somente viver Jesus, mas também proclamá-lo de forma compreensível. Apenas a igreja, redimida, cumprirá esta tarefa. Ou seja, não é o Cristianismo que evangelizará o mundo, mas a igreja redimida, que passou pelo novo nascimento.

Tendo em mente estes conceitos permitam-me mencionar alguns pressupostos que utilizo ao escrever este capítulo.

1. A Palavra é supracultural e a-temporal, portanto viável e comunicável para todos os homens, em todas as culturas, em todas as gerações. Cremos, assim, que a Palavra define o homem e não o contrário.

2. Contextualizar o evangelho não é reescrevê-lo ou moldá-lo à luz da Antropologia, mas traduzi-lo lingüística e culturalmente para um cenário distinto do usual ao transmissor a fim de que todo homem compreenda o Cristo histórico e bíblico.

3. Apresentar Cristo é a finalidade maior da contextualização. A igreja deve evitar que Jesus Cristo seja apresentado apenas como uma resposta para as perguntas que os missionários fazem – uma solução apenas para um segmento, ou uma mensagem alienígena para o povo alvo.

O conceito da contextualização evoca toda sorte de sentimentos e argumentações. Por um lado, encontramos a defesa de sua relevância, com base na culturalidade e princípios gerais da comunicação. Crê-se, de forma geral, que sem

contextualização não há verdadeira comunicação e aqueles que assim entendem procuram estudar as diversas possíveis abordagens nesta comunicação contextualizada. Por outro lado, encontramos a exposição de seus perigos quando esta contextualização se divorcia de uma teologia bíblica essencial que a norteie e a avalie.

Isto é especialmente verdade tendo em mente que o próprio termo "*contextualização*" foi abundantemente utilizado no passado por Kraft, a partir do relativismo de Kierkegaard, com fundamentação em uma teologia liberal que não cria na Palavra de Deus de forma dogmática, mas adaptada. Estes crêem que a Palavra de Deus se aplica apenas a contextos similares de sua revelação, não sendo assim supracultural e nem a-temporal. Nossa proposta é entendermos que a contextualização não é apenas possível com uma fundamentação bíblica que a conduza, mas necessária para a fidelidade na transmissão dos conceitos bíblicos.

É preciso, portanto, avaliarmos nossos pressupostos teológicos a fim de guiarmos nossa ação missionária. Martinho Lutero, crendo na integralidade da verdade Bíblica, expôs um evangelho que fosse comunicável, na língua do povo, com seus símbolos culturais definidos. Porém um evangelho escriturístico e sem diluição da verdade. Por diversas vezes ensinou a Melanchton dizendo: "*prega de forma que odeiem o pecado ou odeiem a você*".[4] Se por um lado defendeu uma contextualização eclesiológica traduzindo a Bíblia para a língua do povo, realizado cultos com a participação dos leigos, pregando a Palavra dentro do contexto da época, por outro deixou claro que o conteúdo da Palavra não deve ser limitado pelo receio do confronto cultural. Se sua sensibilidade cultural fosse definidora de sua teologia, e não o contrário, teríamos tido uma Reforma meramente humanista e não da igreja. Teria sido o início de um movimento de libertação apenas do pensamento e da expressão, um grito por justiça social que não inclui Deus e nem a salvação, ou um apelo pelo resgate da identidade cultural, mas não a condução do povo ao reino de Deus.

Os perigos *impositivo, pragmático e sociológico* nos pressupostos da contextualização

Antes de seguirmos adiante gostaria de expor três perigos fundamentais quando tratamos da contextualização dentro do universo missionário.

O primeiro perigo, que denominarei de *impositivo*, tem sua origem na natural tendência humana de infligir a outros povos sua forma adquirida de pensar e interpretar, prática esta realizada em grande escala pelos movimentos políticos

do passado e do presente, bem como por forças missionárias que entenderam o significado do evangelho apenas dentro de sua própria cosmovisão, cultura e língua. Desta forma, as torres altas dos templos, a cor da toalha da ceia, a altura certa do púlpito e as expressões faciais de reverência tornam-se muito mais do que peculiaridades de um povo e de uma época. Misturam-se com o essencial do evangelho na transmissão de uma mensagem que não se propõe a resgatar o coração do homem, mas moldá-lo a uma teia de elementos impostos e culturalmente definidos apenas para o comunicador da mensagem, apesar de totalmente divorciados de significado para aqueles que a recebem.

As conseqüências de uma exposição *impositiva* do evangelho têm sido várias, porém mais comumente encontraremos o nominalismo, por um lado, e o sincretismo quase irreversível por outro. David Bosch afirma que o valor do evangelho, em razão de proclamá-lo, está totalmente associado à compreensão cultural do povo receptor. O contrário seria apenas um emaranhado de palavras que não produziriam qualquer sentido sócio-cultural. George Hunsburger observa também que não há como pregarmos um evangelho a-cultural, divorciado da compreensão e cosmovisão da cultura receptora, pois o alvo de Cristo ao se revelar na Palavra foi atingir pessoas vestidas com sua identidade humana. A perigosa apresentação *impositiva* do evangelho a que nos referimos, portanto, confunde o evangelho com a roupagem cultural daquele que o expõe, deixando de apresentar Cristo e propondo apenas uma religiosidade vazia e sem significado para o povo que a recebe.

Um segundo perigo, que é *pragmático*, pode ser visto quando assumimos uma abordagem puramente prática na contextualização. Como a contextualização é um assunto freqüentemente associado à metodologia e processo de campo, somos levados a entendê-la e avaliá-la baseados mais nos resultados do que em seus fundamentos teológicos. Conseqüentemente, o que é bíblico e teologicamente evidente se torna menos importante do que aquilo que é funcional e pragmaticamente efetivo. Estou convencido de que todas as decisões missiológicas devem estar enraizadas em uma boa fundamentação bíblico-teológica se desejamos ser coerentes com a expressão do mandamento de Deus (At 2.42-47).

Entre as iniciativas missionárias mais contextualizadas com o povo receptor, encontramos um número expressivo de movimentos heréticos como a Igreja do Espírito Santo em Gana, África, na qual seu fundador se autoproclama a encarnação do Espírito Santo de Deus. Do ponto de vista puramente pragmático, porém, é uma igreja que contextualiza sua mensagem, sendo sensível às nuances de uma cultura matriarcal, tradicional, encarnacionista e mística. Devemos ser relembrados que nem tudo o que é funcional é bíblico. O pragmatismo leva-nos a valorizar mais a metodologia da contextualização do que o conteúdo a ser

contextualizado. A apresentação *pragmática* do evangelho, portanto, privilegia apenas a comunicação com seus devidos resultados e esquece de se prender ao conteúdo da mensagem comunicada.

Um terceiro perigo, que é *sociológico*, é aceitar a contextualização como sendo nada mais do que uma cadeia de soluções para as necessidades humanas, por meio de uma abordagem puramente humanista. Isto ocorre quando missionários tomam decisões baseadas puramente na avaliação e interpretação sociológica das necessidades humanas e não nas instruções das Escrituras. Neste caso, os assuntos culturais, em vez das Escrituras, determinam a mensagem e flexibilizam a teologia a ser aplicada a certo grupo ou segmento. O desejo por justiça social não deve nos levar a esquecermos da apresentação do evangelho. Esta deve ser nossa crescente preocupação por vivermos em um contexto pós-cristão, pós-moderno e hedônico.

Vicedon afirma que somente um profundo conhecimento bíblico da natureza da igreja (Ef 1.23) irá capacitar missionários a terem atitudes enraizadas na *Missio Dei* e não apenas na demanda da sociedade. A defesa de um evangelho integral e o desejo de transmitir uma mensagem contextualizada não devem ser pontes para o esquecimento dos fundamentos doutrinários e da teologia bíblica. Na verdade, os fundamentos bíblicos são a força motivadora para uma compreensão integral do evangelho, sensibilidade humana e clamor por ações práticas e transformadoras na sociedade.

Teologia e contextualização

O presente embate mundial entre teologia e contextualização é possivelmente um reflexo do divórcio no ensino entre Missiologia e Teologia. Para alguns, a Missiologia é vista como simplista teologicamente e, conseqüentemente, varrida para fora dos centros acadêmicos e de preparo teológico em diversas partes do mundo, ou tratada como de menor valor.

Vimos no capítulo anterior que este terrível engano freqüentemente produz pastores sem sonhos, missionários despreparados e teólogos cujo conhecimento poderia ser grandemente usado para as necessidades diárias de uma igreja que está com as mãos no arado, mas por vezes não sabe para onde seguir.

Na ausência de um estudo teologicamente sadio sobre a contextualização bíblica, vários segmentos da igreja ao longo da história foram influenciados pelo liberalismo teológico, que encontrou na contextualização uma fácil avenida para a apresentação de seus valores.

Soren Kierkegaard,[5] com seu relativismo pragmático, propôs o entendimento

da verdade a partir da interpretação individual, sem conceitos absolutos e dogmáticos. William James, em 1907, lançou a base para o "*movimento de contextualização filosófica e teológica*" defendendo a atualização teológica a partir da necessidade sócio-cultural ou lingüística. Na mesma linha, Rudolf Bultmann defendeu a contextualização filosófica do evangelho mitificando tudo aquilo que não fosse relevante ao homem moderno em seu próprio contexto. Estes e outros pensadores influenciaram a base conceitual da contextualização desenvolvendo uma nova proposta: não há verdade dogmática, supracultural e cosmicamente aplicável. A verdade é individual e como tal deve ser compreendida e aplicada de acordo com o molde receptor.

Esta influência dividiu o mundo evangélico por décadas e ainda hoje tem seus efeitos enraizados na base conceitual da contextualização, levando alguns segmentos a definir a apresentação do evangelho apenas a partir do que é aceitável culturalmente. Em uma breve discussão com uma equipe inglesa que atuava entre os Bassaris do Togo, fui apresentado à sua estratégia missionária: ensinar Jesus como aquele que comprou nossa salvação, porém sem sacrifício pessoal, já que o sacrifício pessoal é visto pelos Bassaris como sinal de fraqueza. Esta simples escolha é resultado de uma teologia sociologizada e representação desta tendência pragmatizada que molda a Palavra em prol de uma comunicação mais aceitável comunitariamente.

De forma mais institucional, esta vertente foi bem demonstrada na Assembléia Geral do Concílio Mundial das Igrejas, em Upsala, em 1968. Ali, a ênfase na humanização da igreja permitiu o desenvolvimento do estudo da contextualização mais a partir da Antropologia do que da Teologia. A conferência sobre o "*Diálogo com Povos de Religiões e Ideologias Vivas*", em 1977, em Chiang Mai, Tailândia, reforçou também o universalismo e a contextualização como formas de relativização de valores.

O contrapeso teológico deste assunto floresceu de forma mais ampla apenas em 1974 com Lausanne[6] onde, apesar de reconhecer as diferenças culturais, lingüísticas e interpretativas nas diversas raças da terra, afirmou-se que a Palavra era o único mecanismo gerador da verdade a ser anunciada. Sobre evangelização e cultura, o Pacto de Lausanne declara: "*afirmamos que a cultura de um povo em parte é boa e em outra parte é má, devido à queda. Por isto deve sempre ser julgada e provada pelas Escrituras, para que possa ser redimida e transformada para a glória de Deus. Diante disto a evangelização mundial requer o desenvolvimento de estratégias e metodologias novas e criativas (Mc 7.8,9,13; Rm 2.9-11; 2Co 4.5)*".

Permitam-me chamar sua atenção para uma inquietante e acertada interpretação de Bruce Nicholls sobre o perigo do sincretismo e nominalismo como conse-

qüências de uma contextualização existencial sem fundamentação teológica. Ele diz que o sincretismo religioso é uma síntese entre a fé cristã e outras religiões, a mensagem bíblica é progressivamente substituída por pressuposições e dogmas não-cristãos, e as expressões cristãs da vida religiosa de adoração, do testemunho e da ética, conformam-se cada vez mais àquelas da parte não-cristã no diálogo. No fim, a missão cristã é reduzida a uma presença cristã e, na melhor das hipóteses, a uma preocupação social e humana. O sincretismo resulta na morte lenta da igreja e no fim da evangelização.

Vicedon nos apresenta um manto de cuidados teológicos para o processo da contextualização. Lembra-nos de que, se cremos que Deus é o autor da Palavra e o Criador que conhece e ama sua criação, portanto devemos crer que o evangelho é dirigido a todo homem. A minimização da mensagem perante assuntos desconfortáveis como poligamia, por exemplo, não coopera para a inserção do homem, em sua cultura, no reino de Deus. Ao contrário, propõe um evangelho partido ao meio, enfraquecido, que irá cooperar com a formação de um grupo sincrético e disposto a tratar o restante da Escritura com os mesmos princípios de parcialidade. Hibbert nos alerta que, no afã de parecermos simpáticos ao mundo (como a igreja em At 2), esquecemos que a mensagem bíblica confrontará as culturas, mostrará o pecado e clamará por transformação mediante o Cordeiro.

Hesselgrave também previne sobre o perigo de dicotomizarmos a mensagem crendo na Palavra de forma integral para nós, mas apresentando-a parcialmente a outros. Ele nos ensina que o evangelho é libertador mesmos nas nuances culturais mais desfavoráveis.

O liberalismo teológico de Kierkegaard, Bultmann e James, portanto, ameaça a compreensão bíblica da contextualização, uma vez que nos leva a crer na apresentação de um evangelho que não muda (pois toda mudança cultural seria negativa), não confronta (pois a verdade é individual e não dogmática) e não liberta (pois a liberdade proposta é apenas social).

Se cremos que Deus é o autor da Palavra, que o evangelho "*é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê*" (Rm 1.16), e que "*a justiça de Deus se revela no evangelho*" (v.17), passaremos a nos preocupar com a melhor forma de comunicar esta verdade, de maneira inteligível e aplicável, sabendo que, promovendo confrontos e mudanças, é a verdade de Deus que liberta todo aquele que crê.

Pressupostos bíblicos para a contextualização

Escrevendo aos Romanos (1.18-27), o apóstolo Paulo nos introduz ao conceito da contextualização em oposição à inculturação, trazendo à tona verdades cruciais para a proclamação do evangelho dentro de um pressuposto escriturístico e revelacional.

No versículo 18, Paulo nos apresenta um Deus irado com a postura humana e que se manifesta contra toda a "*impiedade*" (quando o homem rompe seu relacionamento com Deus e os seus valores divinos) e "*perversidade*" (quando o homem rompe seu relacionamento com o próximo e seus valores humanos). Expõe um homem corrompido pela injustiça e criador da sua própria verdade.

Nos versículos 19 e 20, Deus se manifesta por intermédio da criação e há aqui um elemento universal: um Deus soberano, criador, controlador do universo e detentor da autoridade sobre a criação. Os homens, citados no verso 18, tornam-se indesculpáveis por ser Deus revelado na criação "*desde o princípio do mundo*", sendo revelado tanto o "*seu eterno poder*", quanto "*a sua própria divindade*". Portanto, perante um homem caído, existente em sua própria injustiça, impiedoso e perverso, Paulo não destaca soluções humanas, eclesiásticas ou mesmo sociais. Ele nos apresenta Deus. Na teologia paulina, a solução para o homem não é o homem, mas Deus e sua revelação.

Nos versos 21 a 23, o homem tenta manipular Deus e sua verdade, pois apesar deste conhecimento natural, pela criação, "*não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças*". Fizeram altares e criaram seus deuses segundo seus corações, ânsias e desejos. Deuses manipuláveis, comandados, um reflexo da vontade humana caída. Assim, tais homens se "*tornaram nulos em seus próprios raciocínios*" mudando "*a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis*".

O homem, portanto, não é condenado por não conhecer a história bíblica. Ele é condenado por não glorificar a Deus. Os homens não são condenados por não ouvirem a Palavra. São condenados cada um por seu pecado.

Nos versos 24 a 27, tais homens, em seu mundo recriado com as cores do pecado e injustiça, "*mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador*". A resposta de Deus foi o juízo, e o texto nos diz que ele entregou os homens "*à imundícia*" como também às "*paixões infames*".

Há alguns elementos bíblicos neste precioso texto que nos ajudam a pensar em alguns princípios de contextualização.

1. Há uma verdade universal e supracultural: Deus é soberano e dono de toda glória. Esta verdade fundamenta a proclamação do evangelho.

2. O pecado intencional (perversidade e impiedade) nos separa de Deus. Não

há como apresentar Deus que busca se relacionar com o homem sem expor o pecado humano e seu estado de total carência de salvação.

3. Somos seres culturalmente idólatras. É comum ao homem caído gerar uma idéia de deus que satisfaça aos seus anseios sem confrontá-lo com o pecado. Esta atitude é encontrada em toda a história humana e não colabora para o encontro do homem com a verdade de Deus.

4. A mensagem pregada por Paulo é contextualizada expondo Deus em relação à realidade da vida e queda humana. Não é inculturada, pregando um Deus aceitável ou desejável, mas um Deus verdadeiro. Se amenizarmos a mensagem do pecado contribuiremos para a incompreensão do evangelho.

Modelos bíblicos de contextualização da mensagem

Vejamos o assunto da contextualização a partir da experiência bíblica de Paulo em três momentos específicos. Apesar de Paulo ser o apóstolo para os gentios (Gl 1.16), ele era um judeu devoto. Desta forma, a partir de seus sermões e ensinos podemos garimpar princípios norteadores da contextualização da mensagem.

Observaremos três passagens bíblicas no livro de Atos nas quais Paulo proclama o evangelho. Primeiramente a um grupo formado puramente por judeus, em outra ocasião a judeus, mas com presença gentílica simpatizante do judaísmo e por fim para gentios totalmente dissociados do mundo judaico e de seus valores vetero-testamentários. Ficará evidente, creio, que Paulo jamais compromete a autenticidade da mensagem bíblica, porém a comunica com aplicabilidade cultural de forma que haja boa comunicação com a utilização de elementos necessários para tal.

Em Atos 9.19-22, encontramos Paulo em Damasco com os discípulos proclamando Cristo nas sinagogas e apresentando-o como "*o Filho de Deus*" e "*confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo*". Aqui encontramos Paulo logo após ser salvo, expondo nas Escrituras que o Jesus que ele perseguira no passado tão próximo era de fato o Filho de Deus. A expressão grega para "*demonstrando*" (que Jesus era o Messias prometido), no verso 22, implica demonstração com evidências objetivas, visíveis, o que nos dá a impressão de que Paulo o fazia por meio do próprio texto sagrado, as Escrituras. Sua forma de pregação seguia a mesma dinâmica que ele usaria em todo o seu ministério entre os judeus: demonstrando, a partir da comprovação escriturística, que Jesus é o Messias esperado (At 17.1-3). Paulo bem sabia que se alguém desejasse mostrar aos judeus que uma pessoa era o Messias, teria que fazê-lo nas

Escrituras. Por isso sua abordagem foi baseada nas Escrituras, centralizada na promessa do Messias e promotora de evidências de que este era Jesus. Paulo aqui falava aos filhos de Israel, que se viam como os *filhos da promessa*[7] e, portanto, em toda sua pregação ele utilizava elementos históricos e marcos da relação entre Deus e seu povo escolhido.

Em Atos 13.14-16, encontramos Paulo "*atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga*". Logo depois ele, erguendo a mão, passou a lhes proclamar Cristo. Neste texto o grupo, culturalmente definido, é o mesmo de antes: formado por judeus. Havia, porém, a presença gentílica de simpatizantes da fé judaica. Paulo inicia com um dos principais fatos da história judaica, o êxodo. Ele então os relembra da história de Israel até Davi quando então, intencionalmente, lhes introduz a promessa do Messias (At 13.23) e a liga a Jesus. É interessante como Paulo neste caso prega a Cristo a partir do "*Deus de Israel*", e se fundamenta no Antigo Testamento para lhes apresentar o Messias por saber que os gentios ali presentes não apenas conheciam o Antigo Testamento, mas também procuravam segui-lo. Porém sua pregação tem também forte teor moral e escatológico, que a distingue da primeira em Atos 9, apenas para os judeus, demonstrando sua sensibilidade para um auditório misto, mesmo que prioritariamente judeu e judaizante. No verso 39, Paulo utiliza um texto de inclusão (*todo aquele*), que se contrapõe ao discurso mais exclusivo que seguia com os judeus no primeiro cenário, dizendo que todo aquele que cresse seria salvo. Certamente os gentios judaizantes, fora da história biológica de Israel, se viam aí incluídos: um Messias judeu para judeus e gentios.

Na terceira passagem, em Atos 17.16-31, Paulo proclama Cristo para gentios que não tinham conhecimento algum das Escrituras. Paulo está em Atenas, o centro filosófico do mundo da época, e é conduzido até o areópago pelos epicureus e estoicos. Neste momento, Paulo se encontrava em um cenário totalmente paganizado sem pressupostos judaizantes. O sermão de Paulo desta vez não se iniciou nas Escrituras vetero-testamentárias ou mesmo na promessa do Messias. Paulo lhes pregou Deus a partir das evidências da criação e do deus desconhecido, "*pois este que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio*" (At 17.23). Passa então a apresentar-lhes os atributos de Deus que "*fez o mundo... sendo ele Senhor do céu e da terra*" (v.24), "*de um só fez toda a raça humana*" (v.26), "*não está longe de cada um de nós*" (v.27), "*notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam*" (v.30), "*por meio de um varão... ressuscitando-o dentre os mortos*" (v.31). Note que no verso 24, Paulo utiliza *Theos* para se referir ao "*Deus que fez o mundo*", sendo o mesmo termo utilizado (*Theos*) para mencionar o deus desconhecido. Ele utiliza o termo grego existente para deus, para lhes apresentar revelacionalmente o Deus da Palavra, criador de

todas as coisas. Faz, em sua mensagem, a clara distinção entre deus e Deus. O fim da mensagem é o mesmo: Jesus que morreu e ressuscitou.

Notem que, aos judeus, Paulo lhes falou sobre o Deus da promessa, aquele que lhes trouxe do Egito, pois estes conheciam o Deus da Escritura e se viam como os *filhos da promessa*. Eles entendiam que Deus se revelou a seus pais, interagiu com seu povo ao longo da história e lhes deixou as Escrituras.

Ao segundo grupo, Paulo fala sobre o Deus das promessas e da história de Israel, mas, como havia entre eles gentios, fala também do Messias que há de vir para a salvação de todo aquele que crê. Percebemos aqui neste texto que Paulo apresenta-lhes o evangelho com fortes evidências escriturísticas, para os judeus, além de um forte apelo moral e escatológico, para os gentios judaizantes.

Ao terceiro grupo, puramente gentílico, o Messias que há de vir não lhes transmitia nenhuma mensagem aplicável à sua história, pois era visto tão somente como o Messias judeu. Eles não tinham as Escrituras que o revelavam nem as promessas e alianças. Eles não se enxergavam como *filhos da promessa* e não se identificavam com Abraão e Moisés. Porém eles se viam como os filhos da criação. Possuíam tremenda atração pelas obras criadas e fascinação pela figura do Criador. Eram caçadores de respostas, estudiosos da religiosidade, qualquer religiosidade. Portanto, Paulo lhes pregou o Deus da criação, aquele que era antes da própria natureza, que detém o poder de fazer surgir, e mantém a humanidade e o cosmos. Ele lhes fala demoradamente sobre os atributos deste Deus que é único, soberano, próximo e perdoador. Finalmente lhes fala de Jesus como o centro do plano salvífico de Deus, apresentando-o como o Messias para toda a humanidade.

Algumas conclusões, a partir do modelo paulino de exposição do evangelho, em relação à contextualização da mensagem.

1. A mensagem, no processo de comunicação contextual, jamais deve ser diluída em seu conteúdo. A fidelidade às Escrituras deve ser nossa prioridade à semelhança de Paulo que falou da ressurreição de Cristo no areópago, mesmo sabendo que seria um tema controverso para a crença filosófica presente.

2. O público alvo, seus pressupostos culturais, língua e entendimento sobre Deus são fatores relevantes para a apresentação do evangelho. Paulo não pregou Cristo da mesma forma aos três grupos. Sua sensibilidade ao ouvinte conduziu sua abordagem.

3. O uso de simbologias culturais explicativas das verdades bíblicas podem ser utilizadas desde que apresentem claramente a relevância do evangelho. Paulo fez isso utilizando o "*deus desconhecido*", partindo de um elemento sócio-cultural para expor, com clareza, a verdade do evangelho. Em outros momentos, ele o

fez a partir da criação, do contraste entre Deus e os deuses adorados e do próprio sentimento humano de desencontro com a vida e perdição.

4. O evangelho deve ser explicado a partir de si mesmo e não da cultura. O conteúdo do evangelho não é negociável. Quando Paulo fala aos judeus sobre o Messias e lhes apresenta Jesus, ele estava ali em uma linha "*segura*" de comunicação contextualizada. Porém, seu desejo por criar uma atmosfera propícia para a comunicação não fez com que minimizasse as verdades mais confrontadoras, que o levariam a ser expulso, ignorado e questionado.

5. O alvo final da apresentação da mensagem é levar o homem ao conhecimento de Cristo e não simplesmente comunicá-la. A comunicação de Paulo pavimentava o auditório para a apresentação da verdade, tanto para os filhos da promessa quanto para os filhos da criação.

6. A contextualização da mensagem, lingüística e culturalmente, é um instrumento para uma boa comunicação, que transmita o evangelho de forma clara e compreensível. Paulo a utilizava abundantemente ao falar distintamente a judeus e gentios, escravos e livres, senhores e servos. Também Jesus, ao propor transformar pescadores em pescadores de homens, ao utilizar em seus sermões a candeia que ilumina, a semente lançada em diferentes solos, o joio e o trigo no mesmo campo, a dracma que se perdeu, as redes abarrotadas de peixes, o fez para que o essencial da Palavra chegasse de maneira inteligível para a pessoa, sociedade e cultura que o ouvia.

7. O resultado esperado da apresentação contextualizada do evangelho é o arrependimento dos pecados e sincera conversão. Qualquer apresentação do evangelho que leve o homem a sentir-se confortável em seu estado de pecado é certamente inconclusiva e parcial. Paulo deixa isto bem claro quando lhes expõe um evangelho libertador e transformador.

Critérios bíblicos para a contextualização

Tippett[8] enfatiza que quando um povo passa a ver Jesus como Senhor pessoal, e não como um Cristo estrangeiro; quando eles agem de acordo com valores cristãos aplicados à própria cultura vivendo um evangelho que faz sentido à sua cosmovisão, quando eles adoram ao Senhor de acordo com critérios que eles entendem, então teremos ali uma igreja entre eles.

Apesar de o evangelho ser supracultural e atemporal, para todos os povos em todos os tempos, cada cultura, em si, possui uma fórmula própria de elaboração de perguntas a serem respondidas pela Palavra. A sensualidade é condenada pela Bíblia, mas cada povo desenvolve uma compreensão cultural distinta do que é

ou não sensual. Nos Bassari, do norte do Togo, a parte observada como de maior sensualidade no corpo de uma mulher é seu antebraço que, portanto, precisa ser devidamente coberto. Esta mesma mulher anda com seus seios expostos sem que isto cause constrangimento ou evoque um comportamento sensual nos que a observam. A contextualização da mensagem é um processo necessário para que a mesma seja transmitida com fidelidade.

Podemos exemplificar pensando na figura de um homem ocidental urbano com pneumonia. No ocidente, tal enfermidade é tratada de acordo com o conhecimento acumulado sobre a enfermidade e a história prescrita de cura. A pergunta que surge, portanto, é apenas como tratá-la. No contexto africano, a principal pergunta a ser debatida não é *como*, mas *por quê*. A causa da enfermidade é a questão mais relevante e nenhuma ação será tomada até que haja uma iniciativa na direção de se produzir esta resposta. Trata-se uma mesma enfermidade objetiva, gerada pelos mesmos mecanismos biológicos, mas com abordagens culturais distintas. A compreensão das perguntas que inquietam os corações é fundamental para a proclamação do evangelho de forma decodificada e transformadora.

Se fecharmos os olhos para a necessidade da contextualização iremos comprometer o conteúdo do evangelho na transmissão do mesmo. Possivelmente passaremos adiante apenas sinais sem significados que produzirão valores sincréticos em vez de bíblicos.

Devemos, porém, perceber que a contextualização não possui valor em si mesma.[9] Seu valor é proporcional ao conteúdo a ser contextualizado. Nielsen afirma que a Umbanda no Brasil é a forma mais perfeita de contextualização de valores religiosos. Trazida pelos escravos, moldou-se ao Catolicismo europeu, forneceu uma mensagem pessoal e informal, gerou células que ganham vida de forma independente e cria cenários atrativos para novos adeptos. Portanto a pergunta não é apenas *como* contextualizar, mas especialmente *o que* contextualizar. O valor está no evangelho. A contextualização é a ferramenta.

Na tentativa de avaliar a compreensão (e transformação) do evangelho em um contexto transcultural, ou mesmo culturalmente distinto, há algumas questões que deveríamos tentar responder perante um cenário no qual a mensagem bíblica já foi pregada:

Eles percebem o evangelho como sendo uma mensagem relevante em seu próprio universo?

Eles entendem os princípios cristãos em relação à cosmovisão local?

Eles aplicam os valores do evangelho como respostas para os seus conflitos diários da vida?

Contextualizar o evangelho é traduzi-lo de tal forma que o senhorio de Cristo não seja apenas um princípio abstrato ou mera doutrina importada, mas um fa-

tor determinante de vida em toda sua dimensão e critério básico em relação aos valores culturais que formam a substância com a qual experimentamos o existir humano.

Para que isto aconteça é necessário observar alguns critérios para a comunicação do evangelho:

1. Toda comunicação do evangelho deve ser baseada nos princípios bíblicos, não sendo negociada pelos pressupostos culturais das culturas doadoras e receptoras do mesmo. A Palavra de Deus é tanto transculturalmente aplicável quanto supraculturalmente evidente e relevante. É, portanto, suficiente para todo homem, seja o urbano ou o tribal, o antigo ou o moderno, o acadêmico ou o leigo.

2. A comunicação do evangelho deve ser uma atividade realizada a partir da observação e avaliação da exposição da mensagem que está sendo comunicada. O objetivo desta constante vigilância é propor o evangelho de forma que possa ser traduzido culturalmente fazendo sentido também para a rotina da vida daquele que o ouve. É necessário fazer o povo perceber que Deus fala a sua língua, em sua cultura, em sua casa, no dia-a-dia.

3. A rejeição do evangelho não deve ser vista, em si, como equivalente à má contextualização. O confronto da Palavra com a cultura ocorrerá, assim como a rejeição da mensagem bíblica.

4. Ao elaborarmos a abordagem na apresentação do evangelho, devemos partir da Bíblia para a cultura e não o contrário.

Não interessa o que mais um plantador de igrejas faça, ele precisa proclamar o evangelho. Trabalho social, ministério holístico e compreensão cultural jamais irão substituir a clara comunicação do evangelho nem justificar a presença da igreja. O conteúdo do evangelho exposto em todo e qualquer ministério de plantio de igrejas deve incluir: a) Deus como Ser Criador e Soberano (Ef 1.3-6); b) o pecado como fonte de separação entre o homem e Deus (Ef 2.5); c) Jesus, sua cruz e ressurreição como o plano histórico e central de Deus para redenção do homem (Hb 1.1-4); d) o Espírito Santo como o cumprimento da promessa e encarregado de conduzir a igreja até o dia final.

Resumindo, precisamos conciliar a sensibilidade e interesse cultural com uma teologia bíblica que fundamente o ministério. Se uma sugestão pudesse ser dada seria esta: reavaliarmos nossa atividade evangelística e eclesiástica à luz daquilo que é teologicamente fundamentado e não apenas praticamente frutífero, seja do ponto de vista da comunicação da mensagem ou da formação da igreja. Ao mesmo tempo, observar se a mensagem bíblica está sendo compreendida lingüística e culturalmente. Se é observada como algo aplicável e relevante para quem a ouve. E se ela é, de fato, Palavra de Deus para o homem.

Colhemos hoje frutos amargos do nominalismo cristão e do sincretismo reli-

gioso que germinaram a partir de um enfraquecimento da centralidade da Palavra durante o trabalho de comunicação do evangelho. As justificativas históricas para tal quase sempre orbitaram entre dois pontos: a ênfase puramente na justiça social e a procura por uma comunicação culturalmente mais sensível. Porém se cremos que Deus é o Criador e Senhor da História, dos povos, das línguas e culturas, precisamos crer que sua Palavra não é apenas verdadeira, mas também fomentadora de justiça (libertando os fracos e oprimidos) e também comunicável ao coração de todo homem, e destinada a todo homem.

Paralelamente também colhemos frutos amargos pela ausência de compreensão cultural na apresentação de Cristo. Os frutos são os mesmos: nominalismo cristão e sincretismo religioso. Ou seja, a falta de compreendermos Cristo levará um grupo a adaptar-se aos rituais cristãos sem que estes tenham qualquer outro valor além do simbólico, que é o nominalismo. Um outro grupo, na busca de maior significado na mensagem não-compreendida do evangelho, o misturará com elementos de sua religiosidade que possuam ampla compreensão, que é o sincretismo. Olhando as frentes missionárias despreocupadas com a contextualização encontraremos, abundantemente, templos de cimento para culturas de barro, pianos de calda para povos dos tambores, terno e gravata para os de túnica e turbante, sermões lineares para pensamentos cíclicos, sapatos engraxados para pés descalços. Tão ocupados em exportar nossa cultura nos esquecemos de apresentar-lhes Jesus, Deus encarnado, totalmente contextualizado, luz do mundo.

Uma última palavra sobre o sincretismo religioso. No meio missiológico mundial é perceptível que este é o tema que produz insones debates à procura de propostas de abordagem. Neste caso, o que fazer com uma igreja sincrética? Que atitude tomar quando esta igreja sincrética é a única, ou mais expressiva, igreja evangélica em uma região, etnia ou país? Angola, Moçambique e tantos outros países do mundo são o palco de debates e estudos missiológicos à procura de soluções bíblicas para uma igreja, em sua grande expressão sincrética. Alguns missiólogos, desmotivados com as propostas infrutíferas no combate a este mal, já chegaram a sugerir que devemos investir na próxima geração, em tais situações. Ou seja, não há muito a fazer. Tradicionalmente, o investimento no ensino da Palavra e a tentativa de treinamento de líderes maduros têm sido as propostas missionárias para contextos sincréticos. Pessoalmente creio que devemos tratar o cristão envolvido em sincretismo como um incrédulo, de certa forma. Ou seja, procurar mantê-lo por perto, atraído pelo que conhece ou deseja conhecer do evangelho, e ensinar-lhe a Palavra. É certo que evangelizar e amadurecer na Palavra uma igreja sincrética é tarefa muito mais árdua do que plantar uma nova igreja. Porém creio que não devemos olhar para estes como uma geração perdida, mas como uma tarefa inacabada. Os principais cenários de sincretismo mundial

surgiram a partir da retirada inesperada de missionários quando estes plantavam igrejas, ainda em seus primórdios, muitas vezes expulsos do país que atuavam pelas guerras, política, fanatismo religioso e assim por diante, ou mesmo pela abundância de evangelistas e carência de mestres e discipuladores na equipe que plantava igrejas. O fato é que, em sua maioria, a razão provocadora de uma igreja imatura e sincrética advém da falta de ensino alheio aos desejos iniciais dos plantadores de igrejas. Obviamente não incluo aqui as iniciativas cristãs sincréticas em si, com teologia pluralista, mercantilista, não-revelacional e não-dogmática. Falo sobre movimentos sérios, bem embasados e com boa teologia bíblica. Neste caso, vale a pena investir um pouco mais. Ensinar um pouco mais. Desenvolver uma equipe missionária voltada para o ensino da Palavra. Uma igreja sincrética, bem como uma comunidade pagã, pode igualmente ser transformada pelo poder do evangelho.

A IGREJA E SUA MISSÃO NO PLANTIO DE IGREJAS

O assunto plantio de igrejas deve ser observado sob a perspectiva da missão, ou seja, o resultado do desejo de Deus que envolve a ação da igreja.

Um dos maiores perigos existentes no processo de plantar igrejas é defrontar-se com um cenário onde a missão da igreja está desassociada da missão de Deus, a *Missio Dei*. E isto ocorre quando a igreja segue sua própria agenda, de plantio ou crescimento, por motivações próprias e antibíblicas. Não para a glória de Deus, mas para a glória da igreja. Não para alcançar os perdidos, mas para fortalecer a denominação. Não para exaltar Jesus, mas para exaltar os seus líderes.

Michael Green[1] em seu comentário ao evangelho segundo Mateus expõe que, na igreja primitiva, a missão era um conceito fácil de ser compreendido. O desejo de Cristo, de ser anunciado a todos, era claro para cada crente. Esta missão, porém, apesar de clara e facilmente compreendida, era complexa em sua execução, pois demandava sair de Jerusalém, abrir mão de uma estrutura eclesiástica local já em formação que providenciava um senso de conforto para os cristãos.

Muitos missiólogos compreendem que o plantio de igrejas, e não apenas o evangelismo individual, é um ensino contido na grande comissão, o que creio ser evidente. Hesselgrave, Johnstone e Bosch manifestam-se de forma marcante nesta compreensão expondo que o fazer discípulos da grande comissão é uma ordem que desembocaria no agrupamento dos crentes, formação de igrejas locais, expansão do reino de Deus. Johnstone entende que fazer discípulos, batizando-os e ensinando-os a Palavra de Deus implica "*uma vasta diversidade de atividades envolvendo os crentes em uma comunidade com a qual se relacionarão e prestarão contas*".[2]

Richard Hibbert expõe o pensamento de Love quando este defende a ligação entre a grande comissão e o plantio de igrejas com base em Atos 14.21-23, que contém o mais conciso relato sobre plantio de igrejas no Novo Testamento. O termo usado no verso 21 (fizeram muitos "*discípulos*") vem do verbo *mathe-*

teo usado em Mateus 28.19 na grande comissão. Estes são os únicos dois lugares em que o verbo é usado no Novo Testamento. Expressa o desejo de Cristo para seus discípulos na grande comissão e, a partir dela, seu desejo de ver este grupo de discípulos gerando novos grupos que amam e seguem Jesus, ou seja, plantando igrejas.

Em razão desta posição, Hibbert menciona que: "*Tenho argumentado que o plantio de igrejas é peça fundamental na* Missio Dei. *Sem o plantio de novas igrejas o propósito de Deus não é realizado na terra. A transformação da sociedade na direção de Deus ocorre por intermédio da sua agência, a igreja, e assim comunidades locais de convertidos são a maior expressão de sua presença e seu desejo transformador*".[3] Assim, perdendo a igreja a prioridade da grande comissão perderá também o caminho para o cumprimento do desejo de Cristo: uma comunidade de santos pregando um evangelho transformador e gerando, no poder de Deus, outras comunidades que seguem e amam o Senhor.

Inquieto-me ao ver uma atual verdade nas antigas palavras de Cirenius, teólogo bizantino, ao afirmar que a igreja sofrera a tentação de desenvolver a sua personalidade e perder a sua finalidade. À imagem do primeiro homem, a igreja também peca quando esquece o porquê está aqui e imagina ser suficiente apenas o existir. Torna-se assim tal qual uma linda rosa vermelha... a qual nasce, cresce, murcha e morre em um campo distante sem ser vista por ninguém, sem dar prazer nenhum olhar.

Vivenciamos a tendência da errática cristã a qual tenta incluir-se nas bênçãos do evangelho e se auto-excluir de sua prática: a antibíblica vontade de ver a terra arada sem por as mãos no arado.

Igreja – o conceito neotestamentário

A igreja no Novo Testamento é o resultado de uma construção de valores e fatos. A compreensão de igreja que os discípulos possuíam crescia em estágios bem demarcados. Em um primeiro momento, havia a compreensão da igreja a partir e ao redor dos apóstolos. Jerusalém tornou-se não apenas o palco para a permanência desta igreja como também um símbolo de centralização. Em outro estágio encontramos o conceito dos gentios que não apenas passaram a ser evangelizados a partir de Antioquia, mas passaram, eles mesmos, a definir o conceito crescente de igreja nas mentes e corações dos convertidos. Em um outro estágio, após o enraizamento de igrejas locais espalhadas por todo o mundo gentílico por meio da dispersão dos crentes em Atos 8 e do envio de Paulo e Barnabé em Atos 13, as próprias igrejas locais passaram a plantar igrejas locais.

Michael Green chama nossa atenção para este momento em que não apenas Jerusalém, mas os discípulos pioneiros, deixaram de ser o centro motivador do evangelismo. Agora as igrejas locais passam a olhar ao redor e começam a plantar novas igrejas.

O Espírito Santo, no Pentecostes, conferiu autoridade à igreja para a sua missão. Deste modo, milhares de homens e mulheres, cheios do Espírito Santo, passavam a apresentar as boas novas por onde quer que chegassem. Estes *do caminho* não possuíam ainda uma eclesiologia definida, porém eram alimentados pela Palavra, a partir do ensino dos apóstolos, havendo entre eles um ambiente de comunhão, dedicação à oração e proclamação de Jesus.

Creio ser relevante, para nosso estudo sobre plantio de igrejas, entendermos um pouco do perfil desta igreja no Novo Testamento, pois boa parte da problemática no processo de plantar igrejas advém da má compreensão da natureza da própria igreja pelo que a planta.

Igreja de Deus

Devemos inicialmente identificar alguns conceitos bíblicos que nos ajudarão a compreender o significado neotestamentário de "*igreja*".

Comumente encontramos no Novo Testamento a expressão "*igreja de Deus*" ("*Ekklesia tou Theou*") [At 20.28; 1Co 1.2; 2Co 1.1] o que evidencia que esta igreja veio de Deus e pertence a Deus. É uma comunidade que possui Deus como fonte; é eterna, espiritual e universal. Não provém de elucidação humana ou de uma obsessão nutrida por um grupo de loucos há 20 séculos. Foi articulada por Deus, formada por Deus, é pertencente a Deus e permanece ligada a Deus. Independente das deturpações da fé, das ramificações que se liberalizaram, dos que se perderam pelo caminho, a igreja permanece, pois é posse de Deus.

Desta forma, a "*Ekklesia tou Theou*" necessita caminhar de acordo com o palpitar do coração de Deus, a quem pertence, traduzindo para sua vida os desejos profundos do seu Senhor.

Importa-nos perceber este conceito bíblico de igreja, como igreja pertencente a Deus, a fim de construirmos nossos princípios para plantio de igrejas segundo a fundamentação da Palavra. Esta "*igreja de Deus*" leva-nos a observar com muita cautela todo e qualquer movimento eclesiástico por demais personalista. A igreja que é plantada e cresce de forma saudável, apesar de seguir e ouvir seus líderes, não orbita ao redor de uma ou duas figuras humanas, mas de Deus. Também deve nos encorajar a não nutrirmos sonhos pessoais de sermos beneficiados, como plantadores de igrejas, das igrejas que plantamos. Elas pertencem a Deus. Não temos sobre elas direito ou poder. Apenas responsabilidade e serviço.

Igreja local

Também no Novo Testamento encontramos o conceito de "*igreja local*". Em 1 Coríntios 1.12, vemos, por exemplo, a expressão "*igreja de Deus que está em Corinto*", no qual "*que está*" ("*te ouse*") indica a localidade da igreja. Mostra-nos que os santos de Corinto pertencem à igreja, e não que a igreja pertence a Corinto, deve ficar bem claro. Como igreja, somos parte do corpo e não cidadãos de uma cidade. Nos últimos 2.000 anos, a igreja adquiriu uma forte tendência de se localizar condicionando-se tão fortemente a uma cidade, bairro ou território a ponto de alguns chegarem a defender uma demarcação local impedindo trabalhos fora da sua jurisdição.

No conceito neotestamentário, "*igreja*" é uma comunidade sem fronteiras e, portanto, há necessidade de sacramentalizarmos mais os santos e menos os templos.

É certo que o evangelho chegou até aos confins da terra por intermédio, inicialmente, de um movimento judeu. Jerusalém era o centro da igreja de Cristo e os discípulos eram judeus em sua grande maioria. Creio que Atos 8 é um divisor de águas no conceito territorial e geográfico da igreja que ainda permanecia em Jerusalém, mesmo depois de ter sido revestida de poder no Pentecostes. Após Atos 8, com a forte perseguição da igreja, os crentes foram dispersos e iam por toda parte pregando a Palavra. Em meio à crise, a igreja foi gradualmente perdendo seu apego territorial a Jerusalém e envolvendo-se com as comunidades cristãs que nasciam em território gentílico. A própria igreja em Antioquia, enviadora de Paulo e Barnabé em Atos 13, era formada primariamente por judeus convertidos. É notório, portanto, que a visão da igreja se expande, se aproximando mais da visão do seu Senhor. Compreendeu-se que a igreja local não pertence ao local, pertence ao corpo que é dinâmico e se expande segundo o cabeça que é Cristo.

Plantadores de igrejas não devem ser limitados pela geografia ou territorialidade. Sua missão é focada em pessoas, sejam do grupo alvo ou outros que estão ao seu redor; da etnia que estuda ou outra que se aproxima. Onde houver uma porta aberta e um coração sem Deus, ali devemos apresentar o evangelho, pois na cosmovisão do Senhor a igreja é formada por pessoas. Onde há pessoas há possibilidade de vermos nascer a igreja de Cristo.

Igreja Humana

Também dentro do conceito de "*igreja*" nos deparamos no Novo Testamento com um perfil bastante humano. Em 1 Tessalonicenses 1.1, por exemplo, vemos

"*igreja de Tessalônica*" ("*ekklesia Thesalonikeon*"[4]) dando-nos a idéia daqueles que são igreja também sendo tessalônicos, cidadãos de Tessalônica.

Mostra-nos o fato de que por serem "igreja" não significa que deixam de ser cidadãos, patriotas, carpinteiros, lavradores, comerciantes, desportistas, pais, mães ou filhos. "*Igreja*" no Novo Testamento não é apresentada como uma comunidade alienante, mas como uma comunidade que abrange o homem em seu contexto humano, fazendo-nos entender que esta igreja não foi separada do mundo, mas purificada dentro dele.

No livro de Atos, a humanidade passo a passo era chocada com a fé daqueles que "*transtornavam o mundo*", segundo a qual o viver era Cristo, o objetivo era ganhar almas, a alegria era a adoração, o que os unia era a verdadeira comunhão, o amor era traduzido em ações, os fortes guiavam os fracos, as dificuldades eram enfrentadas com oração, a paz enchia os corações e todos, mesmo sem muita estrutura humana, possuíam como finalidade de vida apenas testemunhar do seu Mestre. Era uma igreja visionária formada por gente como a gente.

A humanidade da igreja é um conceito relevante para o plantador de igrejas. Ao evangelizarmos e discipularmos devemos olhar aqueles a quem servimos não apenas como almas convertidas ao Senhor Jesus, mas como homens e mulheres com história, vida e linha de tempo. Eles possuem dons e talentos, fraquezas e habilidades, círculos de relacionamento, especialidades, conhecimento específico e assim por diante. Esta humanidade deve ser usada na igreja para a glória de Deus e evangelização de outros. Observar e entender o homem a partir de seu perfil pessoal ajuda-nos a conduzi-lo a ser sal da terra e luz do mundo pelo que é, tem e pode fazer.

Igreja missionária

Atos 1.8 nos expõe o princípio da prioridade. Jesus, reunido com seus discípulos, é questionado sobre o "*tempo*" para a restauração do reino de Israel.

"*Chronos*" é o termo utilizado para "*tempo*" no versículo 6 para a pergunta dos discípulos a Jesus: "*... lhe perguntavam: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?*". A pergunta era absolutamente escatológica, pois "chronos" refere-se ao tempo humano, linear. Era uma pergunta sobre a agenda dos últimos dias. Estes discípulos indagavam qual seria o dia, mês e ano da restauração do reino de Israel.

A forma como esta pergunta foi elaborada mostra a distorção doutrinária daquilo que era o centro dos ensinos de Jesus no último ano de seu ministério: o reino de Deus. Quando eles perguntam: "*será este*" ("*touto*" — indica que eles esperavam uma restauração imediata com objetivo definido, um rompante de

Deus intervindo no mundo da forma como existia na época); "*que restauras*" ("*apokathistaneis*" – aponta para uma reconstrução nacional política); e o complemento "*a Israel*" dá um tom político/territorial, a independência de Israel. Deste modo, percebemos a elaboração geográfica/temporal que estava na mente dos discípulos.

Voltando à pergunta inicial. No "*será este o tempo*" do versículo 6 entendemos que o texto poderia optar entre duas possibilidades mais comuns para compilar a resposta de Jesus no versículo seguinte quando o Mestre enfatiza que "*não vos compete conhecer tempos ou épocas*". Para a expressão "*tempos ou épocas*" o texto poderia utilizar a mesma expressão encontrada no versículo 6: "*chronos*". Desta forma, Jesus estaria dizendo que não era da competência dos discípulos conhecer o "*tempo humano*" (dia, mês e ano) em que o reino seria restaurado. Assim Jesus condicionaria o assunto escatológico a um plano humanamente inteligível.

Outra opção textual seria a utilização do termo "*kairos*" para "*tempos ou épocas*" na resposta de Cristo, o que enfatizaria que "*não vos compete conhecer o tempo de Deus*", ou seja, "*os fatos e acontecimentos que assinalavam um momento certo ou errado de algo acontecer*" nas palavras de Tertúlio Cônico. Desta forma, Jesus afirmaria que não era da competência dos discípulos conhecer o "*tempo de Deus*", o momento apropriado na economia do Pai para que o reino chegasse.

Para nossa surpresa textual, a expressão "*tempos ou épocas*" no versículo 7 utiliza ambos os termos e conceitos: "*chronous kai kairous*"[5] (o tempo humano e o tempo divino) e com isto o texto afirmava que a prioridade de Jesus não era escatológica (os últimos dias, os eventos finais, a consumação dos séculos), mas missiológica. O versículo 8 intervém com a expressão "*mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e sereis minhas testemunhas...*". Com estas palavras Jesus explicava o reino: ele criara uma igreja funcional e não apenas contemplativa, nascida para espalhar a sua Palavra a todos os povos, em todas as gerações, até a sua volta.

Paulo entende este princípio e em Romanos 15.20 explica que "*aqueles que nada ouviram*" são a prioridade de Deus em relação à evangelização mundial. E isto pode ser perto ou pode ser longe. Tanto em uma tribo isolada quanto do outro lado da rua. O valor de uma alma, para Deus, é o mesmo: mais que o mundo inteiro.

Igreja – o processo do envio

Olharemos para a igreja em Antioquia como paradigma de envio, compromisso evangelístico e força plantadora de igrejas. A proposta é fazê-lo sonhar com este modelo bíblico. Não foram Paulo e Barnabé que iniciaram este grande movimento de plantio de igrejas entre os gentios, mas uma igreja, sensível ao Espírito, com a visão do reino, temor à Palavra e pronta para servir. Igrejas plantam igrejas.

> *Ora, na igreja em Antioquia havia profetas e mestres, a saber: Barnabé, Simeão, chamado Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colaço de Herodes o tetrarca, e Saulo. E servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, depois que jejuaram, oraram e lhes impuseram as mãos, os despediram* (At 13.1-3).

O versículo 1 enumera 5 líderes da igreja em Antioquia[6] descritos sob a categoria de "*profetai kai didaskaloi*" (profetas e mestres). "*Profetes*" era aquele que "*falava em nome de Deus*" e também utilizado no grego ático* tanto para "*pregador*" quanto para "*expositor das leis*". O "*Didaskalos*" é o mestre (de "*didasko*": ensino) aplicado para aquele que possui discípulos. Parece-me que, neste caso, estes "*didaskaloi*" estavam mais ligados à instrução dos novos convertidos em Antioquia. Nesta lista, primeiramente, é mencionado Barnabé, o qual era "*natural de Chipre*" [At 4.36]. Logo em seguida, Lucas cita Simeão referindo-se provavelmente a um africano "Níger" (negro) e Lúcio "*de Cirene*" provindo do norte da África. Também lista Manaém, colaço ("*syntrophos*": irmão de leite) de Herodes e, finalmente, Saulo.

O versículo 2 começa com uma ação coletiva: "*e servindo eles ao Senhor...*". E as duas perguntas que devem ser aqui levantadas são: quem são "*eles*" e como serviam ao Senhor? Há três possibilidades para entendermos "*eles*", uma vez que o texto não o define: refere-se a toda a igreja em Antioquia ou apenas aos 5 líderes do verso anterior; ou ainda especificamente a Paulo e Barnabé mencionados separadamente logo após.

Por ausência de ligação textual, creio que podemos excluir a "*igreja em Antioquia*" restando-nos os cinco líderes do versículo 1 e Paulo e Barnabé do versículo 2. De qualquer forma, estes últimos são também mencionados na lista de líderes; portanto, os utilizaremos como pressuposto para "*eles*". Sigamos para a pergunta principal: como serviam ao Senhor ?

---

* Grego ático foi um dialeto do grego clássico que se tornou bastante usual no período que antecedeu o Novo Testamento, entre 900 a.C. — 330 a.C., servindo, posteriormente, de base lingüística para o grego Koinê, que foi a língua comum do povo na época neotestamentária [N. do E.].

Leitourgoi – Edificadores do Corpo de Cristo

O verbo "*servindo*" (*leitourgounton*) utilizado aqui aponta para aqueles que serviam ao Senhor como "*leitourgoi*", servos. Lembremo-nos de que havia três formas de alguém se apresentar como "*servo*" no contexto neotestamentário:

1. Como "*doulos*" — o escravo. Nas palavras de Candus, "*aquele que pessoalmente acompanha o seu Senhor para realizar os desejos do seu coração*".[7] Portanto "*doulos*", no contexto do Novo Testamento, é aquele que tem um compromisso direto com Deus; que serve pessoalmente ao seu Senhor.

2. Como "*diakonos*" — o mordomo. Aquele que serve ao seu Senhor por meio do serviço à comunidade. Na Bíblia, o termo é usado para aqueles que, sensíveis à necessidade do corpo de Cristo — física e espiritual — servem a Deus.

3. Como "*leitourgos*" — o edificador. O termo, ligado à "*leitourgia*" (liturgia), não é restrito como o usamos hoje. Refere-se àquele que serve ao Senhor sendo usado por ele para abençoar e edificar o seu irmão. E esta é justamente a raiz do verbo que expressa que Paulo e Barnabé "*serviam*" ao Senhor, afirmando, portanto, que eles eram, antes de tudo, "*abençoadores*" ou "*edificadores*" do corpo de Cristo em Antioquia. Eram uma bênção, como se pode falar hoje.

Portanto, a primeira característica apontada pelo texto a respeito destes dois homens que iniciaram a obra missionária como a conhecemos hoje não foi a competência intelectual, o título ministerial ou a profundidade teológica, mas a fidelidade de vida em relação aos de perto, aqueles que os rodeavam em Antioquia.

Uma aplicação objetiva do texto seria esta: não envie para longe aqueles que não são uma bênção perto. Aquele rapaz que diz possuir um claro chamado ministerial, se não tiver primeiramente um desejo ardente pelo ministério comprovado pelo serviço em sua igreja local certamente não o terá em lugares distantes. Ele não está pronto para ser enviado ao seminário. Aquela jovem que insistentemente afirma ter um claro chamado ministerial para a obra missionária em algum lugar distante, se não o demonstrar, onde está, com os ministérios e oportunidades locais, não o fará também do outro lado do mundo. Ela não está pronta para ser enviada ao preparo ou ao campo.

Um plantador de igrejas que, localmente, não evangeliza, e não demonstra disposição para cooperar com as excursões evangelizadoras da igreja, certamente não demonstrará nada diferente em outras paragens.

Spurgeon já falava em 1885 que "*nada é mais difícil do que se mostrar fiel aos de perto que bem lhe conhecem*",[8] e aqui três rápidas aplicações poderiam ser feitas.

Pessoal. Não há nada mais perto de nós do que a nossa família. Aquele que não pode ser apontado pela esposa, esposo ou filhos como *leitourgos* no dia-a-dia

de sua casa dificilmente será uma bênção fora dela, seja ele um professor, pastor, missionário ou crente.

Ministerial. Líderes e pregadores que se destacam nos púlpitos e salas de aula de igrejas e seminários, mas fracassam com a família, amigos e pessoas chegadas não estão prontos para o ministério. Plantadores de igrejas que são exímios no que fazem, nas ruas, praças e templos, porém não têm testemunho de Cristo entre os seus, não estão qualificados ao envio. O ministério não define o próprio ministério. O caráter de Cristo em nós é que o faz.

Eclesiástico. Não há nada mais perto da igreja do que a própria igreja, os irmãos com os quais nos encontramos a cada semana. Se uma comunidade cristã não demonstra ser *leitourgos*, abençoadora, para aqueles com a qual convive dia-a-dia, culto a culto, dificilmente conseguirá fazer diferença em outros lugares, seja perto, seja longe.

Aphorizo – Separando para o envio

O texto diz que servindo eles ao Senhor, "*disse*[9] *o Espírito Santo: separai-me...*". O texto não esclarece como o Espírito se manifestou e falou à igreja, mas toda a ação deixa bem claro que a igreja prontamente ouviu.

O conteúdo do que o Espírito falara foi "*separai-me*" (*aphorisate*), do verbo "*aphorizo*", o qual é um verbo exclusivista também usado em Mateus 25.32, quando o pastor "*separa*" as ovelhas dos carneiros. "*Aphorizo*" se diferencia de "*ekklio*", pois não se trata de uma separação de relacionamento (foram excluídos da igreja de Antioquia), mas de uma separação para uma função (permanecendo ligados à igreja são agora designados para uma função além da igreja local). É o mesmo termo usado nos *Documentos de Cartago* quando cidadãos comuns eram chamados para engrossar as fileiras do exército romano. Portanto Paulo e Barnabé seriam separados porque primeiramente haviam sido chamados[10] e não o contrário.

É bom também entendermos que "*ergon*" (a obra) para a qual foram chamados é um termo genérico que tanto pode significar um ato quanto uma função e poderia ser usado por ser esta obra já bem conhecida por todos na igreja – a evangelização dos gentios – ou também para chamar a atenção para o ponto principal deste comando: não a obra, mas quem os chamou para esta obra. Demonstra também flexibilidade ministerial indicando que a obra pode mudar, mas o chamado permanece, pois se baseia naquele que nos chamou.

A expressão "*jejuando e orando*" vem como um conjunto que se completa já que, segundo Stott, "*o jejum é uma ação negativa* (*abstenção de comida e outras distrações) em função de uma ação positiva* (*culto e oração*)",[11] e em subse-

qüência "*impondo sobre eles as mãos...*" trás a expressão "*epithentes tas cheiras*", que possui vasto significado para o conceito de envio missionário. Vejamos os principais:

Sinal de autoridade. Este "*impor de mãos*" remonta ao grego clássico quando um pai impunha suas mãos sobre o filho que lhe sucederia na chefia da família, ou seja, uma transferência de autoridade. Para Paulo e Barnabé, isto significaria que eles possuíam a autoridade eclesiástica para fazer tudo o que a igreja faria mesmo onde ela não estivesse presente, como comunidade. É portanto, ao mesmo tempo, uma carga de autoridade e responsabilidade. Como igreja em Antioquia, eles poderiam pregar a Palavra, orar pelos enfermos e desafiar os incrédulos, mas, ao mesmo tempo, precisariam também compartilhar da mesma fidelidade e dedicação que existia naquela comunidade dos santos.

Sinal de reconhecimento. Também era usado em momentos oficiais como na cidade de Alexandria, quando vinte oficiais foram escolhidos especialmente para guardar a entrada da cidade que sofria com freqüentes ataques de nômades, e sobre eles "*foram impostas as mãos*" em sinal de reconhecimento de que eram dotados das qualidades para aquela função. Para Paulo e Barnabé, este ato consistia no fato de que a liderança da igreja reconhecia não apenas o chamado (que era claro), mas também a capacidade e dons para cumprirem a missão.

Sinal de cumplicidade. Encontramos também no grego clássico o "*impor de mãos*" no sentido de cumplicidade quando generais eram enviados a terras distantes para coordenar uma província e as autoridades enviadoras impunham as mãos demonstrando ao povo que eles não seriam esquecidos, ou seja: permaneciam como parte do corpo. Para Paulo e Barnabé, isto significaria dizer que, por mais distantes que fossem, permaneceriam ligados à igreja de Antioquia. Que esta igreja continuaria responsável por eles, amando-os, desejando o melhor e com certeza sustentando-os. Ao meu ver, impor as mãos como sinal de autoridade e reconhecimento não é tão difícil como impô-las como sinal de cumplicidade, pois este último é um ato contínuo que demanda dedicação e profundo amor. Kent Norgan afirmou que "*é mais fácil amar aquele que se vê e ter compaixão ao que está sempre ao seu lado*".[12]

Por fim, a igreja "... *os despediu*" (*apelusan*), do grego "*apoluo*"[13] que significa "*fazer as honras do envio*". Creio que havia aqui um aspecto prático, pelo qual líderes e irmãos pensaram também nas necessidades imediatas de Paulo e Barnabé, para a viagem e ministério. "*Apoluo*" é uma expressão formal, portanto leva-nos a crer que não foram despedidos de forma simples, mas antes houve um culto no qual a igreja oficialmente se reunira para enviá-los: um abençoado culto de envio.

Princípios bíblicos no processo do envio missionário

Portanto temos aqui alguns princípios que podem ser observados no envio missionário.

No processo do chamado não há apoio bíblico ao ostracismo. Ou seja, é inválida a posição de irmãos que alegam ter ouvido a direção do Espírito Santo quanto à vocação missionária, mas que desejam levar adiante esta missão sem a participação da igreja local. Mesmo em um contexto para-eclesiástico[14] a igreja local precisa permanecer na linha de frente no processo de seleção e confirmação do chamado. Precisamos crer que o Espírito fala à igreja e devemos esperar submissão daqueles que foram chamados à sua liderança local.

No desafio ao envio missionário devemos evitar o institucionalismo. É o outro lado da mesma moeda. A igreja tomando decisões e definindo metas, estratégias e prioridades a despeito da visão daqueles que foram chamados. Precisamos crer que Deus colocará, de maneira clara, nestes corações, os desejos certos e a motivação que vem do alto. É preciso ouvir, e com atenção, o que Deus fala aos chamados em sua igreja local.

Não devemos enviar para longe aqueles que não são uma bênção perto. Um critério bíblico que aqui encontramos é que irmãos sob os quais pesam nossa esperança de abençoar os que estão distantes devem primeiramente ser reconhecidamente uma bênção para nós enquanto estão perto.

No momento do envio passamos para os enviados autoridade eclesiástica, reconhecimento de que são qualificados e especialmente cumplicidade com a obra para a qual foram separados. Ou seja, no processo do envio missionário o cordão umbilical não pode ser cortado. A igreja que envia é a responsável pela obra que inicia perante o Senhor. Igrejas plantam igrejas.

Ninguém sabe ao certo quando Deus falará, mas o jejum e a oração – sinais de uma comunidade piedosa e crente – são posturas daqueles que ouvirão a voz do Senhor. Deus fala a muitos, contudo aqueles que se humilham ouvem mais a sua voz.

A *Missio Dei* e a missão da igreja

Teólogos ecumênicos reunidos no Concílio Mundial de Igrejas em 1952 concordaram que tanto a igreja quanto a missão devem estar subordinadas à *Missio Dei* — missão de Deus. Ambas são parte e, portanto, menores que a *Missio Dei*. Teólogos protestantes desenvolveram, mais tarde, esta afirmação. Bosch defende que "*nossas ações missionárias são autênticas apenas quando refletem a participação na missão de Deus*".[15]

Para Bavink, Glasser, Verkuyl e outros missiólogos a *Missio Dei* poderia ser resumida no supremo propósito que o SENHOR possui da vinda do seu reino e a glória do seu nome.

Missiólogos evangélicos como Glasser, Kuzmic e Van Engen concordam em geral com a conclusão de que a igreja e o reino de Deus não são elementos idênticos, apesar de próximos. Concordam que a igreja é o agente primário usado por Deus para a vinda do seu reino sobre o mundo. Defendem que a igreja é composta pela multidão dos salvos, sob os desígnios de Deus e que é Deus, e não os homens, que conduz a história da salvação, em uma perspectiva histórica (Cristo, na cruz) e atual (a pregação do evangelho salvando todo aquele que crê).

Murray critica a expansão denominacional como sendo associada à expansão do reino de Deus. Apesar da equivalência, ele sugere que a expansão do reino de Deus, o conhecimento de Cristo relatado nas Escrituras para o mundo, pode ocorrer sem expansão denominacional. Defende que o apego às placas, nomes e formas comprometem a discussão central que é doutrinária e experimental, de compreensão bíblica e novo nascimento. Defende que o crescimento denominacional pode ser usado por Deus para a expansão do seu reino, porém demanda extremo cuidado para avaliarmos nossas motivações para tal, quer para o reino ou para a denominação. Esta postura denominacionalista e descomprometida com o reino não apenas privilegia o seu grupo, mas por vezes tende a perder preciosas oportunidades de participação na expansão do reino por limitações auto-impostas como território e reconhecimento.

Desta forma podemos concluir que, se a *Missio Dei* envolve a vinda e expansão de seu reino, que ele é o responsável e único capaz para fazê-lo, a missão da igreja é servi-lo, participar de sua missão, cumprir seus propósitos. Desta forma, a igreja é conclamada a não olhar para si, mas para ele. Não viver para satisfazer a si, mas a ele. Não procurar na própria comunidade a motivação certa para o serviço, mas nas Escrituras. A missão da igreja é clara: servir a Deus.

Vejo alguns grandes perigos, no Brasil, em nossa presente missiologia.

De os resultados substituírem o caráter no perfil do obreiro. O equívoco da valorização dos frutos em detrimento do coração piedoso e crente. A carnal tendência humana de definir ação missionária a partir dos resultados e não da intimidade com Deus.

De a capacidade humana substituir a procura por dependência de Deus. O perigo de supervalorizarmos as nossas estruturas no que tange à logística, ao conhecimento, preparo acadêmico e à capacitação em detrimento da prática de viver, trabalhar e sonhar tendo sobretudo no coração a incrível convicção de que nós dependemos de Deus.

De as estratégias certeiras substituírem o compromisso com a Palavra no crescimento da igreja e expansão da obra missionária. Nem tudo que dá certo é necessariamente bíblico e íntegro. Por vezes somos levados a escolher entre um rápido crescimento e um caminho mais lento, porém íntegro. Que Deus nos abençoe nestes momentos, a fim de que façamos a escolha da integridade.

De o zelo teológico se divorciar da prática missionária. É o outro lado da mesma moeda. De desenvolvermos um ensino teológico sem ligação com a igreja, sua vida e dinâmica. Sem ligação com o pastor, suas necessidades e desafios. Sem ligação com a missão, a evangelização e plantio de igrejas. Uma saudável prática sul-coreana poderia ser de grande ajuda na prevenção deste mal. De levar os teólogos a transitarem pelos desafios práticos da igreja e da missão, participando da sua vida, bem como trazer pastores e plantadores de igrejas para um cenário interativo nas salas de aula e cursos de reciclagem nos centros teológicos.

capítulo 4

ESTRATÉGIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS - PARTE 1

Creio que as estratégias de evangelismo e plantio de igrejas devem ser construídas de acordo com os fundamentos missiológicos numa perspectiva bíblica, contextualizada e aplicável. Portanto, deveremos aqui nos reportar aos primeiros capítulos deste livro à procura de validação para cada estratégia mencionada. Michael Green[1] defende que as estratégias evangelizadoras no século 1º eram claras, simples, envolventes e comunitárias. Ou seja, não eram *complexas* demais para serem reproduzidas apenas por um grupo restrito. Não eram *obscuras*, impedindo que sua compreensão escapasse da compreensão do povo. Não eram *elitizadas,* pois poderiam ser viabilizadas por todo crente em sua área de vivência.

As estratégias são formas por meio das quais aplicamos um princípio. O princípio da evangelização bíblica, cristocêntrica, mandatária e transformadora utilizará diferentes formas em diferentes contextos para que a mensagem seja compreendida de maneira inteligível e relevante.

Na década de 50, com a invasão comunista na China, os poucos missionários protestantes foram forçados a deixar o país.[2] Proclamou-se naqueles anos a morte da igreja chinesa, que contava com poucas centenas de convertidos maduros que, por sua vez, sofriam forte perseguição. A adoração pública a Deus foi tolhida, a evangelização e o testemunho pessoal do evangelho, proibidos, as reuniões, perseguidas. Os programas de treinamento de líderes locais desapareceram juntamente com as organizações missionárias nestes primeiros anos. A igreja chinesa, porém, passou a utilizar ambientes menos públicos para se reunir, em grupos pequenos, transmitindo a mensagem a partir de relacionamentos sempre individuais, enfatizou a teologia bíblica que expõe o sofrimento necessário e produtivo dos santos e valorizou a Palavra que, contrabandeada, chegava aos lugares mais distantes. Este pacote de aplicativos seria a estratégia utilizada. As mesmas sempre variam de lugar para lugar, tempo para tempo, de circunstância para circunstância. Desejar uniformizar as estratégias evangelísticas e de plantio

de igrejas seria uma ingenuidade do ponto de vista sócio-humano, visto que o homem muda freqüentemente sua forma de se agrupar, relacionar, comunicar, compreender e vivenciar verdades. Os princípios, porém permanecem.

Apesar de concordar com as expressões de Newbigin e Van Egen sobre a necessidade de uma evangelização direcionada ao homem e não ao grupo, e este homem inserido no contexto da vida, desenvolveremos neste capítulo uma abordagem *comunitária* no processo de plantio de igrejas. Ou seja, exporei aqui possíveis estratégias a serem utilizadas para um grupo específico e não um indivíduo, seja um segmento social urbano, um bairro em uma cidade ou mesmo uma etnia definida.

Na Conferência de Wheaton, influenciada pela missiologia de McGravan e Glasser, declarou-se que "*a missão da igreja é plantar igrejas em todas as comunidades da terra*".[3] Defendeu-se que Jesus deseja ser conhecido por todo homem. Que seu sacrifício está banhado por um perfil kerygmático, proclamativo. Que a missão de Deus envolve o mundo e não parte dele. Que é preciso levar este evangelho a todos os agrupamentos sócio-humanos na terra. Que isto é feito por meio da evangelização fundamentada nos princípios da Palavra e no plantio de igrejas vivas, missionárias e relevantes na sociedade.

Se cremos assim, o plantio de igrejas é a forma mais eficiente, auto-sustentável e duradoura de comunicar o evangelho dentro de um perímetro local, seja um bairro em contexto urbano, seja uma etnia culturalmente definida, pois gera demanda pela comunicação de um evangelho culturalmente compreensível, estabelece localmente o reino e duplica o efeito missionário uma vez que igrejas plantam igrejas.

O MODELO PAULINO DE DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS

A dificuldade em lidar com estratégias de plantio de igrejas é que em cada diferente contexto certas abordagens são mais aplicáveis que outras. Ou seja, as estratégias de comunicação e plantio de igrejas estão interligadas aos princípios de contextualização. Desta forma, a simples reprodução do modelo de igreja que conhecemos, em um ambiente distinto, pode ser catastrófico em outro, pois promoverá apenas a forma e não o princípio que deve ser transmitido com fidelidade. No coração das secas savanas africanas do Norte de Gana, missionários coreanos iniciaram um processo de plantio de igrejas a partir do levantamento de uma grande estrutura física que possibilitasse o ajuntamento. Assim o templo, bem construído, poderia abrigar um bom número de pessoas da tribo Frafra. Suas salas de oração eram bem divididas e a construção poderia ser vista de

longe como um marco daquele trabalho. Porém este templo não foi utilizado como planejado por diversos fatores. Primeiramente, o povo Frafra não possui o costume de se ajuntar com freqüência, preferindo pequenas reuniões com poucas pessoas. Também jamais se reuniu em lugares fechados, o que lhes causou pavor. O próprio piso do templo e lindas cores nas paredes também refletiam o óbvio: era um lugar para os brancos. Esta experiência nos mostra algo simples que precisamos compreender: a reprodução do modelo da igreja-mãe, ou igreja enviadora, não irá, necessariamente, colaborar para uma boa comunicação dos valores do evangelho. Precisamos distinguir o essencial do evangelho com sua roupagem cultural cristã moderna ocidentalizada.

Pensemos na estratégia de Paulo. Em Antioquia da Pisídia, ele iniciou o evangelismo a partir da sinagoga, pregando aos judeus. Estes ficaram tão impressionados que convidaram os missionários a voltarem na outra semana (At 13.13-48). Em Icônio, a mensagem comunicada na sinagoga não convenceu a maioria. Paulo e Barnabé foram então usados por Deus manifestando sua graça por meio de milagres e maravilhas (At 14.1-4). Em Listra, não há referência de Paulo pregando na sinagoga. Usado por Deus para a cura de um homem, Paulo fez deste momento uma ponte para pregar o evangelho a toda uma multidão (At 14.8-18). Em Tessalônica, Paulo pregava na sinagoga durante os sábados e na praça durante a semana. Historicamente ele se postava na "*petros*", um suporte de pedra à saída do mercado, para ali anunciar diariamente a palavra do Senhor para os que por ali passavam (At 17.1-14).

Portanto, encontramos no ministério de um só homem, em uma mesma geração, diferentes abordagens e estratégias. Paulo fala a multidões, mas também visita de casa em casa. Ele prega aos judeus na sinagoga, mas também o faz fora da sinagoga. Utiliza praças e mercados jamais deixando de proclamar às multidões, mas se devota a indivíduos para discipulá-los e treiná-los para a liderança local. Devemos, portanto, primeiramente compreender que não há estratégias fixas para a proclamação do evangelho. Há apenas princípios fixos.

Em certas regiões com urbanização ainda provinciana e doméstica o evangelismo de porta em porta é funcional, bem acolhido pela maioria e processado em um ambiente de credibilidade social que é o lar. Em outras regiões com urbanização mais metropolitana e privativa torna-se quase impossível tal atividade evangelística perante os condomínios fechados e uma cultura de isolamento. No primeiro, o homem é um ser comunitário e social, definido pelo seu grupo. No segundo, o homem é um ser individual e existencial, definido por si mesmo, seus desejos e volições próprias. Todas as estratégias devem ser avaliadas de acordo com o contexto a serem aplicadas senão fracassarão.

Observamos no ministério paulino de plantio de igrejas a percepção de que

o homem é o alvo do evangelho. As abordagens, ou estratégias, devem variar de acordo com a forma deste homem se agrupar e pensar, porém o alvo deve ser mantido de forma clara e constante. Assim, seja pregando a três pessoas em uma praça pouco movimentada ou a milhares em uma grande conferência evangelística, ou ainda proclamando o evangelho a uma família no aconchego de sua casa, sala de aula ou trabalho, o alvo é relacionar-se com o homem e gerar ali um ambiente em que o evangelho possa ser a ele comunicado e por ele compreendido.

No modelo paulino de plantio de igrejas podemos observar que as principais estratégias utilizadas foram:

a) Introduzir-se na sociedade local a partir de uma pessoa receptiva ou um grupo aberto a recebê-lo e ouvi-lo;

b) identificar ali o melhor ambiente para a pregação do evangelho, seja público como uma praça ou privado como um lar;

c) evangelizar de forma abundante e intencional, a partir da criação ou da promessa, e sempre desembocando em Cristo, sua cruz e ressurreição;

d) expor a Palavra, sobretudo a Palavra. Expor de tal forma que seja ela inteligível e aplicável para quem ouve;

e) testemunhar do que Cristo fez em sua vida;

f) incorporar rapidamente os novos convertidos à igreja, à comunhão dos santos, seja em uma casa ou um agrupamento maior;

g) identificar líderes em potencial e investir neles seja face a face ou por cartas;

h) não se distanciar demais das igrejas plantadas, visitando-as e se comunicando com as mesmas, investindo no ensino da Palavra;

i) orar pelos irmãos, pelas igrejas plantadas e pelos gentios ainda sem Cristo, levando-as também a orar;

j) administrar as críticas e competitividade sem permitir que tais atos lhe retirem do foco evangelístico;

l) utilizar a força leiga e local para o enraizamento e serviço da igreja;

m) investir no ardor missionário e responsabilidade evangelística das igrejas plantadas.

Entre os Konkombas em Gana, ao plantarmos as primeiras igrejas, utilizamos das mais diversas estratégias. As mulheres, muito ocupadas, tinham um tempo mais livre apenas a caminho do rio para buscar água. Os velhos sentavam-se embaixo das grandes árvores ao final da tarde. Os jovens e homens casados estavam livres apenas durante a noite. As crianças corriam soltas o dia inteiro. Ali os evangelizamos: a caminho do rio, embaixo das árvores, mais tarde nas palhoças e brincando com as crianças. Durante anos fizemos isto sistematicamente. Usamos histórias e ilustrações bíblicas. Encenamos alguns atos do evangelho. Ex-

pusemos com detalhes o plano de salvação. Usamos símbolos da natureza para explicar a criação, seus provérbios para falar sobre o pecado, suas músicas que comprovavam o desespero no qual viviam. O centro era o evangelho, repetido várias vezes. A mensagem era Cristo, sua vida e cruz. Nem todas as estratégias funcionaram bem, ou de forma constante. Mas muitas foram essenciais e percebo que a abundância na evangelização em múltiplas estratégias de comunicação facilita o processo inicial de plantio de igrejas. É o princípio do lançar a semente, sem saber qual germinará.

A Palavra de Deus foi um elemento centralizado no nascimento e crescimento da igreja descrita em Atos. Em Atos 6.7,12-24 e 19.20 a Palavra é o agente condutor do crescimento da igreja. Em Atos 20.32, Paulo recomenda os líderes em Éfeso à Palavra de Deus. Ou seja, o apóstolo Paulo vê na Palavra de Deus o conteúdo e poder para a transformação do homem e a utiliza de forma abundante e fiel. Uma das visíveis limitações nas atuais estratégias evangelísticas é o desuso da Palavra de Deus. Histórias, encenações, músicas e apelos são feitos, não raramente, de forma comunicativa, descontraída e interessante, mas sem o conteúdo da Palavra. As estratégias evangelísticas não devem estar jamais dissociadas da Palavra. Ao contrário, devem ser instrumentos para que a mesma seja colocada diante de todo homem. Devemos compreender que é a Palavra de Deus, e não a capacidade humana, que produz frutos. Toda eloqüência ou criatividade que possamos ter jamais será capaz de transformar vidas. No desenvolvimento das estratégias evangelísticas paulinas creio que o apóstolo partia das seguintes perguntas de que forma, com que expressões, com qual abordagem, comunicarei a Palavra de Deus, clara e viva, a este grupo? Estratégias possuem valor se elaboradas para comunicar o poder de Deus, a sua Palavra.

Realidades que limitam o desenvolvimento de estratégias saudáveis para o plantio e crescimento de igrejas

Jorge Barro, em seu relevante livro *Uma Igreja Sem Propósitos*,[4] observa com clara fundamentação bíblica os vícios que se perpetuam na igreja após 2 mil anos de Cristianismo. O fato é que uma eclesiologia desgastada freqüentemente compromete a saúde e, conseqüentemente, diminui a capacidade de reprodução de uma igreja local.

Observaremos aqui algumas realidades que podem impedir o desenvolvimento de estratégias para o plantio e crescimento de igrejas locais. Tais realidades devem ser avaliadas em cada contexto. Sugiro um auto-exame ministerial, caso você esteja envolvido em uma visão de plantio ou crescimento de uma igreja local.

1. Gigantismo sem mobilidade

Ariovaldo Ramos, em seu livro *Nossa Igreja Brasileira,*[5] afirma que "*Jesus não nos ordenou ser uma igreja que cresce, mas uma igreja que aparece – "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens*". De forma instigante e reflexiva, o autor nos chama a atenção para a missão da igreja e o desenvolvimento de modelos falhos na sinalização do reino, e adverte que trocamos o amadurecimento pelo crescimento.

O gigantismo é um fenômeno que pode travar igrejas de 300 membros como também as de 30.000. Ocorre quando a igreja local gera uma estrutura pesada demais que a impede de caminhar fora de seu ciclo interno. Toda a energia, recursos financeiros, recursos humanos, tempo e solução de conflitos são investidos para a demanda da própria membrezia sobrando pouco ou nada para as ruas onde está a prioridade de Cristo.

Dick Sgoggings,[6] consultor para desenvolvimento de estratégias de plantio de igrejas da *Missão Pioneers* e diversas outras organizações, afirma que o gigantismo precede a extinção no mundo animal, e que este fenômeno pode ser também observado nas dinâmicas de plantio e crescimento de igrejas. Neste caso, pode-se observar que igrejas e movimentos missionários, grandes e pesados demais, tendem a perder a facilidade de se reproduzirem, especialmente quando o movimento de massa está integralmente dependente de poucas pessoas. Em igrejas grandes e saudáveis, algumas soluções para esta barreira natural ao crescimento têm sido o desenvolvimento de pequenos grupos, ou reuniões em lares, ou ainda a reprodução de congregações espontâneas e seletivas a partir da igreja-mãe. Tais soluções vêm da observação de que igrejas, bem como movimentos missionários, centralizados, complexos e grandes demais perdem o seu fator multiplicador quando não são associados a formas intencionais de reprodução.

Ao pensar em igrejas plantadoras de igrejas vêm a minha mente vários bons e saudáveis exemplos. A Igreja Presbiteriana de Aracruz, no Espírito Santo, é um deles. Durante a época em que o rev. Ceny Tavares liderava aquele grupo, o mesmo cresceu de 37 membros para mais de mil na igreja-mãe e cerca de 3 mil nas igrejas organizadas, em 21 anos de ministério. A fim de facilitar o crescimento, novas igrejas passaram a ser plantadas, intencionalmente, como um desmembramento espontâneo da igreja-mãe. Assim, pontos de pregação eram formados, passando a congregações a partir de um certo número de famílias que eram desafiadas a se ligarem a esta nova comunidade e finalmente se organizavam em igrejas autônomas. Ao longo de duas décadas, 6 igrejas foram plantadas em uma cidade com pouco mais do que 30 mil habitantes, além de outras 10 igrejas e congregações plantadas nos derredores da mesma. Este movimento

de plantio de igrejas possibilitou um crescimento abrangente com a formação de vários pastores, investimento em dezenas de campos missionários locais e transculturais além de ações sociais relevantes nas áreas de habitação básica, educação e saúde.

Segundo o rev. Ceny Tavares,[7] os elementos que propiciaram o crescimento de igrejas a partir da igreja-mãe foram principalmente: a) evangelização de casa em casa; b) evangelização sistemática de ruas e bairros com planejamento geográfico; c) treinamento para evangelização com os membros da igreja; d) distribuição abundante de literatura cristã e bíblias; e) início imediato do acompanhamento e discipulado aos novos convertidos; f) utilização dos leigos no processo evangelístico e de discipulado; g) utilização dos cultos dominicais como cenário também evangelístico; h) cruzadas evangelísticas pontuais e cultos em praças públicas; i) aproveitamento de oportunidades de ajuntamento.

Um dos exemplos de aproveitamento de oportunidades de ajuntamento ocorreu em uma final de campeonato estadual em que o time local disputava o título. A Igreja Presbiteriana de Aracruz providenciou um caminhão que foi conduzido ao campo durante o intervalo do jogo, que serviu de plataforma para a pregação do evangelho para mais de 10 mil pessoas naqueles poucos minutos. Além do estádio atipicamente silencioso ouvindo a Palavra, várias pessoas passaram a participar dos cultos e também se entregaram a Cristo nos dias seguintes. Pessoas que jamais entrariam em um templo evangélico para ouvir a Palavra de Deus.

Este modelo de multiplicação de igrejas propiciou à Igreja Presbiteriana de Aracruz uma possibilidade de crescimento saudável, sem se tornar imobilizada pelo gigantismo.

2. Centralização e elitização do clero

A centralização do clero tem sido, na história da igreja, uma conseqüência de sua elitização. A "constantinização" da igreja a partir do Concílio de Nicéia no ano 325 não deu apenas legalização para a fé cristã no Império Romano, mas iniciou o processo de elitização do clero de forma mais ampla. Desta forma, os elementos da verdade cristã passaram a ser manipulados por poucos na condução de muitos. Isto envolveu a leitura e pregação da Palavra, a liturgia cúltica, os sacramentos e também a legitimidade espiritual perante o povo. De forma oposta, no século 1º, os líderes encarnavam a figura de servos. Os apóstolos serviam a igreja com o ensino da Palavra e os diáconos serviam a mesa para que os apóstolos pudessem realizar seu ministério. Ou seja, a liderança eclesiástica, de forma geral, tinha seus olhos focados no serviço para o qual foram chamados, por Deus, a realizar na igreja e no mundo. Eram servos.

Osio de Córdoba, no Concílio do século 4º, defende e homologa o que já ocorria há algum tempo em várias regiões nas quais o Cristianismo se enraizou: a transformação de um clero servil em um clero a ser servido. A metamorfose de líderes eclesiásticos, que antes eram chamados para servir a Deus na igreja, agora se centralizam nas mesmas fazendo com que toda sua existência, organização, recursos e vocações orbitassem ao seu redor.

Em nossos dias sentimos, mesmo na igreja evangélica, forte tendência a uma liderança cada vez mais centralizadora e elitizada. Se por um lado a elitização do clero é conseqüência da postura da própria igreja que mistifica e destaca seus líderes como seres especiais, acima da normalidade, por outro é fruto também do coração enganoso do próprio líder que procura para si uma posição em que seja servido, admirado e seguido sem questionamentos. É algo que nasce do coração e fruto da soberba. Uma das formas de andarmos na contramão desta postura egocêntrica na liderança é guardamos nossos corações perante o Senhor em oração e meditação na Palavra. Em sua palestra "*Pastoreando em meio ao caos*",[8] Ricardo Agreste[9] nos desafia a, como pastores, servirmos ao reino e não a nós mesmos. E para nos posicionarmos como servos é necessário estarmos ligados a Cristo que nos ensina o caminho. Ele menciona que "*à medida que oramos, ganhamos sensibilidade para perceber o que Deus está fazendo em nossas próprias vidas... A oração, diferentemente de muitas práticas contemporâneas, nos torna mais prontos ao mover de Deus e à confiança no que ele está fazendo*".

Ao pensar em movimentos evangelísticos de plantio de igrejas a partir da força leiga vem a minha mente a Juvep, no sertão brasileiro. A Juvep[10] foi fundada em 1981 em João Pessoa, Paraíba, com a visão de plantio de igrejas no sertão a partir da evangelização intencional e assistência social. Sérgio Ribeiro, juntamente com valiosos irmãos e irmãs, implementou uma consciência missionária na instituição a partir da necessidade de estabelecer igrejas que pudessem ter continuidade em sua vida e reprodução da mensagem nos lugares ainda sem o evangelho. Identificaram a zona rural nordestina com sua população de 12 milhões, apenas 0,1% de evangélicos e cerca de 10 mil povoados sem o testemunho de Cristo. Desta forma, puseram-se a utilizar um modelo de viagens missionárias com impactos evangelísticos que envolviam caravanas de crentes dispostos a investir alguns dias de suas vidas neste projeto. Ali diversas abordagens eram usadas, tanto o evangelismo de casa em casa quanto a assistência de saúde e social. Em um segundo momento, após utilizar a força leiga das igrejas nas cidades nordestinas para estes impactos, a Juvep viu-se dirigida para investir no treinamento de obreiros leigos locais, sertanejos, o que viabilizou um novo passo para a evangelização do sertão nordestino, pois, com obreiros leigos, locais, visionários e treinados seria possível agora haver não apenas impactos evangelís-

ticos pontuais, mas o desenvolvimento de processos de plantio e enraizamento de igrejas sertanejas.

O grande exemplo denominacional brasileiro no quesito de multiplicação de igrejas a partir da força leiga talvez sejam as Assembléias de Deus. A força leiga, com a visão da igreja-mãe, atua como pontas-de-lança na evangelização, ajuntamento e viabilização de novas comunidades. Desta forma, milhares e milhares de igrejas Assembléias de Deus, de diversos ministérios, levaram o evangelho aos lugares mais longínquos de nosso país em cerca de 50 anos de rápido crescimento.

A força leiga, a igreja de forma geral, quando despertada, mobilizada e treinada na Palavra, pode multiplicar em percentuais altíssimos a força evangelizadora em um projeto de plantio de igrejas locais.

3. Ausência de estrutura física e logística facilitadora do crescimento

Há dois extremos quando pensamos na estrutura de templos e anexos na vida de uma igreja local. O primeiro é supervalorizarmos sua existência, forma, estética, localização e conforto. O segundo é desvalorizarmos sua função. Uma comunidade, para um crescimento em condições normais, necessita de um ambiente adequado que implique espaço, acesso e localização. Estes três elementos propiciam um bom ambiente para o ensino da Palavra, desenvolvimento de atividades em conjunto, momentos de comunhão e adoração além de possibilidades de investimento em outras iniciativas, paralelas, como educação e saúde.

Creio que devemos investir em um espaço-ambiente no qual a igreja se reúne, avaliando e adequando tal ambiente à presente vida da igreja bem como seus alvos futuros. Assim, caso uma igreja local compartilhe a visão de também abençoar e influenciar a comunidade local com uma escola de orientação cristã, é necessário que planeje ou adeque seu templo e espaço a tal dinâmica. Vivemos uma época de templos subutilizados em que um estratégico espaço é aproveitado para pouquíssimas e curtas reuniões semanais.

Na América do Norte, não é incomum encontrarmos várias igrejas compartilhando um mesmo templo, em momentos diferentes para suas reuniões, utilizando mais plenamente a estrutura física e gerando condições para o investimento em outras áreas como missões e ações sociais relevantes. Na Nigéria, igrejas locais nascem, invariavelmente, nas escolas públicas, emprestadas pelo governo nos finais de semana, fazendo com que uma nova igreja tenha fôlego suficiente para investir e concentrar esforços em pessoas e não em construção. As igrejas-lares do Norte da Índia possibilitam um rápido plantio de igrejas (10 mil igrejas-lares foram plantadas por uma só iniciativa missionária local) onde 3 ou

4 famílias se reúnem em cada casa para adorar a Deus e estudar a sua Palavra. Esta estratégia logística estrutural minimizou a perseguição sofrida nos templos e possibilitou um crescimento que seria impossível se demandasse construções em larga escala de templos. Na Genebra reformada de Calvino, as escolas eram organizadas ao lado do templo e uma administração centralizada facilitava a operação da mesma. Na *Calvary Church* coreana, seus templos e salas são utilizados, durante a semana, para atendimento psicológico, consultas médicas, escola primária e ensino profissionalizante.

A estrutura para o nascimento e crescimento de uma igreja local deve ser observada a partir da visão para o presente ministério. Estamos no momento construindo uma igreja indígena na cidadezinha de Santa Isabel do Rio Negro. A visão do ministério, liderado pelos missionários Jaime e Cleide Nascimento, é investir no ensino bíblico infantil. Para tal, planejaram um templo que pudesse privilegiar o espaço para as crianças e prover os elementos necessários para seu bem-estar. Mesmo de madeira e palha, o salão infantil será no espaço mais reservado e tranqüilo, adequado à visão. A *Presbyterian Church* de Gana, na África, possui como critério a construção de um novo templo (ou aumento das instalações do mesmo) no momento em que a comunidade local preenche 70% das instalações de culto e salas de ensino bíblico. O pressuposto aqui é que, apesar de não ser um elemento definidor do plantio e crescimento de uma igreja local, a ausência de uma estrutura física e logística contribuirá para o enfraquecimento do ministério de plantar igrejas ou facilitar seu crescimento.

Um dos ótimos exemplos que temos quando pensamos na estruturação de uma igreja local que propicie seu crescimento e reprodução é o ministério da IPM – Igreja Presbiteriana de Manaus. Rev. José João e o seu corpo de pastores e líderes, perante um templo que não mais comportava os membros e um crescimento numérico que poderia enfraquecer a comunhão, desenvolveram um trabalho em grupos pequenos que pudesse colaborar para o crescimento e amadurecido de uma igreja cujo número ultrapassava 2 mil membros, tornando-a assim complexa do ponto de vista do ensino da Palavra, pastoreio, comunhão e também de estrutura que a pudesse alojar.

Ao longo dos anos, os pequenos grupos foram implementados gerando ambientes de comunhão em que a pessoa poderia falar, ser ouvida, conhecer outras pessoas, se relacionar e estudar com outros a Palavra. A igreja local, desta forma, duplicou seu tamanho em poucos anos, pois criou um cenário em que o crente, mesmo membro de uma grande igreja, possui condições de participar efetivamente da comunhão e serviço, e é motivado a evangelizar.

Todavia, a Igreja Presbiteriana de Manaus, desde o pastoreio do rev. Caio Fábio, pai, que antecedera o rev. José João, já possuía forte paixão evangelística

e atração pelo trabalho junto aos ribeirinhos. Três elementos eram necessários para deslanchar um movimento evangelizador entre ribeirinhos: uma estrutura de transporte (barcos), uma igreja bem mobilizada e equipes organizadas e treinadas para a evangelização em tal realidade. Estas três áreas foram fortalecidas de forma equilibrada ao longo dos anos. Hoje percebemos que a IPM conta com dez barcos dedicados especificamente à evangelização ribeirinha, cem obreiros treinados, em sua maioria envolvidos com este ministério, e uma igreja que respira missões entre comunidades ribeirinhas. Nos bastidores, a estrutura é mais complexa a fim de sustentar este avanço. Há pastores especificamente destinados ao pastoreio e à coordenação das equipes em cada rio, como rev. João Wilson e rev. Djard dentre outros. Há uma secretaria localizada na igreja que cuida especificamente da movimentação dos barcos e da equipe e uma carga administrativa que a faz funcionar. Tal estrutura, entretanto, possibilitou o desenvolvimento de um projeto forte em significado, relevância e eficácia.

4. Foco no gerenciamento da instituição e não no pastoreio de pessoas

A influência da auto-ajuda para finalidades gerenciais da vida cristã, ministérios e igrejas, tem promovido uma perigosa associação da igreja local com o modelo empresarial. Uma crescente ênfase tem sido dada na organização de igrejas a partir do bom gerenciamento de pessoas/estrutura/finanças, perdendo o foco da Palavra, oração, adoração, comunhão e evangelismo e enfatizando puramente a estrutura que promova o bem-estar e o entretenimento.

Há uma clara diferença entre um chefe, um gerente e um pastor. Enquanto o primeiro faz uma instituição trabalhar para si, e ao seu redor, o segundo faz a instituição trabalhar para si mesma, sua valorização e destaque enquanto instituição-empresa perante outras. Porém, um pastor leva a igreja a Deus: desejar Deus, aprender a Palavra de Deus, viver para a glória de Deus. O foco do pastor, em seu ministério, não é a própria igreja, seus resultados visíveis, sua estrutura e sucesso comparados a outras igrejas, mas a consciência de que, como pastor, leva o rebanho a servir ao Senhor Jesus. Aqueles que visam a igreja, seu sucesso e destaque, como motivação ministerial, podem conquistar excelência gerencial, mas serão inaptos como pastores.

Tenho conhecido e observado algumas igrejas bem gerenciadas na América do Norte, porém imaturas e inconstantes. O bom gerenciamento provê a estrutura logística e física que citamos no ponto anterior, desenvolve uma administração ministerial que possibilita o líder coordenar de forma mais prática cada atividade da igreja e, por fim, trabalha efetivamente com planejamento e metas. Nada seria preocupante se o gerenciamento, em si, não estivesse sendo encarado,

e ensinado, como sendo o fator determinante do nascimento e crescimento de uma igreja local. Um dos líderes norte-americanos de uma forte denominação nacional enfatizou que, a despeito da pregação da Palavra, os fatores gerenciais irão determinar o sucesso do plantio de uma igreja local. Uma afirmação das mais preocupantes.

Este engano por vezes influencia a muitos por um longo período devido amaneira como nós avaliamos uma igreja local. Em uma cultura pós-moderna, globalizada e pragmática, uma igreja local, bem como um ministério, é avaliada de acordo com o sucesso humano que pode ser observado, tocado e contabilizado.

Nós nos esquecemos de que o desejo de Cristo é ter uma igreja que o conheça e o siga. E para isto os elementos essenciais para o nascimento de uma igreja local não podem ser definidos a partir do mercado, do consumo, do sucesso quantitativo e projeção no meio, mas pela maturidade cristã entre o povo, pelo amor à Palavra, por seguirem a Cristo. Certa vez visitei uma igreja no sudeste do Brasil a fim de participar de uma conferência missionária. Enquanto seu líder me apresentava a sua estrutura física e planejamento de metas entrei em uma sala onde parte da liderança da igreja estava reunida tratando de assuntos pendentes do dia-a-dia da mesma. Observando um pouco pude perceber o quanto estavam desligados da Palavra de Deus e imaturos nos relacionamentos interpessoais. Ironias e carnalidade eram visíveis na conversa da liderança. Pensei que aquela igreja estava sendo avaliada por Deus mais pela maturidade de seus membros do que pela sua estrutura física e organizacional.

O gerenciamento de um projeto de igreja pode solucionar muitos problemas sócio-humanos e contribuir para o desenvolvimento de hábitos pró-ativos. Porém, apenas o estudo da Palavra amadurece o povo e o faz se parecer mais com Jesus.

Há cinco dinâmicas cristãs ao redor das quais a igreja deve orbitar: a comunhão entre os irmãos, a oração individual e como grupo, a adoração cúltica a Deus, o estudo da Palavra e a evangelização. Se nos concentrarmos nestas dinâmicas teremos assegurado estar plantando uma igreja-igreja e não uma igreja-empresa.

5. A perda do hábito evangelizador

Normalmente uma nova igreja, bem como seu plantador, possui um hábito evangelizador até a mesma atingir, em média, 200 membros. Com tal membrezia é possível sustentar a própria igreja com o uso de recursos humanos e financeiros bem como se pode definir uma estrutura física que venha a preencher a necessidade do grupo, além de haver número suficiente de crentes para a preparação

de uma liderança local. Este é normalmente um momento de risco: a perda do hábito evangelizador.

No Canadá, não são poucos os templos que estão à venda e muitos missiólogos canadenses e americanos observam tal fenômeno com curiosidade. Toronto, cidade com uma das maiores incidências de templos evangélicos por pessoa há 50 anos, torna-se hoje a cidade com um dos menores índices de igrejas ainda vivas. Dentre tantos elementos que contribuíram para o arrefecimento das igrejas cristãs na cidade, um dos principais é a perda do hábito evangelizador. Pouquíssimas igrejas canadenses evangelizam seu próprio povo. Pouquíssimas igrejas canadenses evangelizam as próprias famílias que assistem aos cultos e reuniões. A Igreja Metodista de High Park, uma das comunidades cristãs de boa expressão em Toronto, declinou da prioridade da evangelização intencional algumas décadas atrás, quando contava com cerca de 3 mil membros. Hoje esta igreja não existe mais e seu templo estava sendo colocado à venda.

Em seu livro *How People Grow*,[11] Cloud e Towsend lançam luz no processo de crescimento de uma igreja local. Um dos fatores de destaque é a continuidade do processo evangelístico e de discipulado. Devemos entender que igrejas locais tendem a, naturalmente, diminuir. São pessoas que falecem, mudam-se ou passam a participar de outras congregações. Este fator, mesmo em países com alto índice de natalidade, é superior ao crescimento natural, atrelado ao crescimento das famílias. Com o novo fenômeno da flutuação de membros, o compromisso de longo prazo com a igreja local foi substituído por uma tendência crescente de participação relativa em diversas igrejas. Se a igreja local não segue evangelizando e discipulando, dentro de um certo espaço de tempo ela poderá eventualmente morrer. Muitos motivos foram dados para a morte de boa parte da igreja protestante européia, após ter experimentado tantos avivamentos e ser tremendamente usada por Deus para o envio de missionários e plantadores de igrejas para boa parte do mundo. Um dos motivos mais empíricos para este esfriamento e morte foi a decadência da evangelização. A igreja que subsiste hoje na Europa é um reflexo desta conclusão, pois enfrenta grandes dificuldades para expressar e apresentar Jesus aos que estão ao seu redor. Isto porque, ao evangelizarmos, não apenas comunicamos Cristo a outros, permitindo ver a igreja crescendo e amadurecendo, mas a evangelização também possui um efeito de reafirmação doutrinária. Nos relembramos do amor e poder de Deus, do sacrifício de Cristo, da obra do Espírito nos convencendo do pecado, do novo nascimento no Senhor Jesus.

Permitam-me citar a Primeira Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte como modelo de igreja plantadora de igrejas. Sob o pastoreio do rev. Ludgero Bonilha Moraes, com o templo localizado em um espaço limitado ao crescimento estru-

tural no centro da cidade e farta visão multiplicadora, a igreja planta diversas igrejas a cada ano, desafiando famílias da igreja-mãe a se envolverem com estes projetos em diferentes lugares. Estas igrejas plantadas adquirem autonomia, liberando a igreja-mãe a continuar o processo de plantio de novas igrejas, concentrando energia, finanças e recursos humanos nos novos passos.

O rev. Ludgero iniciou ali seu pastorado em 1976 permanecendo, no total, por 29 anos. Havia, em 1976, 13 igrejas presbiterianas organizadas na grande Belo Horizonte, boa parte plantada pela iniciativa do rev. Denoel Eller, então pastor da Primeira Igreja. Hoje são 202 igrejas organizadas e uma quantidade significativa de congregações. A Primeira Igreja conta hoje com 12 congregações. Já chegou a ter 32. Havia 1 presbitério. Hoje são 14. O rev. Ludgero, ao avaliar o ministério da Primeira Igreja nestes anos, entende que ela possui em sua natureza o hábito evangelizador e disposição para o aproveitamento de oportunidades.

Creio que um diferencial a ser observado é a continuidade do hábito evangelizador. Enquanto tantas outras primeiras igrejas foram sufocadas por sua localização nos centros da cidade, pelo distanciamento do rebanho para bairros mais distantes e pelo cansaço dos anos, aquelas que mantiveram o hábito evangelizador não apenas continuaram crescendo, mas se transformaram em igrejas plantadoras de igrejas. Muito poderia ser dito sobre inúmeras primeiras igrejas de diversas denominações, sobre as quais Deus derramou preciosa graça e foram usadas por Deus para alcançar a cidade, e por vezes a região ou Estado. Foram as pioneiras. A continuidade do hábito evangelizador, portanto, é condição de vida, de crescimento e multiplicação.

6. Ausência de planejamento, alvos e organização

O planejamento estratégico nos impulsiona a dimensionar nossos alvos, motivações, estratégias e abordagens. Vimos que o planejamento em si não é condição essencial ao plantio de igrejas, porém de grande valor estratégico e funcional.

Há vasto material escrito sobre processos organizacionais em prol da concretização de uma visão. Gostaria de compartilhar alguns passos que temos utilizado em nosso ministério, a fim de cooperar com aqueles que necessitam trabalhar no planejamento estratégico.

Não há sentido no desenvolvimento de um planejamento sem uma visão definida. A visão determina o rumo, o preço a pagar, a importância da missão e sua relevância. Em 2001, quando fomos desafiados a iniciar uma equipe missionária na Amazônia brasileira, demos os passos necessários para concluir os projetos em andamento em Gana, África, onde atuávamos. Em 2002, realizaríamos os

primeiros mapeamentos e levantamento de situação de campo para a formação de uma equipe. Porém, era importante ter uma visão específica.

A Amazônia brasileira conjuga inúmeras necessidades espirituais e sociais. Poderíamos atuar entre ribeirinhos, com evangelização e desenvolvimento social. Ou entre indígenas, com auxílio educacional e evangelização. Ou ainda nas cidades e povoados centrais, nos quais há uma crescente aglutinação humana. Iniciar um projeto ministerial sem uma visão definida é ser irresponsável com seu tempo, energia e equipe. Rascunhada em minha agenda no final de 2001, nossa visão era: *formar uma equipe que atuasse com etnias indígenas ainda sem o evangelho, promovendo ações sociais de relevância e evangelização, a partir de mapeamentos estratégicos e conclusões de necessidade do campo, organização funcional da equipe missionária e coordenação dos esforços e iniciativas*. Esta visão era suficiente para desenvolvermos estratégias e pensarmos nas abordagens.

Ore por uma visão definida de Deus. Busque do Senhor sua visão para seu ministério neste momento de sua vida. Em 1998, realizei uma primeira visita à tribo Chakali, de Gana. Uma etnia com cerca de 10 mil pessoas vivendo em uma área remota entre Gana e Costa do Marfim. Com língua ainda ágrafa e um espírito de reclusão, este grupo não se relacionava muito longe de seu universo tribal. Minha esposa, Rossana, e eu nos envolveríamos com eles durante cerca de 2 anos e muito aprenderíamos acompanhando este povo durante este tempo. Em uma de minhas incursões naquele território, seguindo para a aldeia de Dussê por uma savana plana e seca, conversava com um dos caçadores Chakali da região e ele me explicava o processo de caça. Enfatizava que um bom caçador não é um oportunista que sai para trazer carne para casa. Não é alguém que lança a sorte e sai observando onde um animal há de aparecer. Um bom caçador sabe o que busca. Se ele sai de casa para caçar um antílope, ele compreende que o antílope será útil à família e à aldeia. O couro pode fazer novos tambores para as festas. A carne com bom teor de gordura pode alimentar crianças que necessitam crescer. Sendo um animal grande, todos podem se alimentar sem que haja falta. Seus ossos, fortes e fáceis de afiar, são usados para pontas de lança e punhais. Portanto, este caçador não sai de casa para procurar um animal. Sai de casa para procurar um antílope. Ao longo do caminho encontrará muitas pegadas, porém as que lhe interessam são as de antílope apenas. Neste dia ele observará as pegadas de javalis e passará ao largo. Apenas um caçador que tem em mente sua caça, seu alvo, consegue trazer para casa o animal de que precisa. Outros, que saem à caça de qualquer animal, conseguirão o incerto. Só se caça um antílope se se sai de casa para caçar antílopes.

Este meu amigo caçador estava, em outras palavras e em outro contexto,

falando sobre visão. A visão era o antílope e apenas ao focar a visão é possível desenvolver estratégias para atingi-la.

Permita-me lhe falar sobre alguns possíveis passos organizacionais:

1. Primeiramente é preciso haver uma visão definida, que nos mostre o rumo, que se sustente pelas motivações corretas e aponte para o alvo ao qual desejamos chegar. Talvez a visão do caçador Chakali fosse manter a aldeia alimentada contribuindo para seu bem estar e segurança.

2. Com esta visão bem definida em mente (e é bom escrevê-la) nascem os alvos. Os alvos são as concretizações, a fim de que a visão seja implementada. O caçador Chakali, visionando manter alimentada a aldeia, lança um alvo: caçar um antílope naquele verão. Os alvos podem, e devem, ser específicos e desenhados de forma que cooperem para a implementação da visão.

3. As estratégias são as maneiras de se atingir um alvo. Para aquele caçador Chakali havia muitas estratégias a serem desenvolvidas: andar só pelas planícies ao final da tarde, com o vento contrário, a fim de surpreender os antílopes que porventura estivessem à beira do riacho Kukunha. Dormir à beira da mata, de onde saem, à noite, os antílopes para passear nas savanas. Camuflar-se com folhas e permanecer imóvel durante as noites. As estratégias são as maneiras que levarão o caçador a atingir seus alvos e, portanto, seguir a visão.

4. As abordagens são as ferramentas com as quais aplicamos as estratégias. Também chamadas de "*atividades*". Pode-se, nesta altura, detalhar mais cada passo e cada fase. A abordagem a partir de uma permanência imóvel e camuflada durante as noites, na caça do antílope, implica atividades como preparar a camuflagem, escolher o local certo e assim por diante. Estas atividades devem estar claras, a fim de que as estratégias funcionem nos levando a atingir os alvos e seguir a visão.

A esta altura, é possível escrever o projeto, dividi-lo em fases e propor um organograma.

Um projeto de plantio de igrejas pode ser preparado com o seguinte sumário:

1. Introdução e apresentação da visão.
2. Problemática e exposição do contexto (grupo, bairro, segmento social) público alvo.
3. Dimensionamento social. Características do grupo.
4. Justificativa. Por que uma ou mais igrejas devem ser plantadas neste lugar entre este grupo.
5. Apresentação do perfil da pessoa ou equipe que tenciona plantar igrejas neste contexto.
6. Alvos gerais.
7. Alvos específicos.

8. Estratégias para se atingir os alvos específicos e gerais.
9. Abordagens (atividades) a serem utilizadas, detalhando as principais estratégias.
10. Fases do projetos e cronograma de atividades em cada fase.
11. Períodos de reavaliação.
12. Conclusão.

Percebo, porém, que a existência de um projeto com visão definida, alvos, estratégias e abordagens, não é suficiente para manter-nos organizados no processo de plantar igrejas. É necessário que o plantador de igrejas tenha, também, uma boa organização pessoal. Conheço projetos brilhantes, com visões claras e ótimas propostas que nunca foram implementados pela ausência de uma organização pessoal de quem os liderava.

Creio que o plantador de igrejas precisa manter três atividades de organização pessoal básica: a) compreensão do projeto ministerial e de vida; b) lista de atividades ligadas ao projeto ministerial; c) ambiente de registro de atividades e considerações gerais.

A compreensão do projeto ministerial é vital para definirmos nossa caminhada pessoal. É importante casar nosso projeto ministerial com nossa rotina diária.

O rev. Hernandes Dias Lopes é um dos mais conhecidos e abençoados conferencistas e escritores em nosso país. Seus sermões e livros têm transformado a vida de milhares e milhares de pessoas. Com dezenas de livros, uma agenda lotada e o pastoreio de uma grande igreja muitos poderiam se perguntar como ele consegue produzir tanto material literário. Ao inquirir sobre sua organização para escrever seus livros, a que momento do dia e como o faz, ele me respondeu que o fazia "*a todo momento*". Ao encarnar o projeto ministerial em sua vida diária ele potencializa seus momentos de trabalho escrevendo ao viajar, em casa, entre aconselhamentos e ao preparar os sermões. A compreensão do projeto ministerial e encarnação do mesmo em nossa rotina de vida é vital para cumprirmos a visão levando a cabo nosso chamado.

Defendo que cada ministro e, conseqüentemente, plantador de igrejas, deve manter uma boa agenda, na qual organize suas listas de atividades. Pessoalmente trabalho com quatro listas principais: a *permanente* (que contém atividades ou "*sonhos*" mesmo de médio/longo prazo); a *atual* (que contém atividades para o desenvolvimento dos projetos com os quais estou envolvido); a *mensal* (que seleciona na "*atual*" as atividades a serem desenvolvidas naqueles mês); e a *semanal* (que o faz para a presente semana). É necessário sempre revisar a permanente e sincronizar bem as outras três.

Uma agenda não é a única forma de organização pessoal. Eu a utilizo pela

limitação que tenho para concentrar-me no que é de fato importante e coordenar uma lista de prioridades. Há quem o faça sem nada escrever e outros que necessitam de uma equipe ou alguém a quem prestar contas, a fim de que trabalhe bem. O importante é desenvolver um sistema que lhe ajude a saber o que deve fazer, com qual prioridade e quando.

Um dos ministros que admiro pela capacidade de administrar e transmitir uma visão é o rev. Jeremias Pereira. Anos atrás ele explicitou sua visão de cooperar com "*a igreja pobre*". Tencionava se envolver com aqueles que precisariam de ajuda, motivação ou apoio para levar adiante o evangelho nos lugares mais improváveis e com graves necessidades humanas e sociais. Por onde passo, ao encontrar-me com uma "*igreja pobre*", freqüentemente ouço da presença ou apoio do rev. Jeremias e da Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte — nos ribeirinhos da Amazônia, em trabalhos missionários indígenas em lugares remotos, no vale do Jequitinhonha, no sertão Nordestino, além-mar em diversos países. Com uma mente prática e coração cheio da visão de Deus, ele esboça em minutos um plano de ação para que um passo a mais seja dado no apoio do povo de Deus. Administrar uma visão é encarná-la de tal forma que ela possa influenciar seu pensamento diário e gerar atividades práticas e aplicáveis.

Quando menciono a necessidade de um ambiente de registros refiro-me a relatórios que possam lhe ajudar a avaliar o presente projeto. Escreva-os pelo menos a cada três meses. Um arquivo básico (com pastas específicas) deve conter os documentos relacionados ao projeto, relatórios de atividades, relatórios financeiros, registros oficiais, parcerias e contratos, e assim por diante. Ou seja, manter o registro do projeto e seu desenvolvimento é de suma importância para sua posterior avaliação, geração de micro-projetos dentro de um projeto maior, e também para prestação de contas.

Imagino um plantador de igrejas como uma pessoa que tenha no coração a visão de Deus, inflamada, que o incomode e alegre a cada dia. Em sua mente estão as estratégias, borbulhantes, sempre perguntando a si mesmo enquanto caminha se isto ou aquilo poderia cooperar para cumprir a visão. Em suas mãos as ferramentas, o trabalho e o suor. Ele está nas ruas e não em casa. Está caminhando e não recluso. Está entre o povo. Em casa possui uma agenda e um arquivo. Organiza seu projeto de forma a sempre saber pelo que orar, a pensar no próximo passo e poder avaliar a caminhada. Em sua boca está o evangelho. Não cessa de falar de Cristo. Em seu testemunho está o caráter de Jesus. Mesmo quando calado deve influenciar quem com ele convive. Se trabalha em equipe, deve manter o equilíbrio entre a visão e a equipe. A visão define os alvos, mas é preciso conhecer sua equipe, capacidade e limitações, para traçar estratégias viáveis. Ele ora sempre, buscando a Deus e sua bondade. Deseja servir ao Senhor com tudo o que tem.

ESTRATÉGIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS - PARTE 2

Neste capítulo continuaremos a pensar sobre as estratégicas para plantio de igrejas e proporemos algumas estratégias que poderão ser aplicadas nos mais diversos contextos (urbano, rural e tribal) de forma relevante.

Estratégia 1: Pesquisa e compreensão da sociedade local

Tentar alcançar pessoas, evangelizá-las e agrupá-las em comunidades cristãs, sem antes compreendê-las, é demonstração de soberba e falta de sabedoria É preciso compreender a população local antes de abordá-la com o evangelho.

Em seu livro "*Eles gostam de Jesus, mas não da igreja,*"[1] Dan Kimball identifica uma geração jovem, globalizada, pós-moderna e pós-igreja, na América do Norte, que admira Jesus, mas nutre repulsa pela igreja. Tal identificação foi crucial para o processo de plantio de igrejas que se espalhou por várias partes da América. Uma pregação a partir da igreja-povo em vez de igreja-instituição. Programações evangelísticas sempre fora do templo. Intencional proclamação de Cristo, sua pureza e verdade. Durante o discipulado, porém, a introdução dos conceitos bíblicos da igreja: sua natureza, valor e limitações.

Sem uma pesquisa e compreensão da sociedade local, Dan certamente não teria alcançado milhares e milhares de jovens que normalmente jamais entrariam em um templo e possuíam uma clara barreira contra uma mensagem com a face da igreja. Mas eram simpáticos a Jesus.

Algumas perguntas devem ser respondidas inicialmente em uma pesquisa para compreensão da sociedade com a qual iremos ou já estamos trabalhando. Quantos eles são, onde se localizam, quais os seus meios de subsistência, de onde vêm, como se dividem, como se relacionam, qual a religião predominante,

quais outras religiões minoritárias mais influentes, como se organizam e quais são seus grupos de afinidade.[2]

Iniciativas como a Sepal (Servindo Pastores e Líderes)[3] colaboram de forma expressiva para compreendermos a cidade e região para os quais somos direcionados a plantar uma igreja dando assim passos mais seguros no desenvolvimento de estratégias. Rubens Muzio[4] nos diz que "*o Brasil 21 tem a pesquisa como um dos elementos-chave para o cumprimento dos seus objetivos. Se desejarmos ver o Brasil influenciado pelo evangelho, com igrejas localizadas estrategicamente ao alcance de todo brasileiro, necessitamos tomar conhecimento de quem somos, onde estamos, qual o nosso potencial, até onde temos avançado, para onde estamos indo, e assim por diante. Enquanto não tivermos a informação qualitativa e quantitativa, o risco de tomarmos uma decisão errada é muito maior*".

Em seu artigo "*Implantação de igrejas saudáveis – a melhor estratégia*",[5] Muzio propõe alguns passos para uma pesquisa do contexto sócio-cultural e histórico de uma cidade:

a) Coletar dados disponíveis e previamente compilados que apontem para as diferentes realidades religiosas, históricas, sociais e culturais da cidade ou bairro.

b) Adquirir um mapa estratégico de missões urbanas que contenha as divisões sócio-econômicas, geopolíticas e urbanas da cidade ou região.

c) Responder algumas perguntas básicas para cada bairro ou região da cidade visitando os centros religiosos, associações de moradores, projetos sociais, hospitais e outros locais importantes.

d) Aplicar pesquisa quantitativa de igrejas visando localizar as igrejas e templos evangélicos da cidade, a fim de conhecer onde estão localizadas e perceber os espaços ainda não-alcançados pelas igrejas.[6]

Ricardo Agreste, com a iniciativa do Centro de Treinamento de Plantadores de Igrejas,[7] juntamente com outros preciosos consultores, tem sido um estímulo no preparo e capacitação de plantadores de igrejas. Seus cursos focam não apenas o desenvolvimento da compreensão da igreja (natureza e missão) e o perfil do plantador de igrejas (caráter e competência) como também aborda a importância e metodologia para pesquisa urbana e social com finalidade de compreender a sociedade em um momento prévio à evangelização.

Uma pesquisa demográfica é fundamental para o processo de plantio de igrejas. Algumas sugestões.

1. Observe o índice e a ocorrência de diversidade social em uma área alvo para o plantio de igrejas.

Se uma cidade no interior de São Paulo possui uma população de 50 mil pessoas, próxima a outra com apenas 10 mil pessoas, um plantador de igrejas observará o conceito de iniciar pelos epicentros, ou centros de aglutinação. Devemos iniciar pelos centros populacionalmente maiores com a finalidade de abrangermos um número maior de pessoas que podem influenciar diversas outras em centros menores. Porém é necessário observar e conhecer as populações destas duas cidades, de 50 mil e 10 mil pessoas antes de focarmos nossa atenção em um lugar de forma definida, pois há muitas variáveis. Talvez a cidade menor, povoada por 10 mil pessoas, seja altamente homogênea em relação à classe social, língua, procedência cultural e estilo de vida. Por outro lado, iremos aqui supor, para efeito do nosso estudo, que a cidade povoada por 50 mil pessoas possui 8 diferentes fortes agrupamentos de diversidade. Alguns étnicos (procedência cultural), outros sociais (classes econômicas e sociais), outros ligados a estilo de vida, em decorrência dos primeiros. Assim, enquanto uma forte igreja plantada e nutrida poderia ser suficiente para alcançar uma população homogênea de 10 mil pessoas, necessitaríamos plantar dezenas a fim de alcançar a população diversificada de 50 mil. Esta consideração a partir de uma observação demográfica é de boa relevância para o plantador de igrejas.

Um estudo demográfico não deve se concentrar no mapa, mas na distribuição humana. Um mapa lhe mostrará as ruas, bairros e centros comerciais. Passeando por estes ambientes é que serão notadas as nuances humanas relevantes. Perceba que, apesar de ser possível plantar uma só igreja que abrace diversos e distintos segmentos sociais e culturais, é pouco provável que isto aconteça devido à maneira como, antropologicamente, tendemos a nos associar aos que se assemelham a nós. Igrejas multiculturais estão em ascendência na metodologia missiológica mundial, porém, na prática missionária, sua implementação e continuidade é complexa.

Assim, perceba e registre quais são os segmentos culturais, sociais e econômicos ao seu redor ou na área alvo para o plantio da igreja. Estime a população de cada um destes segmentos. Identifique aquele que seja o seu alvo principal, com maior potencial para influenciar outros.

2. Observe se a população na qual atuará é urbana, suburbana, rural ou tribal.

Populações urbanas são normalmente mais cautelosas em relação àqueles que não pertencem ao meio. Formam agrupamentos com ênfase na privacidade,

trabalho e eventos seletivos a pequenos grupos. Os símbolos de *status* são de extrema relevância e identificam as classes sociais e econômicas de forma linear e hierárquica. *As tribos urbanas formadas* normalmente por jovens entre os 15 a 25 anos seguem tendências próprias e geram grupos fechados, por afinidade. O ponto de afinidade pode ser a moda, ou a atitude rebelde ou ainda o interesse pelo mesmo estilo musical. Plantadores de igrejas devem observar que sua penetração em tais grupos se dá apenas a partir de uma base relacional com um ou alguns de seus membros. Esforços evangelísticos devem ser direcionados, específicos e não gerais, considerando o perfil distinto entre os diversos segmentos. Um ponto de apoio, uma família ou membro do grupo social alvo, deve ser utilizado para que o evangelho seja apresentado em um ambiente de maior confiança e aceitação.

Populações suburbanas são normalmente estruturadas com base na família e mais abertas ao relacionamento com os de fora. O nível de privacidade é menor e as pessoas tendem a se encontrar e relacionar de maneira mais informal nas praças, ruas e comércio. São abertas à presença de igrejas que se envolvam com a comunidade na tentativa de minimizar suas necessidades sociais. O plantador de igrejas deve morar entre eles e tornar-se um deles. Envolver-se nos programas sociais e comunitários. O esforço evangelístico pode ser mais geral, a todo o grupo, a partir de um ambiente central que crie uma atmosfera de aconchego.

Populações rurais normalmente demonstram maior amabilidade com o de fora de seu meio, porém maior desconfiança. Ao passo que a hospitalidade é um valor precioso e aplicável, que insere o outro em seu meio, a desconfiança os mantém interiormente distantes. São mais tradicionais e apegados a seus valores comunitários e religiosos, o que deve gerar barreiras evidentes à evangelização. O esforço evangelístico deve ocorrer a partir das famílias-chave que fazem parte da tradição comunitária. É necessário se estabelecer entre eles e participar dos eventos rurais.

Populações tribais são exclusivistas impondo maior restrições quanto aos de fora de seu meio. Possuem normalmente barreiras étnicas como língua e cultura distintas e, portanto, o critério para inserção e aceitação do outro na sociedade local é mais lento e complexo. Este processo envolve adaptação pessoal, envolvimento comunitário, fluência lingüística e aptidão cultural. Eles são tradicionais e identificarão, em um primeiro momento, qualquer expressão religiosa evangelística como sendo alienígena ao seu ambiente e cosmovisão.[8] O esforço evangelístico deve ocorrer a partir da inserção no grupo, do aprendizado da língua, da cultura e da compreensão de sua cosmovisão quanto aos valores e elementos vitais para a exposição do evangelho, como pecado, perdão e salvação.

Portanto, o estudo demográfico pode ser visto como uma primeira estratégia

para a evangelização de uma comunidade, objetivando o plantio de uma igreja entre eles.

Desenvolva uma forma de pesquisa, seja por meio de um questionário direcionador, entrevistas representativas ou observação participativa. Seu alvo é dimensionar o grupo com o qual trabalha, compreendê-lo social e culturalmente, identificar seus segmentos distintos e iniciar o evangelismo com uma abordagem que seja receptiva, funcional e clara.

Estratégia 2: Abundante evangelização

Igrejas não são plantadas em gabinetes pastorais ou centros de reflexão missiológica. São plantadas nas ruas. E neste cenário a quantidade e a constância da evangelização tornam-se uma ação fundamental em um processo de plantio de igrejas. Em um campo missionário, seja culturalmente distinto ou geograficamente próximo, a abundância na evangelização deve ser uma prática constante. Alguns campos não frutificam porque investem mais tempo na estruturação eclesiástica ou missionária e menos na evangelização e este é um perigo que envolve as nossas igrejas locais bem como nossos campos missionários mais distantes.

Estive estudando, durante um trabalho de consultoria missionária, alguns campos no oeste africano (Gana, Costa do Marfim, Nigéria) e na América do Sul (Norte do Brasil, Peru e Colômbia), nos quais diferentes processos de plantio de igrejas estavam em andamento. Dividi os campos missionários em duas categorias:

a) *Nível de estruturação*: observando a presença de postos missionários bem estabelecidos, boa mobilidade com transporte próprio, sistema de comunicação funcional entre as equipes missionárias e supervisão cultural e lingüística.

b) *Nível de evangelização*: observando a presença de iniciativas evangelísticas pessoais, múltiplas tentativas de comunicação comum do evangelho, uso da literatura, filmes, etc.

As conclusões já eram esperadas. Igrejas nasciam em maior quantidade e maturidade nos campos nos quais havia abundante evangelização mesmo em detrimento de baixa estrutura missionária. Apenas os campos com abundante evangelização foram visivelmente frutíferos. Lidamos aqui com um valor interessante. Apesar de termos plena consciência de que somente a evangelização levará pessoas a Cristo, podemos nos ater a diversas e múltiplas atividades diárias no afã do plantio de uma igreja que nos disperse do foco principal: apresentar Cristo.

Neste processo de plantio de igrejas é preciso haver um equilíbrio entre a capacitação e o caráter. Conheço alguns PhD's em Missiologia que atuam como missionários ao redor do mundo, os quais, tenho a impressão, não passaram ainda por uma real e pessoal experiência de novo nascimento. Por outro lado, conheço missionários cheios de Deus e apaixonados por Jesus, os quais não tiveram uma oportunidade de preparo que pudesse maximizar seus dons e habilidades, e pagam por vezes um alto preço devido a isto.

Após três anos entre os Konkombas, quando a igreja crescia rapidamente e o evangelho alcançava lugares remotos, perguntei aos líderes locais a razão principal pela qual éramos aceitos entre eles: a) habilidade de falar no dialeto local e ser entendido com facilidade; b) compreensão da cultura, costumes e forma de vida Konkomba; c) envolvimento pessoal com a sociedade tribal.

Eles então responderam: "*O que leva o nosso povo a parar para ouvi-lo é porque você sempre sorri quando nos vê, parando para nos cumprimentar*". Nesta sociedade relacional, a interação informal com o grupo era, portanto, o fator de ligação e credibilidade que gerava o ambiente propício para parar e ouvir. Esta deve ser uma pergunta a ser respondida em nossa área de ação: que postura, abordagem ou atividade faz com que o povo pare e ouça, em meu meio? Ou: quais são os ambientes em que posso ouvir, aprender, e também falar?

Se desejamos plantar igrejas, a macro-estrutura para subsistência missionária como transporte, mobilidade, comunicação, moradia e capacitação será de grande cooperação para o processo final. Entretanto, o fator determinante será a presença de abundante evangelização.

David Brainerd (1718-1747), na evangelização dos indígenas na América do Norte, registra, para sua surpresa, o maior resultado evangelístico em sua reunião com menor estrutura missionária quando, na ausência do seu intérprete que adoecera, ficou em seu lugar um índio alcoolizado e com pouca fluência no inglês, o qual mal conseguia se sentar sem cair. Em seu diário, após impactante experiência com os efeitos da evangelização mesmo na ausência de uma estrutura ideal, Brainerd escreveu que a mensagem vai além do mensageiro. Não importa o que um plantador de igrejas faça, ele deve priorizar a abundante evangelização.

Estratégia 3: Comunicação de um evangelho cristocêntrico

Abundante evangelização, por outro lado, é um elemento estratégico e funcional somente se o conteúdo da evangelização for a Palavra de Deus.

Precisamos aqui nos lembrar de que um dos maiores erros no plantio de igre-

jas é tratar o evangelho como um projeto. O evangelho não é um projeto. É Cristo. E, portanto, é a Palavra de Deus, anúncio da pessoa de Cristo, sua vida e missão, que converte os corações. Apesar de crer que é necessário a um plantador de igrejas ser disciplinado e organizado, não podemos cair no erro de tratar o evangelho e sua proclamação de forma gerencial e logística.

Freqüentemente percebo iniciativas evangelísticas que possuem uma ótima abordagem humana, clara comunicação, relevante apelo social. Porém peca onde não podemos errar: na ausência da Palavra no ato evangelístico. Precisamos revisar o conteúdo das nossas ações evangelísticas, pois temos migrado da centralidade de Cristo para a exposição da igreja. Percebo que muitas iniciativas evangelísticas promovem a igreja, seu ambiente de segurança, moralidade e comunhão. Especialmente seu serviço. E não a Cristo. Corremos o risco de abarrotarmos nossas igrejas de associados a um serviço que valoriza a família e moraliza o homem, nada mais.

Há muitas estratégias de movimento de massa que são funcionais, entretanto não são bíblicas. David Hesselgrave alerta-nos dizendo que "*nem todo novo pensamento é dirigido pelo Espírito. Nem tudo o que é novo é necessariamente bom. A Bíblia é antiga, o evangelho é antigo e a Grande Comissão é antiga...*". Na verdade ele defende que neste imenso mar de necessidades no mundo não-alcançado precisamos entender que "*o evangelho dá a direção... pois a Palavra precede a nossa visão*".

Lembremo-nos do que centraliza a missiologia neotestamentária. O ponto central da missiologia do Novo Testamento é o evangelismo, e evangelismo é o ato de proclamar o evangelho.[9] Vamos, portanto, analisar e entender melhor este evangelho, já que ele é o conteúdo do nosso evangelismo.

Voltemos cerca de 2 mil anos no tempo, especificamente na região da Palestina, nos lugares onde Cristo passaria. Imaginem um homem forte, vestido de peles de camelo, sandália gasta, barbas sujas, cabelos longos, carregando em sua bolsa apenas um pouco de mel. Seu nome era João Batista e ele prega ao povo. Seus sermões eram duros; ele falava sobre o "*fogo consumidor*", o "*machado posto à raiz das árvores*" e da "*palha queimada em fogo inextinguível*", e durante seus apelos ele usava termos fortes como "*raça de víboras*".

De repente aparece perante o povo um outro homem, vestido simplesmente, rodeado por um grupo de homens também simples e com uma voz suave. Era Jesus. Ele, ao contrário de João, vem falando sobre "*boas novas*" (*evangelho*) e "*boas novas do reino*". Sua mensagem é estranha. Ele vem falando sobre uma forma diferente de viver, uma forma *evangélica*, moldada pelo evangelho. Uma vida na qual o marido não domina sua esposa, mas a ama. Na qual o perseguido não odeia aquele que o persegue, antes ora por ele. Na qual o líder cristão não

exerce domínio sobre o seu rebanho, mas o serve. Na qual a comunidade dos santos não organiza revoluções contra as más autoridades, porém intercede por elas. Na qual o menor é o maior, morrer é um ganho, só se tornam fortes os que reconhecem a fraqueza. Na qual se anda duas milhas com quem o obriga a andar uma, vira-se a outra face a quem o fere, não há apego a este mundo, pois todos são peregrinos e a terra natal é desconhecida. A garantia que se tem é uma promessa e só se alcança a vida quem primeiro morre. Isto é evangelho, um recipiente de valores a um povo, os "*do caminho*".

O evangelho nos primeiros séculos era um recipiente dos valores de Deus, os quais reivindicavam um modo transformado de vida. Era prático, visível, existencial e contagiante.

Homens ricos paravam de roubar para devolverem o dinheiro até quatro vezes mais aos que foram por eles ludibriados. Mulheres adúlteras largavam suas vidas de promiscuidade e transformavam-se instantaneamente em testemunhas. Pescadores largavam suas redes para seguirem um carpinteiro de Nazaré. Muitos vendiam tudo o que tinham para distribuírem entre os que nada possuíam. Milhares morriam crucificados ou queimados por se recusarem a negar o seu Senhor, o qual nunca haviam visto face a face. Era o evangelho sendo proclamado e vivido.

Infelizmente, após os séculos, ser evangélico passou a significar apenas um estado denominacional. Gostaria, portanto, que entendêssemos que o evangelho, desta forma, não era apenas boas novas, boas notícias, mas boas novas que reivindicavam um modo de vida transformado, segundo os valores de Deus.

Há duas verdades que necessitamos compreender sobre o evangelho: sua procedência e seu conteúdo. No Novo Testamento, confrontamo-nos repetidas vezes com a apresentação do evangelho como "*evangelho de Deus*", apontando para a procedência do evangelho, ou seja, ele não é uma invenção humana, mas uma revelação divina. Em 1 Coríntios 9.18, quando Paulo expressa que "*evangelizando proponha... o evangelho*", entendemos a princípio que o conteúdo do evangelismo é o evangelho. Mais adiante, no capítulo 15 da mesma carta, Paulo fala à igreja sobre o "*evangelho que vos anunciei*" (v.1) e, no verso 3, ele começa a narrar sobre este evangelho, dizendo "*... que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e ressuscitou ao terceiro dia...*", ou seja, Jesus Cristo é o próprio evangelho. Desta forma, começamos a entender que o conteúdo do evangelismo é o evangelho e o conteúdo do evangelho é Jesus Cristo.

Portanto, podemos afirmar que não há verdadeira e bíblica evangelização sem a apresentação do Senhor Jesus. Histórias cativantes, testemunhos empolgantes, maravilhas e sinais, encenações e boa vontade não substituem o elemento central da evangelização: o Senhor Jesus. Não há evangelismo sem a cruz de Cristo. Não

há salvação sem o seu sangue. Não há salvação em outro nome. Não há história maior que a sua história.

Devemos nos acautelar de não confundirmos a apresentação da ética cristã com a apresentação de Jesus Cristo. Ouço pregadores e evangelistas que, no afã de se aproximarem do povo e lhes transmitir uma mensagem que lhes soe palatável, nada mais fazem do que defenderem os benefícios da ética cristã, do comportamento cristão, dos valores históricos do Cristianismo. Tal apresentação poderia ser feita, porém, por qualquer descrente ao expor a história do Cristianismo em uma sala de aula. É preciso apresentar Cristo! Expor sua vida como o cumprimento da promessa do Pai. Seu nascimento maravilhoso que inseriu esperança na história humana. Seu caráter e vida. Sua morte e ressurreição. Seu sangue resgatador. Seu amor incondicional. Seu caráter de Servo e poder de Rei. O que ele fez em minha vida. Como me transformou. Como fez o mesmo em muitas e muitas pessoas. O que fará também por você. É preciso crer na mensagem, compreender seu valor e seguir a Cristo. O evangelismo sem Cristo é um palco com palavras soltas, nada mais do que interessantes, que poderão convencer alguns do valor do Cristianismo, mas jamais os levarão à salvação de Deus, pois a salvação de Deus é Cristo.

Estratégia 4: Oração

Patrick Johnstone, um dos maiores missiólogos dos nossos dias, afirma que *quando o homem trabalha, o homem trabalha. Quando o homem ora, Deus trabalha.* Missiólogos e pesquisadores como David Garrison, Patrick Johnstone, David Barrett, Bruce Carlton, J. Johnson e David Watson têm mencionado a clara ligação entre a oração e o plantio de igrejas. Os grupos étnicos, bairros, ruas e cidades que são alvo de oração são justamente os povos e lugares nos quais o evangelho tem se enraizado com mais afinco. Esta afirmação não deveria ser, para nós, uma surpresa, pois cremos que Deus responde as orações.

O Senhor Jesus nos ensinou que a oração, associada à fé, promove uma resposta do Pai (Mt 21.22). Também nos lembrou de que nos embates mais difíceis no reino de Deus devemos nos preparar com oração e jejum (Mt 17.21). O Mestre também associou a oração à vida diária com Deus, necessidade de todo homem (Lc 6.12), e se entristeceu porque os seus discípulos dormiam quando precisavam vigiar (Lc 22.45). Depois da sua morte, vemos estes discípulos unânimes na oração (At 1.14). Pedro e João saíam juntos para orar (At 3.1) e os apóstolos se reservaram ao ensino da Palavra e oração (At 6.4) para a edificação da igreja. Paulo nos diz que ora pelas igrejas plantadas (Ef 6.18) e Pedro nos exorta a vigiar

em oração (1Pe 4.7). A oração permeia a Palavra como ensino para nós, para a igreja e para a sinalização do reino na terra. Há uma clara associação entre a oração e as respostas de Deus.

Creio que há possivelmente no mundo hoje mais de 200 grandes movimentos de plantio de igrejas em pleno andamento. Em todos eles seus líderes testificaram a presença de oração intencional, voluntária e abundante. Tanto pela equipe que evangeliza e planta igrejas quanto pelo povo que recebe o evangelho. Se desejamos plantar igrejas precisamos orar.

A oração foi uma atividade constante entre os primeiros convertidos do povo Khmer no Cambodja. Ali, 3,3 milhões de pessoas haviam sido mortas no regime autoritário de Pol Pot's entre 1975-1979. Vários cristãos também haviam sido mortos e em 1985 não havia mais do que 450 evangélicos entre o povo Khmer. Porém o povo orava, e o fazia pedindo ao Pai para que o evangelho entrasse em cada casa. A partir de 1999, o número de evangélicos cresceu de 600 para mais de 60 mil divididos em 700 igrejas. Hoje se registram mais de 100 mil evangélicos e mais de 800 templos entre eles.

Durante anos cristãos, chineses oraram por uma das cidades mais duras para o evangelho. Assim a cidade de Kanah, na China, começou a experimentar um rápido crescimento evangélico mudando o cenário de 3 igrejas reconhecidas pelo Estado para 57 novas igrejas dentro de dois anos. Em novembro de 1997, contabilizaram-se mais de 450 igrejas em três províncias e mais de 18 mil pessoas entregaram-se ao Senhor Jesus. Hoje Kanah é uma das mais influentes regiões cristãs na China com mais de 500 igrejas reconhecidas.

A oração perseverante por parte dos poucos crentes também foi uma marca constante entre os Kekchi na Guatemala onde este grupo com cerca de 400 mil pessoas vivendo na região de Alta Verapaz foi impactada pelo evangelho. Entre 1993 e 1997, mais de 20 mil pessoas aceitaram ao Senhor Jesus e 245 congregações nasceram. Entre 1997 e 2000, outras 10 mil pessoas aceitaram ao Senhor Jesus. Há entre eles hoje mais de 400 igrejas registradas.

A *Southern Baptist Mission*, nos Estados Unidos da América, orou durante anos pelos Kui na Índia, um grupo com 1,7 milhões de habitantes na região de Orissa, estado na costa leste da Índia. Os primeiros convertidos haviam vindo a Cristo em 1914 com missionários ingleses. Nos anos 20, algumas poucas igrejas nasceram. Houve um despertar de oração por aquele lugar, a partir da América. Após 1988, nos anos seguintes, mais de 100 igrejas surgiram, especialmente ligadas a missionários da *Southern Baptist Mission*. Entre 1988 e 1991, as igrejas aumentaram para mais de 200. Entretanto, entre 1993 e 1997, houve um crescimento ainda maior e mais de 900 igrejas foram registradas entre os Kui com cerca de 80 mil convertidos.

Entre os Mizo, na Índia, o evangelho chegou em 1894 por intermédio de missionários britânicos. Eram conhecidos com uma força missionária que "*pregava e orava*" para o povo Mizo com uma população de 686.000 pessoas. Em 1900, contavam com 120 cristãos. Como resultado do avivamento no país de Gales em 1904, um número expressivo de missionários foi enviado para esta etnia. Seguiu-se a isto uma vasta cobertura de oração. Somente a partir dos anos 50 os resultados passaram a ser mais visíveis e conversões eram notificadas em grande número. Hoje, 85% de todos os Mizo na Índia consideram-se cristãos.

Rossana e eu experimentamos momentos abençoados no plantio de igrejas entre os Konkombas. Um fato que guardamos com carinho em nossos corações é a convicção de que o nascer destas igrejas foi resposta de Deus à oração do seu povo. Minha mãe, Euza Lidório, coordena um ministério voluntário que iniciou tempo atrás, quando fomos para a África. São os vigilantes de oração. Ela produz calendários mensais com pedidos de oração de missionários de todos os cantos da terra e os distribui gratuitamente para irmãos que desejam formar grupos que orem por estes motivos semanal ou mesmo diariamente. Hoje este ministério conta com mais de 600 grupos espalhados por todo o Brasil, dois deles em penitenciárias, nas quais crentes se reúnem para interceder pela obra missionária. Convictos estamos de que a conversão do povo Konkomba seguiu-se ao movimento de oração. Deus responde as orações.

Mobilize pessoas para orar pelo seu projeto de plantio de igrejas. Seja o primeiro também a interceder diariamente perante o Pai por ele. Creia que Deus há de responder as orações.

Estratégia 5: Organização de igrejas locais

O ajuntamento dos convertidos em uma comunidade local para comunhão, estudo da Palavra, oração e mútuo encorajamento era a estratégia paulina. A eleição de presbíteros, líderes locais, liberava o apóstolo para o plantio de outras igrejas e contribuía para o amadurecimento da comunidade local (At 14.21-23). O apóstolo Paulo, portanto, não apenas investia sua vida e forças na evangelização, mas concentrava-se também na conclusão deste processo que envolvia discipulado e organização de igrejas locais. Devemos observar uma clara diferença, portanto, entre o evangelismo e o plantio de igrejas. Enquanto o evangelismo se atém à comunicação do evangelho a um indivíduo ou grupo, visando levá-lo ao conhecimento de Cristo, o plantio de igrejas deseja investir no discipulado, ajuntamento dos santos, ensino da Palavra, desenvolvimento de liderança local,

momentos de comunhão, adoração e oração além do enraizamento de um senso missionário.

Michael Green chama a nossa atenção para a dinâmica da igreja no Novo Testamento. A comunhão entre os irmãos (At 2.44-47) era a marca do povo de Deus. Quando o historiador relata que "*todos os que creram estavam juntos*" ele nos leva a refletirmos sobre a própria natureza da igreja. O ajuntamento dos santos não é uma simples estratégia de plantio de igrejas, mas uma fundamental necessidade que temos, enquanto seguidores de Cristo, de partilharmos com o irmão a nossa fé, louvor, testemunho, encorajamento, oração e estudo da Palavra.

Na organização de igrejas locais, precisamos observar algumas orientações bíblicas:

1. *Evangelismo e discipulado* são dois elementos que precisam caminhar em equilíbrio. Se houver uma ênfase no primeiro em detrimento do segundo teremos igrejas superlotadas de pessoas interessadas na Palavra, mas com poucos convertidos e amadurecidos em Cristo. Na ênfase oposta, teríamos um grupo pequeno de crentes, maduros e firmes, porém vivendo em uma congregação estática sem o acréscimo de novos à fé cristã.
2. *O discipulado* é o melhor momento para a identificação da futura liderança local. Um plantador de igrejas deve identificar entre seus discípulos aqueles que são líderes. Deve investir neles com o objetivo de capacitá-los. Além do estudo da Palavra, permita que seus discípulos o acompanhem nas visitas, no evangelismo e na solução de conflitos.
3. *Ajuntamento para o culto público a Deus* é um ato que deve ser central na organização de igrejas locais. Nós nos reunimos para Deus e por Deus e o culto público nos lembra disto.
4. *A eleição ou apontamento de líderes locais* é um passo importante e deve ser dado com segurança, a partir de crentes que sejam fiéis a Deus, conhecedores da Palavra e já tenham sido testados na fé.
5. *A ceia do Senhor e o batismo* promovem a comunhão e compromisso.
6. *A exposição da Palavra*, seja em um púlpito de maneira formal ou o ensino de casa em casa em contexto informal, deve ser central na vida da igreja. Sua maturidade dependerá do conhecimento, amor e compromisso que tem com a Palavra de Deus.
7. *A responsabilidade missionária* não deve esperar. Já no discipulado e nas primeiras reuniões, a igreja deve ser levada a reproduzir aquilo que aprendeu do Senhor perante outros, seja perto, seja longe. Lembre-se de que a igreja, ainda incipiente, somente aprenderá se você a conduzir no evangelismo, levando os novos consigo para o alcance de outros.

Devemos nos lembrar de que todo amplo movimento de plantio de igrejas que

se tornou regionalmente duradouro contou com um forte envolvimento de pessoas locais desde a primeira fase. O investimento em pessoas locais, passando-lhes a visão, paixão e estratégias garantirá um processo de plantio de igrejas que vá além do missionário ou evangelista. Irá além de sua geração. Não devemos medir o quão sólido é um projeto de plantio de igrejas pelo número de pessoas envolvidas ou a estrutura construída para tal. Devemos medi-lo pela quantidade e qualidade de pessoas locais que estão sendo discipuladas e preparadas para a liderança.

A reprodução de igrejas plantadas em uma segunda fase idealisticamente deve ser feita mediante os frutos em vez da raiz do movimento. Nesta etapa, os missionários devem estar já assumindo uma posição de supervisão da visão e encorajamento, e não de linha de frente. Igrejas devem plantar igrejas. O modelo missionário que sugiro é: inicie, discipule, reproduza, assista, encoraja, parta e supervisione.

A fim de termos igrejas com o DNA missionário é preciso investir no ensino e na experiência. Apelos missionários, estatísticas quanto aos perdidos e histórias desafiadoras não constroem um DNA missionário em uma igreja local. É preciso mesclar dois elementos transformadores: o ensino da Palavra e a experiência evangelística. É preciso pregar sobre o mandato bíblico da evangelização. Expor com clareza qual é nossa missão. Mostrar com evidências bíblicas nossa responsabilidade perante o mundo. É preciso também levar a igreja a experimentar a missão. Levá-los para as ruas, para as esquinas, para as praças e condomínios, nos quais poderão falar abertamente de Jesus, compartilhar sua fé, evangelizar o que está perdido. O ensino da Palavra associado à experiência evangelística são dois elementos construtores de um DNA missionário em uma igreja local embrionária.

Estratégia 6: Discipulado e treinamento de líderes locais

Os crentes no Novo Testamento eram não apenas rapidamente incorporados à igreja, mas também eram discipulados e treinados como líderes locais. A multiplicação de liderança local é proporcional à multiplicação de igrejas. Uma igreja local, sob o critério de crescimento, deve ser analisada pela quantidade e qualidade de líderes em treinamento em vez da quantidade de membros.[10]

Michael Green observa que o discipulado na igreja primitiva era intencional no preparo de homens e mulheres que pudessem evangelizar e plantar novas comunidades cristãs.

Hibbert[11] avalia que o discipulado é algo a ser realizado de maneira intencional, porém informal, e que envolva testemunho pessoal. Ele envolve: a) *caminhar com o discípulo* – incorporá-lo em sua vida diária de maneira que haja

constante comunicação; b) *testemunhar ao discípulo* – evidenciar com sua vida como é seguir a Jesus; c) *ensinar o discípulo* – estudar com ele a Palavra de maneira sistemática; d) *dar oportunidades ao discípulo* – para que ele possa, assim que possível, desenvolver atividades em conjunto com seu discipulador; e) *permitir que o discípulo discipule.*

Entre os Konkombas em Gana, identificamos dentre os novos convertidos aqueles que desejavam aprender mais e com maior continuidade. Com estes seis, caminhamos de forma próxima durante cerca de três anos. Convidava-os para me acompanhar em cada visita ou viagem. Estavam presentes no evangelismo público. Acompanhavam-me nas visitas aos enfermos e necessitados bem como na solução de conflitos. Este grupinho inicial hoje lidera todas as 23 igrejas. São os cinco pastores e Makanda, um dos presbíteros de maior expressão na igreja dentre os Konkombas.

Ao evangelizar, identifique aqueles que desejam aprender mais. Aqueles que possuem coração ensinável, sede da Palavra e disposição para estar ao seu lado. Com estes, caminhe de forma sistemática por pelo menos dois anos. Estude com eles a Palavra semanalmente. Visite-os no trabalho e em casa. Desenvolva amizade para que tenham abertura para abrir seus corações. Incorpore-os a algumas de suas atividades ministeriais como visitação e evangelismo público. Insira-os na vida diária da igreja dando-lhes responsabilidades. Acompanhe-os de perto e lhes dê também desafios: dar publicamente seu testemunho, cooperar com algum ministério da igreja, expor sobre um texto bíblico em um grupo menor. Perceba quando estarão prontos para assumir responsabilidades maiores. Solte-o para que possam caminhar sem você e incentive-os a discipular outros.

Estratégia 7: Envolvimento social que promova ações sociais

Lucas 10, ao relatar sobre um sacerdote, um levita e um samaritano perante um homem caído ao longo do caminho nos fala sobre falsa religiosidade e verdadeiro Cristianismo. O sacerdote, conhecedor da Palavra, e o levita, ministro da adoração a Deus, formavam o clero religioso da época. Sua relutância em parar perante um homem caído ao lado demonstra muito mais que insensibilidade. Mostra que é possível ser igreja, conhecer a Palavra, se envolver com a adoração a Deus e, ao mesmo tempo, desprezar o desespero humano.

Assim também podemos plantar igrejas que falam de Cristo e amam a Palavra de Deus ao mesmo tempo em que desprezamos o desespero daqueles que estão ao nosso redor. É possível haver ajuntamento dos santos em meio à miséria humana sem que estes sequer a observem, e isto ocorre todos os dias.

No estudo demográfico, é preciso observar a comunidade na qual você vive e prega a Palavra. Quais seus anseios e reais necessidades? Quais os elementos de desespero? O que é preciso ser feito? Quais são as causas humanamente perdidas para que com elas nos envolvamos? Onde estão os caídos ao longo do caminho?

É certo que Calvino defendia uma escola para cada igreja na Genebra reformada. Porém sua influência social foi bem além da educação. Harkness menciona que Calvino nutria o desejo de transformar Genebra na *Civit Dei* – cidade de Deus. Ganoczy complementa expondo que esta "cidade de Deus" consistia no fato de ver a Palavra pregada influenciando todos os aspectos da sociedade: a moral, ética, comportamental, educacional e social. Calvino não planejou simplesmente plantar uma igreja em Genebra. Ele planejou influenciar Genebra ao ponto de ela refletir os valores de Cristo.

Ao olharmos para uma área, bairro, cidade, segmento social ou etnia, devemos nos perguntar como podemos comunicar Cristo e a Palavra de modo que os valores do reino produzam salvação e transformação.

Igrejas plantadas que ao longo dos anos não fomentem transformação humana e social são redutos espirituais que, mesmo na busca cúltica pelos valores do reino, deixam de ser sal da terra e luz do mundo. Alguns passos podem ser dados:

1. Peça ao Senhor para sensibilizar seu coração, para que você seja levado a se importar e observar as demandas humanas e sociais. Olhe para onde está o sofrimento humano.
2. Pregue de forma inconformada com o pecado e suas conseqüências, como a injustiça humana, crendo que Cristo há de salvar a alma e dar senso de justiça ao corpo.
3. Desenvolva uma linha de ação a partir do perfil da sua igreja. Se há um corpo presente de médicos e enfermeiros, promova clínicas volantes. Se há mães e mulheres dispostas, inicie uma creche de auxílio à comunidade carente. Se há um corpo de psicólogos, desenvolva um programa de auxílio às doenças emocionais.
4. Inicie um projeto pequeno e experimental. Envolva-se pessoalmente neste projeto.
5. Envolva a igreja com a sociedade. Deixe que ela sinta o sofrimento humano e passe a se importar. Leve-a a transitar na sociedade local.
6. Exponha na Palavra a diferença que Cristo faz em uma sociedade, transformando o sofrimento em esperança.
7. Não se deixe corromper pela revolta contra a miséria e injustiça, pois um espírito revoltado não possui equilíbrio para a batalha. Tenha em mente que a Palavra é o melhor instrumento e o maior bem que você pode usar e entregar

a uma sociedade. Somente o evangelho produzirá transformação durável e permanente.

Estratégia 8: Desenvolvimento do perfil de plantador de igrejas

Este é, sem dúvida, um dos assuntos mais complexos quando lidamos com projetos de plantio de igrejas. Há vasto material escrito sobre o assunto, fóruns e consultorias que tentam padronizar o perfil de homens e mulheres que plantam igrejas analisando seus pontos fortes, suas características pessoais e ministeriais e suas limitações.

Creio que, certamente, há um perfil geral que deve ser observado e citaremos a seguir algumas destas características, ou atitudes, necessárias. Porém, após alguns anos de observação, tenho concluído que o plantio de igrejas não está necessariamente associado ao temperamento ou carisma, mas a convicções e postura. Tenho visto um sem-número de homens e mulheres com todas as características humanas imagináveis para um bom plantio de igrejas, como senso evangelístico, carisma pessoal, pessoalidade, informalidade e dinamismo parando ao longo do caminho após tentar sem sucesso levar adiante um projeto local. Por outro lado, percebo homens e mulheres com características humanas que, em uma primeira análise, pesariam negativamente na balança, como uma forte introversão, falta de carisma pessoal, dificuldade de se comunicar e transitar com freqüência na sociedade, pouco dinamismo e assim por diante, mas plantam igrejas que parecem brotar com naturalidade.

Hesselgrave,[12] em seu livro *Plantar Igrejas*, trata do perfil do plantador de igrejas destacando sua integridade com Deus, a missão e o povo. Retira, de certa forma, a ênfase na metodologia e a coloca no coração íntegro daquele que ouve o chamado de Deus e deseja obedecer a ele. O fato é que um plantador de igrejas não pode ser identificado apenas por características externas, mas pela postura do coração. Talvez fosse até mesmo redundante afirmar quantos homens e mulheres preparados para o plantio de igrejas, tendo os recursos, a capacitação, o envio da igreja local e o pastoreio e apoio da organização missionária, mas que não vão longe pela falta de integridade. Seja com seu coração, o de outro ou o de Deus.

Portanto podemos refletir, nesta altura, que as convicções e chamado do plantador de igrejas é muito mais fundamental para tal ministério do que seu perfil humano. Suas atitudes e disposição farão mais diferença no processo de plantar igrejas do que suas áreas de facilidade e habilidade.

Quando procuro por um plantador de igrejas que junte forças conosco, ou em

algum projeto com o qual estejamos associados, tenho em mente cinco características que não devem faltar:

Forte convicção do chamado – a certeza de que ele está ali porque o Senhor quer, e o convocou para o serviço.

Integridade – para com o chamado do Senhor, os colegas com os quais trabalhará e o povo com quem conviverá.

Espírito ensinável – disposição e humildade para ouvir, ponderar, aprender, fazer escolhas sinceras e também ensinar.

Ardor evangelístico – desejo de fazer Jesus conhecido, e com iniciativa para tal.

Temor ao Senhor – relaciona-se com Deus como servo disposto a servir.

Alguns erros mais comuns ao plantador de igrejas:

1. Tratar o plantio de uma igreja de forma puramente gerencial. O plantio de uma igreja é uma atividade espiritual que demanda vida com Deus e com a Palavra de Deus. O trato gerencial compromete a espiritualidade e foca as atividades promotoras das aglutinações humanas. O resultado, comum em diversas situações, é o plantio de igrejas grandes, mas rasas. A geração de movimentos com grande mobilização social, mas pouco compromisso com Deus.

2. Plantar a "*igreja dos seus sonhos*", ou seja, uma igreja para si, que possa acomodá-lo e satisfazê-lo ao longo dos anos. Um local que lhe dê segurança ministerial. Esta atitude compromete seu ministério ao submetê-lo a um sonho puramente pessoal. Compromete também a vida e gera incrível frustração, caso seja dirigido por Deus para um outro local. Plante igrejas para Deus e sua glória. Não se sinta tutor da mesma. Concentre-se no ministério e chamado do Senhor e tenha em mente que ele pode lhe dirigir para fora da zona de conforto.

3. Plantar igrejas a partir de outras igrejas. O plantador de igrejas deve estar nas ruas e não nos pátios de outras igrejas. Salvo em caso de este desmembramento ser uma estratégia para o plantio de novas igrejas, em comum acordo com a igreja-mãe, como tem sido feito com ótimos resultados em diversos lugares, plantar igrejas a partir de divisões ou atrações de outros rebanhos gerará uma igreja tendente a divisões no futuro. Também enfraquecerá e desmotivará outras igrejas e impedirá a comunhão tranqüila entre as comunidades e ministros. Um plantador de igrejas deve começar nas ruas e praças, rádios e tv's, universidades e escolas primárias, nos abrigos e condomínios de luxo. Onde há gente que ainda não se entregou a Jesus.

Manoel de Oliveira Junior,[13] plantador de igrejas e atual pastor da Igreja Nova Vida, em Framingham, EUA, possui uma clara visão sobre as características de

um plantador de igrejas. Ele iniciou a Igreja Nova Vida em Framingham em 27 de junho de 1999 com 5 pessoas. Após 8 anos de ministério, a igreja conta hoje com 320 membros tendo também contribuído para o plantio de outras 3 novas igrejas também entre imigrantes brasileiros. Nos primeiros anos, 70% dos membros eram pessoas que haviam se entregado a Cristo naquele lugar. Recentemente adquiriram um templo construído em 1872 pertencente à *United Church of Christ*. Em 1920, esta igreja contava com 1.200 membros, porém após um processo de liberalismo teológico não passa hoje de uma pequeníssima comunidade com menos de 25 membros. A Igreja Vida Nova adquiriu este templo, marco histórico da presença do evangelho na cidade e, a partir dali, tem feito diferença na Grande Boston.

Ele expõe cinco principais características para um plantador de igrejas: ter uma boa teologia, cultivar um coração apaixonado pelos perdidos, encarnar seu projeto ministerial, identificar-se com o povo e aproveitar as oportunidades.

Uma boa teologia conduz a uma boa metodologia, com segurança bíblica e valores do reino. Desta forma, a Nova Vida compreende que a missão da igreja na Grande Boston envolve participar e minimizar dos conflitos humanos entre imigrantes que ali chegam e se estabelecem. A igreja, assim, desenvolveu diversos cursos e grupos de apoio para esta comunidade como o curso de treinamento financeiro para imigrantes, assessoria aos alcoólatras anônimos para atingir este grupo, uma escola de inglês em parceria com o governo e prefeitura para os imigrantes brasileiros, com 180 alunos, grupo de apoio para mulheres vítimas de violência doméstica e outros mais. Também desenvolvem um apoio às necessidades emocionais por meio de aconselhamento sistemático, após terem identificado as fontes de estresse do imigrante na região. Pode-se perceber que estas atividades estão diretamente associadas à teologia, compreensão da missão, natureza e propósito da igreja neste lugar.

Manoel afirma que o plantador de igrejas não deve observar seu ministério como uma oportunidade ministerial, mas como uma proposta de vida. Deve, assim, encarnar seu projeto ministerial. Ao fazer isto ele irá investir sua vida, envolver sua família e também comunicar sua visão para aqueles que estão ao seu redor. Cita também a necessidade de aproveitar as oportunidades evangelísticas e de discipulado. Plantar uma igreja entre imigrantes nos Estados Unidos implica lidar com pessoas que trabalham, muitas vezes, de 12 a 16 horas por dia em dois ou mesmo três empregos e não raramente 6 ou 7 dias por semana. O evangelismo e discipulado precisam ser desenvolvidos de maneira planejada e com aproveitamento de oportunidades. Ele narra que evangelizava e discipulava os recém-convertidos nos intervalos do trabalho, nos pátios de estacionamento e, muitas vezes, ao levar e trazer pessoas para seus empregos.

Dentre várias características de um plantador de igrejas gostaria de pensar um pouco em duas essenciais: ser um visionário e alguém identificado com o povo.

A visão determina nossas atitudes e iniciativas. Iniciar um projeto de plantio de igrejas sem visão definida é como uma viagem sem rumo. A ausência de uma visão definida não apenas compromete o trabalho do plantador de igrejas como também o impede de gerar aliados à sua visão. Quando iniciamos nosso trabalho entre os Konkombas em Gana na África nossa visão era "*plantar uma igreja nativa, autóctone, bíblica, contextualizada e missionária que promovesse o treinamento de liderança local e fizesse diferença na sociedade tribal Konkomba-Bimonkpeln*". Além de ter nascido de uma convicção espiritual, esta visão era algo definido que nos norteava, filtrava nossas prioridades e nos dava critérios de avaliação de nosso ministério.

Uma visão definida irá eventualmente sugerir metas, planos, estratégias e abordagens, porém manter a visão é o elemento fundamental sem o qual nenhum ministério poderá se sustentar por muito tempo. Devemos, assim, buscar a visão de Deus a seguir. Bem sabemos que nem toda visão de um homem de Deus, ou da igreja de Deus, é necessariamente visão de Deus. Portanto, importa-nos buscar e seguir a visão de Deus. E quando o Senhor a transmite aos nossos corações somos levados a encarná-la, vivê-la, lutar por ela e influenciar pessoas com tal visão.

A identificação com o povo não é meramente conseqüência de empatia sociológica a partir da compreensão do segmento humano com o qual você trabalha, mas passional, com envolvimento de alma e coração. Não creio em plantadores de igrejas que não possuem um envolvimento pessoal com o povo alvo, que não transite entre eles, não sinta suas alegrias e angústias, que não se transtorne ao perceber o efeito do pecado em suas vidas, que não conheça seus sonhos e não sonhe.

A identificação com o povo alvo é um processo decorrente da vivência. Ou seja, por não termos nascido ali, não possuirmos de maneira natural os sentimentos, impressões e padrões comportamentais do povo com o qual passamos a trabalhar, é necessário haver convivência, a fim de que haja identificação.

Magno e Fátima são plantadores da igreja batista em Brasília Teimosa, Recife, um bairro desafiador com grave pobreza e todas as mazelas advindas da mesma. Jamais conheci um casal tão identificado com o povo. Em 1986, quando iniciava meu curso de teologia no Recife e tive o privilégio de assessorar e aprender com este casal, percebi o quanto alguém poderia se envolver com uma visão. Fátima entrava nos prostíbulos para evangelizar as mulheres e saber de sua saúde com a naturalidade de alguém que se senta em um banco no parque. Conhecia cada uma pelo nome, preocupava-se com a insegurança das mesmas e, não raramente, ao sair do lugar, orava por elas e objetivamente

as desafiava a abandonar aquela vida e seguir a Cristo. Várias se converteram e seguiram a Jesus.

Todavia, tal identificação foi resultado de convivência. Magno e Fátima, sentindo a direção de Deus para evangelizar aquele difícil bairro, decidiram deixar um local confortável para ali comprar uma casa e morar com o povo. Ali também criaram seus filhos, do outro lado da rua construíram a igreja, em todas as esquinas cultivaram amigos e se tornaram não apenas moradores, mas membros daquele bairro. Não há identificação sem convivência.

Samuel Vieira,[14] em seu artigo "*Motivações para a plantação de igreja: buscando as razões concretas*", destaca inicialmente as principais razões equivocadas para o envolvimento no plantio de uma igreja local: a) *auto-promoção* – que tenciona tão somente projetá-lo perante outros ministros e pastores; b) *resolução de conflitos* – quando sua experiência pastoral foi negativa e procura, portanto, "*algo novo*"; c) *busca de emprego* – quando muitos se envolvem no plantio de igrejas sem vocação, mas apenas por oportunidade.

Expondo as motivações corretas, Samuel Vieira enfatiza: a) *a glória de Deus* – o investimento naquilo que é desejo de Deus e apenas para Deus; b) *paixão interna* – não deseja estar em outro lugar fazendo qualquer outra coisa; c) *conceito de igreja* – o entendimento de que a igreja é a forma mais eficiente de evangelização.

Por fim, afirma que "*o chamado para plantação de igrejas pode ser uma estratégia que Deus coloca em nossos corações e que nos faz consumir com tal pensamento. Por isto, é necessário que o fogo de Deus acenda mais fortemente em nossos corações. Que sejamos consumidos por tal idéia. Antes de decidirmos que vamos plantar uma nova igreja, deveríamos confirmar nosso chamado, checando nossas motivações, para a referida tarefa*".

É necessário também refletirmos sobre o plantador de igrejas do ponto de vista bíblico-teológico do chamado ministerial. Em Efésios 4.11, o apóstolo Paulo nos ensina que o Senhor chamou,[15] em sua igreja, homens para funções ministeriais definidas, para a edificação do corpo, utilizando cinco categorias: apóstolos, pastores, evangelistas, mestres e profetas. Algumas conclusões textuais são importantes para nós neste momento.

Primeiramente entendemos que todos os santos fazem parte do corpo, da igreja de Cristo, porém alguns foram chamados para exercer função específica na edificação desta igreja. Em segundo lugar, percebemos que o chamado ministerial é funcional, ou seja, precisamos conhecer o nosso chamado para melhor servirmos ao Senhor. Também entendemos que, desta forma, muitos podem estar tentando servir a Deus, atuando ministerialmente em algo distinto do seu chamado.

Quando utilizamos um título eclesiástico, seja pastor, evangelista, reverendo ou bispo estamos reconhecendo um padrão de tratamento, em decorrência da posição ministerial, utilizado por uma denominação. Nem todo "*pastor*" tem um chamado pastoral. Muitos são de fato mestres. Nem todo "*evangelista*" é realmente um evangelista. Muitos são pastores. E assim por diante.

Creio que identificarmos o nosso chamado ministerial de maneira funcional à luz de Efésios 4 é fundamental para servirmos a Deus. Não se preocupe demasiadamente para onde você vai, porque a direção geográfica que Deus nos dá muda com freqüência. Preocupe-se em saber quem você é ministerialmente. Se um apóstolo, pastor, evangelista, profeta ou mestre.

O apóstolo, do verbo *apostelo*, indica aquele que é enviado. Refere-se, historicamente, aos que foram enviados por Cristo para a expansão de sua igreja. John Knox entendia que o apóstolo era a *pedrinha lançada bem longe*, aqueles que são enviados aonde ainda a mensagem não chegou, a igreja não está presente. Maxwell se refere a estes como os *abridores de caminho* e, na tradição cristã, os apóstolos foram usados por Deus para inserir a mensagem do evangelho em lugares ermos e remotos. Podemos entender que um apóstolo, no sentido funcional do chamado, seja alguém atraído pelos perdidos. Seu desejo é anunciar Cristo e ele o faz com alegria de coração. Ao chegar em um campo, lança o evangelho por toda parte. Quando nasce a igreja, seu coração já começa a despertar interesse para lugares mais distantes e menos alcançados. Um apóstolo, funcionalmente, é um plantador de igrejas, atraído pelas massas não-alcançadas, sempre pensando em um lugar novo para ir, em um campo novo a semear.

O profeta, ou *profetes* no texto original, se refere àquele que fala da parte de Deus. O profeta não possui compromisso enraizado com a igreja, mas com a mensagem de Deus. Seu prazer está em anunciá-la e quando o faz entende que cumpriu a missão. É inconformado com o mundo e com a igreja. Não precisa de títulos ou palcos para apresentar a mensagem. O faz com um grupo de cinco pessoas com a mesma intrepidez que o faria para 5 mil. Sua mensagem é inconformada, transformadora, questionadora. Fala ao povo de Deus e fala ao povo sem Deus.

O pastor, *poimenos*, é um apascentador do rebanho. Seu prazer está em conduzir o rebanho ao Senhor Jesus. Conhece a comunidade que apascenta, se envolve com ela, enraíza-se onde está. Sua alegria é saber como está cada membro da igreja local, quais são suas dores, visitá-los de casa em casa, abraçá-los na porta da igreja. O pastor, *poimenos*, é pessoal, pastoral, cuidadoso, envolvido com o grupo.

O evangelista, ou *euaggelistes*, não é o que entendemos por evangelista.

O *euanggelistes* no Novo Testamento era mais um discipulador. Falava de Cristo, mas seu desejo primordial era levar homens e mulheres a serem transformados "*ao molde do evangelho*". O evangelista realiza um trabalho silencioso, pessoal, apaixonado. Realiza-se quando há amadurecimento dos novos convertidos. Quando passam a amar a Cristo e a se parecer com ele. Ama o trabalho um a um. Sentar com um interessado no evangelho, ou recém-convertido, e acompanhá-lo, discipulando-o. É envolvido com o grupo, mas ainda está mais envolvido com indivíduos.

O mestre, ou *didaskalos*, ama a Palavra. Seu prazer está em expor a Bíblia de forma clara. Quando a mesma é compreendida e aplicada, ele se realiza. Não se apega demasiadamente a um grupo, podendo transitar entre vários, visto que a transmissão da Palavra é seu amor maior. Dedica-se a estudá-la e compreendê-la. Cada nova lição é um ato de amor de Deus para ele e dele para o povo que o ouve.

Há, certamente, irmãos que possuem um chamado ministerial para mais de uma destas funções no corpo. Como Paulo, podemos ter apóstolos-profetas-mestres, porém creio que a maioria de nós possui um chamado primordial, principal, que nos enche o coração. Aquilo que fazemos com motivação total e também maior facilidade. E o reconhecimento da igreja também o atesta.

Enviar um *poimenos*, pastor, para plantar uma igreja onde a Palavra ainda não é conhecida e não há convertidos é uma temeridade. Da mesma forma que indicar um apóstolos, plantador de igrejas, para pastorear um rebanho. Precisamos saber quem somos, em relação a nosso chamado ministerial, e mantermos o foco do mesmo.

Plantadores de igrejas são pessoas chamadas por Deus para expor o evangelho aonde ele ainda não chegou, ou ainda não floresceu. Seria ideal pensar que em um projeto de plantio de igrejas houvesse uma equipe com irmãos nestas cinco diferentes funções. Em termos práticos, percebo que muitos ministros são mal-direcionados em seus ministérios, e também o permitem. Às vezes por falta de oportunidade ideal. Às vezes por falta de orientação. Tenho visto irmãos com claro chamado ministerial atuando em área distante deste seu perfil ministerial, e pagando por isto um alto preço de desânimo e descontentamento. Se um conselho pudesse ser dado seria este: cumpra o seu ministério para o qual Deus o chamou. Não se contente com nada menos que isto. Não negocie o seu chamado perante convites interessantes e propostas tentadoras. Nem mesmo o desejo do coração de entrar em uma zona de conforto. Lembre-se do seu compromisso com Deus.

Aos seminaristas e estudantes, tenho sugerido que se testem no campo da igreja local ou da rua, dos povoados ou dos condomínios nas metrópoles. Jovens

que sonham em plantar igrejas devem ir para onde a igreja não está. Transitar pelas ruas, conversar com incrédulos, se expor a um projeto (ou cooperação com um projeto) que vise plantar uma igreja onde a Palavra ainda não germinou. Em seis meses poderão compreender se este é realmente o chamado de Deus. Se esta é a direção e o que enche o coração. Conheço irmãos abençoados por Deus, com claro chamado ministerial, dons e talentos, mas que têm desanimado da caminhada, porque permanecem fazendo aquilo para o qual outro foi chamado. Responda à esta pergunta: à luz de Efésios 4, para o quê você foi chamado?

Meu pai, Gedeon Lidório, era pastor *poimenos*, ou pastor-pastor, como gosto de falar. Seu amor estava em acompanhar o rebanho. Conhecê-lo, andar com ele. Até o dia da sua morte, seu programa predileto era visitar os irmãos, saber de suas dores e ajudá-los. Eu era ainda seminarista e lembro-me de que ele constantemente me chamava para ficar postado à porta da igreja após o culto dominical. Seu sorriso largo ao ver cada crente passando. Um abraço e uma pergunta pessoal. Às vezes sobre alguém da família, uma situação no emprego ou algo mais particular. Seu prazer era conhecer o rebanho e caminhar com ele. Sua maior dor era partir para outro lugar.

Saber quem você é, qual o seu chamado, irá cooperar para o avanço do reino e também trará alegria ao seu coração.

capítulo 6

O ESPÍRITO SANTO E O PROCESSO DE PLANTIO DE IGREJAS

Planejei escrever o último capítulo deste livro como um reconhecimento de que, sem a ação do Espírito Santo, a compreensão teológica e os princípios bem aplicados não farão nascer uma igreja. Dependemos do Espírito para converter o coração, juntar o povo, levá-lo a adorar a Cristo e inflamá-lo a pregar o evangelho. E o vento sopra onde quer.

Se olharmos o crescimento da igreja em um panorama mundial perceberemos que o crescimento evangélico foi 1,5 % maior que o Islã na última década.[1] O evangelho já alcançou 22 mil povos nestes últimos dois milênios. Temos já a Bíblia traduzida hoje em 2.220 idiomas. As grandes nações que resistiam ao evangelho estão sendo fortemente atingidas pela Palavra, como é o caso da Índia e China, que em breve deverá hospedar a maior igreja nacional (e informal) sobre a terra. Um movimento missionário apoiado pela *Dawn Ministry* plantou mais de 10 mil igrejas-lares no Norte da Índia na última década, em uma das áreas tradicionalmente mais fechadas para a evangelização. No Brasil, menos evangelizado como o sertão nordestino, o norte ribeirinho e indígena e o sul católico e espírita, vemos grandes mudanças na última década, com nascimento de novas igrejas, multiplicação de movimentos evangelísticos e crescimento da liderança local. Patrick Johnstone nos informa que jamais tivemos um crescimento tão expressivo da igreja como em nossos dias.[2]

Duas perguntas poderiam surgir perante este quadro: qual a relação entre a expansão do evangelho e a pessoa do Espírito Santo ? E quais os critérios para uma igreja, cheia do Espírito, envolver-se com a expansão do evangelho do reino?

Em uma macrovisão, percebemos que esta relação poderia ser observada em três áreas distintas, porém, inter-relacionadas. Primeiramente por meio da essência da pessoa do Espírito e sua função na igreja de Cristo. Em segundo lugar, pela essência da pessoa do Espírito e sua função na conversão dos perdidos. Finalmente, pela clara ligação entre os avivamentos históricos e o avanço missionário.

A Revelação entre a expansão do reino e o Espírito Santo

A essência da pessoa do Espírito e sua função na igreja de Cristo

Em Lucas 24, Jesus promete enviar-nos um consolador, que é o Espírito Santo, e que viria sobre a igreja, em Atos 2, de forma mais permanente. Ali a igreja seria revestida de poder. O termo grego utilizado para "*consolador*" é "*parakletos*" e literalmente significa "*estar ao lado*".[3] É um termo composto por duas partículas: a preposição "*para*" — ao lado de — e "*kletos*", do verbo "*kaleo*", que significa *chamar*. Portanto, vemos aqui a pessoa do Espírito, cumprimento da promessa, habitando a igreja, chamado para estar ao seu lado para o propósito de Deus.

Segundo John Knox, a essência da função do Espírito Santo é estar ao lado da igreja de Cristo e fazê-la possuir a face de Cristo e espalhar o nome de Cristo.[4] Nesta percepção, o Espírito Santo trabalha para fazer a igreja mais parecida com seu Senhor e fazer o nome do Senhor da igreja conhecido na terra.

A essência da pessoa do Espírito e sua função na conversão dos perdidos

Cremos que é o Espírito Santo quem convence o homem do seu pecado.

O homem natural sabe que é pecador, porém apenas com a intervenção do Espírito ele passa a se sentir perdido. Portanto, em toda apresentação do evangelho, se o Espírito Santo não convencer o homem do pecado e do juízo, nossa exposição da verdade de Cristo não passará de uma apologia humana (1Ts 1.5).

Francis Shaeffer, em seu L'abri, ensinou a diferença entre a consciência de pecado e consciência de resgate. Todo ser humano possui uma consciência moral de erro. Ele afirmava que a consciência de imperfeição é inerente ao homem, e aceita pela mesmo. Isto, por outro lado, não o leva a se sentir perdido e necessitado de ser resgatado. Sem a intervenção e trabalho do Espírito, o homem natural não busca Deus. Não se sente necessitado de salvação ou perdão.

Todos já passamos por uma experiência evangelística em que apresentamos Cristo a alguém com o coração endurecido. Quem sabe observando o Cristianismo de forma crítica e com zombarias. E lhe apresentamos o mesmo evangelho uma, duas, cinco vezes. Na sexta, nada novo é falado. O mesmo evangelho é apresentado. Porém, neste momento, esta Palavra entra em sua mente, desce ao coração e gera quebrantamento, consciência de que está perdido e precisa de Deus. Há ali uma entrega pessoal ao Senhor Jesus. A pessoa do Espírito Santo, sua natureza e missão, é quem faz a diferença entre um ouvir acomodado do evangelho e sede de Deus, quebrantamento e entrega a Cristo.

A clara ligação entre os avivamentos históricos e os movimentos missionários

Se observarmos os ciclos de avivamentos perceberemos que a proclamação da Palavra torna-se uma conseqüência natural desta ação do Espírito.[5]

Como resultado de um avivamento, a partir de 1730, John Wesley, durante 50 anos, pregou cerca de 3 sermões por dia, a maior parte ao ar livre, tendo percorrido 175.000 km a cavalo pregando 40 mil sermões ao longo de sua vida.

Como resultado de um avivamento, em 1727, a igreja moraviana passa a enviar missionários para todo o mundo conhecido da época, chegando a enviar, ao longo de cem anos, mais de 3.600 missionários.

Como resultado de um avivamento, em 1784, após ler a biografia do missionário David Brainerd, o estudante William Carey foi chamado por Deus para alcançar os indianos. Após uma vida de trabalho conseguiu traduzir a Palavra de Deus para mais de 20 línguas locais.

Como resultado de um avivamento, em 1806, Adoniran Judson tem uma forte experiência com Deus e se propõe a servir a Cristo, indo depois para a Birmânia, onde é encarcerado e perseguido durante décadas, mas deixa aquele país com 300 igrejas plantadas e mais de 70 pastores.

Como resultado de um avivamento, em 1882, Moody pregou na Universidade de Cambridge e sete homens se dispuseram ao Senhor para a obra missionária e impactaram o mundo da época. Foram chamados "*os 7 de Cambridge*", que incluía Charles Studd.[6] Foi para a África, percorreu 17 países e pregou a mais de meio milhão de pessoas. Fundou a Missão de Evangelização Mundial (WEC International) que conta hoje com mais de 3.000 missionários no mundo.

Como resultado de um avivamento, em 1855, Deus falou ao coração de um jovem franzino e não muito saudável para se dispor ao trabalho transcultural em um país idólatra e selvagem. Vários irmãos de sua igreja tentavam dissuadi-lo dizendo: para que ir tão longe se aqui na América do Norte há tanto o que fazer? Ele preferiu ouvir a Deus e foi. Seu nome é Ashbel Green Simonton, que veio e atuou no Brasil na segunda metade do século 19 sendo o fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Como resultado de um avivamento, em 1950, no *Wheaton College*, 500 jovens foram chamados para a obra missionária ao redor do mundo a partir da pregação da Palavra. E obedeceram. Dentre eles estava Jim Elliot, que foi morto tentando alcançar a tribo Auca na Amazônia, em 1956, e do seu martírio houve um grande avanço missionário em todo o trabalho indígena. Outro destes jovens

é Russel Shedd, que abençoa o nosso país com fidelidade e integridade ao longo dos anos.

Tendo em mente, nesta macro-estrutura, os três níveis de relação entre o Espírito Santo e as missões, podemos observar alguns valores bíblicos sobre este tema, revelados em Atos 2, durante o Pentecostes.

O Pentecostes e a proclamação

O Espírito Santo é a pessoa central no capítulo 2 de Atos, e Lucas é justamente o autor sinóptico que mais fala sobre ele, utilizando expressões como "*ungido*" pelo Espírito, ou "*poder*" do Espírito ou ainda "*dirigido*" pelo Espírito demonstrado que, na teologia lucana, o Espírito Santo era realmente o "*Parakletos*" que viria.

O Pentecostes, dentre todas as festas judaicas, era, segundo Julius, o evento mais freqüentado e que acontecia sob clima de reencontros, já que judeus que moravam em terras distantes empreendiam nesta época do ano longas jornadas para ali estar no qüinquagésimo dia após a Páscoa.

Chegamos ao momento do Pentecostes. Fenômenos estranhos aos de fora e incomuns à igreja aconteceram neste momentos e a Palavra os resume como um som de "*vento impetuoso*" (no grego "*echos*", usado para o estrondo do mar). E "*línguas como de fogo*" que pousavam sobre cada um. Diz a Palavra que "*ficaram cheios do Espírito Santo*" e começaram a falar "*em outras línguas*". E Lucas fecha o versículo 4 com a expressão "*segundo o Espírito lhes concedia*".

Outras línguas. O texto no versículo 4 utiliza o termo "*eterais glossais*" para afirmar que eles falaram em outras "*glosse*", línguas, expressão usada para línguas humanas, idiomas. Mas, a fim de não deixar dúvidas, no versículo 8 o texto nos diz que cada um ouviu em sua "*própria língua*", usando aqui o termo "*dialekto*", que se refere aos dialetos ali presentes. As línguas faladas, e ouvidas no Pentecostes, portanto, eram humanas. Mas onde ocorreu o milagre? Naquele que falou ou nos ouvidos dos que ouviram? É possível que tenha sido nos ouvidos dos que ouviram, pois a mensagem pregada foi compreendida "*idia dialekto*" — no próprio dialeto de cada um. O certo, porém, é que Deus atuou sobrenaturalmente, a fim de que a mensagem do Cristo vivo fosse compreendida, clara e nitidamente, por todos os ouvintes.

Em meio a este momento atordoante (vento, fogo, som e línguas), o improvável acontece. Aquilo que seria apenas uma festa espiritual interna para 120 pessoas chega até as ruas. O caráter missiológico do evangelho é exposto. O Se-

nhor, com certeza, já queria demonstrar, desde os primeiros minutos da chegada definitiva do Espírito sobre a igreja que este poder – "*dinamis*" de Deus - não havia sido derramado apenas para um culto cristão restrito, a alegria íntima dos salvos, ou a confirmação da fé dos mártires.

O plano de Deus incluía o mundo de perto e de longe em todas as gerações vindouras e nada melhor do que aquele momento do Pentecostes quando 14 nações estavam ali presentes e, no meio desta balbúrdia da manifestação de Deus, cada um – milagrosamente – passou a ouvir o evangelho em sua própria língua.

Era o Espírito Santo mostrando, já na sua chegada, com que objetivo viria. Em um só momento, Deus fez cumprir não apenas o "*recebereis poder*", mas também o "*sereis minhas testemunhas*". A igreja revestida nasceu com uma missão: testemunhar sobre Jesus.

Daí muitos se convertem e a igreja passou de 120 crentes para 3 mil e depois 5 mil. Não sabemos o resultado daqueles representantes de 14 povos voltando para suas terras com o evangelho vivo e claro "*em sua própria língua*".

Após o sermão de Pedro, em que anuncia Cristo, o verso 37 diz que "*ouvindo eles estas coisas, compungiu-se-lhes o coração*"; e o termo usado aqui para compungir vem de "*katanusso*" que, segundo Meyer, é usado para uma "*forte ferroada*" ou ainda "*uma dor profunda que faz a alma chorar*". A Palavra afirma que "*naquele dia foram acrescentadas quase três mil almas*". O Espírito Santo usando o cenário do Pentecostes para alcançar homens de perto e de longe.

Podemos retirar daqui algumas conclusões bem claras. Uma delas é que a presença do Espírito Santo leva a mensagem para as ruas, para fora do salão, e alcança pessoas de fora.

Havia naquele lugar, ouvindo a Palavra de Deus por intermédio de uma igreja revestida de poder pelo Espírito Santo, homens de várias nações distantes, judaizantes, além de judeus de perto, que moravam do outro lado da rua. De terras distantes, pois havia "*partos, medos, e elamitas; e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília, o Egito e as partes da Líbia próximas a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes*", e que todos ouviram falar "*das grandezas de Deus*".

A ação do Espírito Santo não produz uma igreja enclausurada

Esta igreja cheia do Espírito Santo passa a crescer onde está e, em Atos 8, o Senhor a dispersa por todos os cantos da terra. E diz a Palavra que "*os que eram dispersos iam por toda parte pregando a palavra*".

Vicedon nos ensina que uma igreja cheia do Espírito é uma igreja missionária, proclamadora do evangelho, conduzida para as ruas.

A ação do Espírto Santo não produz uma igreja segmentada

Após a ação do Espírito sobre os 120, depois 3 mil, depois 5 mil, não houve segmentação, divisão ou grupinhos na igreja.

Eles eram diferentes. Alguns gostavam de adorar a Deus no templo, outros de casa em casa. Alguns eram judeus, outros judaizantes, outros gentios.

Alguns haviam caminhado com Jesus, outros jamais o viram pessoalmente.

Mas a igreja possuía "*um só coração e uma só alma*" como resultado direto da ação do Espírito Santo em Atos 2.

A ação do Espírito Santo não produz uma igreja autocentrada

Certamente uma igreja que havia experimentado o poder de Deus, de forma tão próxima e visível, seria impactada pelo sobrenatural.

Todavia, quando a ação sobrenatural é conduzida pelo Espírito Santo, a única pessoa que se destaca é Jesus, a única pessoa exaltada é Jesus, a única pessoa que aparece é Jesus. E o resultado é que outros passem a amar mais a Jesus.

Uma igreja plantada não é resultado de habilidade humana ou metodologia certeira, mas fruto da ação do Espírito que convence o homem do pecado e do juízo. A dependência da ação do Espírito é, portanto, condição necessária e fundamental para sonharmos ver igrejas nascendo, em Cristo, para Deus.

CRÔNICA DO SEMEADOR

Permita-me encerrar este livro com uma crônica que aqui chamarei de "*crônica do semeador*".[1] Isto porque, na condução do tema, jamais podemos nos esquecer do cuidado pastoral, da necessidade de encorajamento aos que plantam igrejas.

Lendo a parábola do semeador e o salmo 126 lembrei-me de muitos amigos e vários missionários. Veio forte a cena dos semeadores de hoje. Aqueles que falam de Jesus, visitam de casa em casa, servem o caído, cuidam do enfermo e enfrentam seus medos.

Alguns lutam a vida inteira contra problemas maiores que eles. É a seca do sertão que causa fome, miséria e exclusão social, do corpo e da mente. As famílias carentes e outras sem teto que parecem se multiplicar a cada dia nas grandes cidades. A enfermidade e epidemias que assolam, sem piedade, justamente os lugares com menos assistência de saúde.

Alguns trabalham longe, aprendendo línguas complexas, estudando a cultura de um povo diferente, com clima diferente, sempre mais um lugar a chegar e uma nova barreira a ultrapassar. Outros trabalham perto, lutam nas selvas de pedra. Seu povo não-alcançado encontra-se em condomínios fechados, no frenesi das ruas, hospitais lotados, escolas e cárceres. Falam de Jesus e saem de casa orando por oportunidades diárias — e não as perde.

O salmo 126 nos fala sobre a relação entre a caminhada e o choro. Quem sai andando e chorando enquanto semeia voltará para casa com alegria trazendo seus feixes, o fruto do trabalho. Para cumprirmos o ministério que Jesus nos confiou é necessário andar e chorar. E é certo que muitos fazem ambas as coisas. Tantas idas e vindas, caminhos incertos, a impressão de que há sempre mais um passo a dar, alguém a ajudar, uma pessoa a evangelizar. E as lágrimas, que descem abundantes com a saudade que bate, a enfermidade que chega, o abraço que não chega, o fruto que não é visível, o coração que já amanhece apertado, o caminho que é longo demais.

Creio que temos andado e chorado. Mas voltaremos um dia, trazendo os frutos, apresentando ao Cordeiro e dando glória a Deus! Poderá ser amanhã, ou em algum momento ainda distante. Mas ainda não é hora de voltar. É hora de seguir, andando e chorando, com alegria no coração e sabendo que não trocaríamos esta viagem por nenhuma outra na vida. O grande consolo e motivação é que não andamos sós. Ele está conosco. E maior é aquele que está em nós. Portanto, não desistimos, olhando o horizonte que se aproxima e trazendo à memória o que pode nos dar esperança.

Guarde seu coração enquanto anda e chora. Não perca a alegria de viver e caminhar, nem a mansidão, nem a oração, ou o humor, ou o amor. Não deixe de semear mesmo quando está difícil. Lance a semente em todas as terras. Uma semente há de germinar e talvez a mais improvável. A que menos promete. Não dê ouvidos àquele que diz que não vai acontecer porque a terra é árida, você é incapaz, o povo nunca muda, o problema é grande demais, o sol é forte e o vento está chegando. Lance a semente.

Lançamos as sementes que o Senhor nos deu e quase sempre há um preço alto a pagar, por isto choramos enquanto semeamos. Tenho observado os semeadores. Uma enfermeira brasileira atendeu 221 pessoas em um só dia na África sob um calor de 42 graus durante 17 horas ininterruptas. Era uma epidemia que chegava e os próximos dias seriam mais difíceis. No Marrocos, um missionário Britânico, para trabalhar com os moradores do lixo, passou também a viver no lixo, durante anos e anos. Um jovem Ganense viajou todo seu país alertando sobre a AIDS, de bicicleta e só, com um sorriso nos lábios. Era ele mesmo portador do HIV. Um pregador de rua, falando em uma praça em Manaus, incansável durante horas em uma segunda-feira à tarde. Gritava e dizia: hoje é meu dia de folga, e estou aqui e não em casa, porque vocês são importantes para Deus. As sementes são diferentes. Para lançá-las é preciso chorar, pois freqüentemente há um preço a pagar. Um pagou com o suor, outro com a abnegação, ainda outro dedicou seu tempo e o último entregava seu único dia de folga. Pague o preço, lance a semente e sirva a Jesus.

Abrace o que também anda e chora que está ao seu lado. Ele talvez se sinta só e pense que é o único que chora enquanto caminha.

Andar e chorar é cumprir a missão. É também um grande privilégio. Um dia você voltará... mas talvez não seja hoje. Se você pensou em desistir da sua caminhada e o coração, abatido, não encontra mais prazer em semear, olhe para o alto e faça um compromisso com seu Deus: mesmo chorando, andarei um pouco mais! Sim, haverá o dia de voltar... mas ainda não chegou. Na força do Senhor continue a caminhar... e chorar... e semear... e sorrir, porque estamos aqui, na lavoura do Pai. Não há lugar melhor.

TRABALHOS CITADOS

1. Barley, J. *Key Words of the New Testament*. Londres: United Press, 1955.
2. Barro, Jorge. *Uma Igreja sem Propósito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
3. Bonhoeffer, Dietrich. In *Letters and Papers from Prison*. Nova York: Macmillan, 1953.
4. Bosch, David Jacobus. *Transforming Missions: paradigm shifts in theology of mission*. Maryknoll, Nova York: Orbis, 1991, pág.201.
5. _____. "The Structure of Mission: an exposition of Matthew 28.1-20". In Shenk, Wilbert (org.). *Exploring Church Gowth*. Grand Rapids, Eerdmans, 1983, págs.218-248.
6. Bruman, G. *Preaching and Learning*. Londres: United Press, 1991.
7. Calvino, João. *Preaching and Faith*. UFT Publications, 1940.
8. Cloud, Henry & Townsend, John. *How People Grow*. Grand Rapids: Zondervan, 2001.
9. Garrison, David. *Church Planting Movements*. Richmond: International Mission Board of the Southern Baptist Convention, 1999.
10. Green, Michael. "Methods and Strategy in the Evangelism of the Early Church". In J. D. Douglas (org.). *Let the Earth Hear His Voice*. International Congress on World Evangelization. Minneapolis: World Wide Publications, 1975, págs.159-172.
11. _____. *Evangelização na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
12. _____. *The Message of Matthew*. Inglaterra: InterVarsity Press, 1988.
13. Grubb, Norman. *C. T. Studd: Cricketer and Pioneer*. Lutterworth Press, 2003.
14. Hesselgrave, David. *Essential Elements of Church Planting and Growing in the 21st Century*.MSC. Vol. 36. Nº 1.
15. _____. *Plantar Igrejas*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
16. _____. *Today's Choices for Tomorrow's Mission: An Evangelical Perspective on Trends and Issues in Missions*. Grand Rapids: Zondervan, 1988.
17. Hibbert, Richard. *A Survey and Evaluation of Contemporary Evangelical Theological Perspective on Church Planting*. Tese de Ph.D. em Estudos Interculturais. Trinity International University, 2004. Não publicada.
18. Hiebert, Paul & Hiebert, Meneses, Eloise. *International Ministry: Planting Churches in Band, Tribal, Peasant, and Urban Societies*. Grand Rapids: Baker Book House, 1996.
19. McIntosh, Gary (org.). *Evaluating the Church Movement – 5 views*. Grand Rapids: Zondervan, 2004.

20. Johnstone, Patrick. *The Church is Bigger than you think.* Fearn, Reino Unido: Christian Focus, 1998.
21. Kimball, Dan. *They Like Jesus but not the Church.* Grand Rapids: Zondervan.
22. Lidório, Ronaldo. *Com a mão no arado.* Venda Nova: Betânia, 2006.
23. _____. *Unafraid of the Sacred Forest.* Reino Unido: Christian Focus, 2007.
24. _____. *Indígenas do Brasil.* Viçosa: Ultimato, 2005.
25. Lings, George. *Mission-shaped church theology.* In www.encountersontheedge.org.uk.
26. Lopes, Augustus Nicodemus Gomes. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
27. Macchia, Stephen. *Becoming a Health Church.* Grand Rapids: Baker Books, 1956.
28. Malphurs, Aubrey. *Planting Growing Churches for the 21st. Century.* Grand Rapids: Baker Books, 1998.
29. McGavran, Donald. *Reaching People Through New Congregations – Church Growth Strategies That World.* Nashville: Abingdon Press, 1980.
30. Murray, Stuart. *Church Planting: Laying Foundations.* Carlisle, Cumbria: Paternoster, 1998.
31. Newbigin, Lesslie. *The Other Side of 1984: The Gospel and Western Culture.* Genebra: WCC Publications, 1984.
32. Nicholls, Bruce J. *Contextualização: Uma Teologia do Evangelho e Cultura.* Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983.
33. Norgan, K. *Sharing the Gospel.* Inglaterra, 1996.
34. Ramos, Ariovaldo. *Nossa Igreja Brasileira.* São Paulo: Hagnos, 2003, pág.22.
35. Reifler, Hans Ulrich. *Antropologia Missionária para o Século XXI.* Londrina: Descoberta, 2003.
36. Simonton, Ashbel Green. *O Diário de Simonton.* 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, págs.179-184.
37. Stott, John. "The Living God is a Missionary God". In *Perspectives on the World Christian Movement.* Org. Ralph Winter & Steven Hawthorne. Pasadena: William Carey Library, 1981.
38. _____. *A Mensagem de Atos.* São Paulo: ABU, 1994, pág.243.
39. Tippett, Alan. *Bibliography for Cross-Cultural Workers.* Pasadena, William Carrey Libray, 1971.
40. Van Engen, Charles. *Footprints of God: a narrative theology of mission.* Monrovia, Califórnia, 1999.
41. Verkuyl, J. *Contemporary Missiology: An Introduction.* Grand Rapids: Eerdmans, 1978.
42. Vicedom, George. *The Mission of God.* St. Louis: Concordia, 1965.
43. Wilbur, Odonovan Jr., *O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana.* São Paulo: Vida Nova, s/d.
44. Woodford, Brian. *One Church, Many Churches: A Five-Model Approach to Church Planting and Evaluation.* WEC Press, 1997.
45. Wright, Robin (org.). *Transformando os Deuses – Os Múltiplos Sentidos da Conversão entre os Povos Indígenas no Brasil.* Campinas: Unicamp, 1999.

NOTAS

Introdução

1. Bosch, David Jacobus. *Transforming Missions: paradigm shifts in theology of mission.* Maryknoll, Nova York: Orbis, 1991, pág.201.
2. Green, Michael. *Evangelização na Igreja Primitiva.* São Paulo: Vida Nova, 2000. Michael Green é um evangelista internacional, pastor e professor de Novo Testamento, e pesquisador sênior da *Wycliffe Hall*, em Oxford, Inglaterra.
3. Calvino, João. *Preaching and Faith.* UFT Publications, 1940.
4. Stott, John. "The Living God is a Missionary God". In *Perspectives on the World Christian Movement.* Org. Ralph Winter & Steven Hawthorne. Pasadena: William Carey Library, 1981.
5. Vicedom, George. *The Mission of God.* St. Louis: Concordia, 1965.
6. Bonhoeffer, Dietrich. In *Letters and Papers from Prison.* Nova York: Macmillan, 1953.

Capítulo 1 – Teologia bíblica de plantio de igrejas

1. Lings, George. *Mission-shaped church theology.* Em www.encountersontheedge.org.uk.
2. Hesselgrave, David. *Essential Elements of Church Planting and Growing in the 21st Century.* MSC. Vol. 36. Nº 1.
3. Van Engen, Charles. *Footprints of God: a narrative theology of mission.* Monrovia, Califórnia, 1999.
4. "John Knox and the Church of Scotland". In *Christianity*, Londres. Vol. 3, 1915.
5. Lopes, Augustus Nicodemus Gomes. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.* São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
6. Newbigin, Lesslie. *The Other Side of 1984: The Gospel and Western Culture.* Genebra: WCC Publications, 1984.
7. In McIntosh, Gary (org.). *Evaluating the Church Movement – 5 views.* Grand Rapids: Zondervan, 2004.
8. Hesselgrave, David. *Today's Choices for Tomorrow's Mission: An Evangelical Perspective on Trends and Issues in Missions.* Grand Rapids: Zondervan, 1988.
9. Hibbert, Richard. *A Survey and Evaluation of Contemporary Evangelical Theological*

Perspective on Church Planting. Tese de Ph.D. em Estudos Interculturais. Trinity International University, 2004. Não publicada.

10. Simonton, Ashbel Green. *O Diário de Simonton*. 2ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, págs.179-184.

Capítulo 2 – Teologia bíblica da contextualização

1. *Kerychtesetai* – e será proclamado de forma inteligível.
2. *Martyria* (testemunho) – indica uma ação informal de vida, enquanto *kerygma* (proclamação) pressupõe uma pregação mais sistemática do evangelho.
3. *Reformed Church Publications*. Toronto, 1937.
4. Sören Aabye Kierkegaard (1813 – 1855) foi teólogo e filósofo dinamarquês do século 19, considerado o "pai" do Existencialismo.
5. O *Pacto de Lausanne* (Suíça, 1974) foi formado por 15 declarações com fundamentação bíblica que manifestaram a soberania de Deus, sua revelação dogmática e seu propósito na terra. Pode ser lido, integralmente, em www.lausanne.org.
6. Os judeus se consideravam "filhos da promessa" feita por Deus a Abraão, em uma visão véterotestamentária. No Novo Testamento, entretanto, os membros da igreja cristã são identificados como "filhos da promessa" (Rm 9.8; Gl 4.28), "filhos do reino" (Mt 13.38) e "filhos da luz" (Lc 16.8; Ef 5.8).
7. Tippett, Alan. *Bibliography for Cross-Cultural Workers*. Pasadena, William Carrey Libray, 1971.
8. Veja Nicholls, Bruce J. *Contextualização: Uma Teologia do Evangelho e Cultura*. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983.

Capítulo 3 – A igreja e sua missão no plantio de igrejas

1. Green, Michael. *The Message of Matthew*. Inglaterra: InterVarsity Press, 1988.
2. Johnstone, Patrick. *The Church is Bigger than you think*. Fearn, Reino Unido: Christian Focus, 1998.
3. Hibbert, Richard. *Obra citada*, pág.32.
4. *Ekklesia Thesalonikeon* pode ser traduzido por "igreja dos que são de Tessalônica", indicando que se refere àqueles que formam a igreja local, não o local em si.
5. Este *chronous kai kairous* é uma formação textual rara que evoca, ao mesmo tempo, o tempo de Deus e o tempo humano.
6. *en Antiocheia* é a expressão usada para demonstrar que *ekklesia* era aqui usada no sentido de igreja local. Não se refere, portanto, a qualquer ajuntamento de igrejas, como pensam alguns, mas a uma comunidade local.
7. Barley, J. *Key Words of the New Testament*. Londres: United Press, 1955.
8. Bruman, G. *Preaching and Learning*. Londres: United Press, 1991.
9. "Disse" – *eipen* – vem de *lego*: falar, comunicar-se. Pode ser usado tanto para uma comunicação direta quanto por intermédio de um mensageiro. Alguns exegetas afirmam que, para esclarecer o fato de o Espírito ter falado à igreja, Lucas afirmou, no versículo 1, a existência de profetas e mestres na comunidade. Outros defendem que, por deixar indefinido "por intermédio de que" o Espírito falou, provavelmente haveria falado por

meio de uma unânime convicção de chamado nos corações da igreja e liderança em relação a Paulo e Barnabé. Algo que Lucas deixou bem claro, porém, é a postura da igreja que ouviu: ela estava em jejum e orando.

10. *Proskeklemai* (de *Kaleo*): chamar com um propósito. Possivelmente, o propósito não fora mencionado por ser plenamente conhecido de toda a igreja: a expansão do evangelho entre os não-alcançados.
11. Stott, John. *A Mensagem de Atos*. São Paulo: ABU, 1994, pág.243.
12. Norgan, K. *Sharing the Gospel*. Inglaterra, 1996.
13. *Apoluo* também pode ser usado no sentido de "liberar", "soltar", "permitir que vá".
14. Seria melhor o uso da expressão "pró-eclesiástica" e não "para-eclesiástica", uma vez que se refere a organizações que, sendo também igreja, trabalham de mãos dadas com as comunidades locais.
15. Bosch, David Jacobus. *Obra citada,* pág.370.

Capítulo 4 – Estratégias para o plantio de igrejas – Parte 1

1. Green, Michael. "Methods and Strategy in the Evangelism of the Early Church". In J. D. Douglas (org.). *Let the Earth Hear His Voice*. International Congress on World Evangelization. Minneapolis: World Wide Publications, 1975, págs.159-172.
2. *New Frontiers*, Nova York, 1972.
3. Declaração de Wheaton, 1966, pág.467; Moreau, 2000a, pág.223.
4. Barro, Jorge. *Uma Igreja sem Propósito*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.
5. Ramos, Ariovaldo. *Nossa Igreja Brasileira*. São Paulo: Hagnos, 2003, pág.22.
6. Missiólogo e plantador de igrejas nos Estados Unidos, que tem servido como consultor para desenvolvimento de estratégias de plantio de igrejas (e trabalho em equipe) em diversas organizações missionárias. Seu site www.dickscoggins.com provê uma série de artigos e ensaios a respeito do assunto.
7. O rev. Ceny Tavares atualmente pastoreia a *Reformed Church in America*, em Toronto, no Canadá, há seis anos de ministério, tenho já plantado cinco igrejas em diferentes lugares do país. Veja www.vidanova.ca.
8. www.lideranca.org
9. O rev. Ricardo Agreste da Silva é mestre em Missões Urbanas pelo *Calvin Theological Seminary* e professor do Seminário Presbiteriano do Sul. É plantador da Comunidade Presbiteriana Chácara Primavera, em Campinas, e coordenador do Projeto Timóteo, um ministério com jovens pastores.
10. www.juvep.com.br
11. Cloud, Henry & Townsend, John. *How People Grow*.Grand Rapids: Zondervan, 2001.

Capítulo 5 – Estratégias para o plantio de igrejas – Parte 2

1. Kimball, Dan. *They Like Jesus but not the Church*. Grand Rapids: Zondervan. Veja o site www.theylikejesus.com.
2. Para um contexto étnico definido, especialmente animista, proponho a utilização do método *antropos* na análise cultural da população local e na construção da comunicação do evangelho em contexto intercultural. Para mais detalhes, visite o site www.antropos.com.br.

3. http://www.lideranca.org./cgi-bin/index.cgi.
4. Rubens Muzio é mestre em teologia Pastoral pelo *Calvin Theological Seminary* e doutor em Teologia Pastoral pelo *Westminster Theological Seminary*. É professor da Faculdade Teológica Sul Americana e coordenador do Brasil 2010 no Sul do país.
5. http://www.rubensmuzio.org.
6. Leia o artigo integral em http://www.rubensmuzio.org.
7. CTPI – Centro de Treinamento de Plantadores de Igrejas – www.ctpi.org.br.
8. A palavra cosmovisão indica a maneira como se vê e se interpreta o universo e as coisas que nos cercam.
9. O *euaggelion*, ou boas-novas, aponta para uma mensagem, cujo conteúdo final é a própria pessoa de Jesus Cristo.
10. Cloud, Henry & Townsend, John. *Obra citada.*
11. Hibbert, Richard. *Obra citada,* pág.55.
12. Hesselgrave, David. *Plantar Igrejas*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
13. O rev. Manoel de Oliveira Jr., 41 anos, é pastor ligado à *Presbyterian Church in America*, mestre e doutor em Ministério Urbano pelo *Gordon Cowell Theological Seminary* e plantador de igrejas.
14. O rev. Samuel Vieira é bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ. É professor de Antropologia e Pós-modernismo no Seminário Presbiteriano Brasil Central, em Goiânia, e pastor da Igreja Presbiteriana de Anápolis – GO.
15. O termo grego se refere à convocação: o desejo do mestre, ou general, convocando pessoas para servi-lo em um contexto específico.

Capítulo 6 – O Espírito Santo e o processo de plantio de igrejas

1. Há um progressivo avanço do Cristianismo sobre o Islamismo a partir da forte entrada missionária em países islâmicos bem como o fortalecimento do Islamismo radical que tem enfraquecido o apelo do Islã no mundo.
2. Johnstone, Patrick. *Obra citada.*
3. Ou "permanecer ao lado de alguém". O *parakletos* era um ajudador, um colaborador para que alguma missão ou propósito pudesse acontecer.
4. Murray, Stuart. *Church Planting: Laying Foundations*. Carlisle, Cumbria: Paternoster, 1998.
5. Stott, John. *Obra citada*, pág.54.
6. Um dos maiores desportistas do final do século 19. Milionário, abandonou a fortuna e fama para se dedicar à obra missionária na África. Foi o fundador da *WEC International* – Missão AMEM no Brasil.

Conclusão – Crônica do semeador

1. Lidório, Ronaldo. "Crônica do Semeador". *Revista Ultimato*, 2007.